



# QUARESMA

LENA E JORGE FONTAÍNHAS  
(CASAL RESPONSÁVEL PELA COMUNICAÇÃO)

O tempo da Quaresma é um tempo de nos aconchegar-mos em Deus. Tempo de reflexão propício a tomar-mos consciência do nosso pecado, da nossa ignorância, da pouca coisa que somos. Tempo de penitência, de participação, interiormente aceite, no sofrimento do Messias Redentor. Tempo de descoberta da verdade sobre nós mesmos e da verdade da nossa relação com Deus

Mas também tempo de perdão. Como posso eu obter o perdão a que aspiro, que desejo fortemente e de que necessito, se não perdoar ao meu irmão, se não me perdoar a mim mesmo? Tempo de aprofundamento do amor. Posso eu amar Cristo, que não vejo, se não amo o meu irmão, que vejo? (1 Jo 4, 20)

É tempo para exame de consciência. Tempo para, no aconchego de Deus, mergulhar na zona mais silenciosa e menos acessível do nosso ser, no fundo mais fundo do nosso coração, lá onde Ele nos escuta, lá onde Ele habita (Padre Caffarel). De meditar e contemplar.

É tempo de oração e de conversão, de fazer o bem que queremos e não fazermos o mal que não queremos

*Tempo de descoberta do caminho para uma certa sabedoria através da introspecção e da revisão dos valores que nos conduzem.*

(Rom 7, 19), de recusarmo-nos, esvaziarmo-nos para que Cristo viva em nós. – “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gal 2, 20).

Tempo de descoberta do caminho para uma certa sabedoria através da introspecção e da revisão dos valores que nos conduzem. Já o filósofo dizia que “jamais terei acesso à verdade sem uma experiência de purificação, de meditação, de exame de consciência (Sócrates).

Uma das três atitudes que nos são propostas todos os meses é mesmo que procuremos o conhecimento sobre nós próprios para que nos possamos mostrar, aos outros e a nós, como realmente somos. O “conhece-te a ti mesmo” é uma tarefa nada fácil mas, mais uma vez a acreditar no mesmo filósofo. Modifica a nossa relação connosco, com os outros, com o mundo e (isso ele não disse) certamente com Deus.

A vida do nosso companheiro de caminhada, este ano, S. Paulo, ilustra um pouco esta ideia. Como fariseu, tinha adoptado um comportamento totalmente coerente com essa sua verdade. A fascinante revelação da verdade de Cristo, que ele odiava porque desconhecia, perturba-o mas aceita-a imediatamente. Travou um novo conhecimento consigo num novo contexto e isso mudou completamente a sua relação com o que era, com os outros, com o mundo. E iniciou uma relação com Cristo. Uma relação tão coerente no amor como tinha sido no ódio, amor que cresceu e se tornou apaixonado,

transformando o homem e os outros homens e mulheres com quem conviveu.

A verdade do conhecimento sobre si próprio, relata-a ele nos Actos dos Apóstolos (Fil 3, 5-6). A sua vida foi um sofrer com Cristo, também um morrer com Cristo para a salvação de muitos. Mas a história tem um final feliz: Cristo ressuscitou!

E porque Ele ressuscitou, o sofrimento de S. Paulo e o nosso sofrimento, mesmo quando é intenso e inexplicável, passou a ter um sentido. Alguém me dizia, no outro dia, que era cristão porque era um apaixonado de vida eterna.

### Adesão dos equipistas à Associação dos amigos do Padre Caffarel

O Secretariado **ens@ens.pt** está disponível para facilitar o processo de transferência de verbas para o respectivo pagamento. Lembramos que as quotas anuais fixadas para 2007 são as seguintes:

- Membro associado – 10 euros;
- Casal associado – 15 euros;
- Membro benfeitor – igual ou superior a 25 euros.

Para facilitar estes pagamentos em Portugal o Secretariado disponibiliza a conta com o NIB: **0018 0000 2088 9653 0016 4**

Após a transferência basta enviar cópia do respectivo comprovativo para o Secretariado com a identificação (nome e equipa) e indicação de que se trata do pagamento de quotas da Associação Padre Caffarel.



# DO PROBLEMA À SOLUÇÃO

PADRE ANTÓNIO JANELA (CONSELHEIRO ESPIRITUAL DA SUPRA-REGIÃO)

*A procura da santidade no matrimónio não constitui, por certo, novidade na vida da Igreja, pois nela é uma constante.*

Como, desta vez, não recebi qualquer orientação quanto ao tema a tratar neste número da *Carta*, resolvi, por minha conta e risco, indagar sobre uma expressão que já o próprio Padre Caffarel, num texto “profético” da Carta Mensal das Equipas de Nossa Senhora, em Junho de 1950, qualificava como “problema”. Refiro-me à palavra “espiritualidade”. Escrevia, então, o Padre Caffarel: “*convém não se enganar acerca do que ela significa. Certamente não é a fuga no sonho ... A quem vos perguntar: ‘Que são as vossas Equipas de Nossa Senhora?’ responderéis certamente: ‘grupos de espiritualidade’. As reacções suscitadas por esta definição, como tereis observado, são muito variadas. Nem todas são de interesse ou de simpatia*”. E o autor passa, de seguida, a tipificar algumas dessas reacções, levantando a questão: “*como dissipar os equívocos?*”

Sem dúvida, torna-se necessário precisar bem o que a palavra espiritualidade designa, nomeadamente quando nos referimos à espiritualidade conjugal e familiar. A espiritualidade – assim a define o Padre Caffarel – “*é a ciência que trata da vida cristã e dos ca-*

*minhos que levam ao seu pleno desenvolvimento. Ora, a vida cristã integral não é só adoração, louvor, ascese, esforço de vida interior. É também serviço a Deus, no lugar destinado por Ele: família, profissão, Cidade ... Os casais que se agrupam para se iniciarem à espiritualidade, longe de procurarem meios para fugir do mundo, esforçam-se por aprender como, a exemplo de Cristo, servir a Deus, em toda a sua vida e em pleno mundo*”.

Na existência cristã dentro do matrimónio, globalmente considerada, podemos, de facto, contemplar dois âmbitos relativamente distintos, embora habitualmente ligados entre si:

\* primeiro, a *espiritualidade conjugal* ou do casal, que se realiza na relação entre homem e mulher no matrimónio e que é caracterizada e assinalada pelo sentimento amoroso e, como consequência, pela dimensão afectiva e pela integração recíproca no plano da sexualidade e da vida comum, mas sobretudo pelo sacramento. Os cônjuges cristãos não são apenas o testemunho de um amor humano total e fiel, mas também

“significam o mistério de unidade e de amor fecundo entre Cristo e a Igreja” (Ef 5, 32; LG 11). É o próprio amor humano, em todas as suas autênticas manifestações, que “é assumido no amor divino, e é guiado e enriquecido pelo poder redentor de Cristo e pela acção salvífica da Igreja” (GS 48), até fazer do pacto nupcial um “sacramento”, e da vida conjugal uma espécie de consagração;

- \* ligada à espiritualidade conjugal temos a *espiritualidade da família* que se estende, através da paternidade e da maternidade, à relação entre pais e filhos, definida pela dimensão afectiva paternal ou maternal e filial e em consonância com as diversas idades.

Nesta perspectiva, a *espiritualidade conjugal e familiar* apresenta-se como o caminho pelo qual a vocação à santidade, que é comum a todos os fiéis (LG 39 ss), se realiza na específica condição vital do matrimónio e da família; não *acima* dela, nem tampouco apenas *através* dela, mas pura e simplesmente *nela*. A vida conjugal, o “aqui e agora” constituído pelo cônjuge, pelos filhos, pela profissão, pela casa, pela cidade – numa palavra, por todo o complexo de realidades humanas que constituem a substância da vida de família – são o “lugar”, muito mais teológico do que sociológico, em que Deus expressa o Seu convite à santidade e a propõe como Sua “imagem”, de que a família cristã, de algum modo, é destinada a expressar e traduzir no seu âmbito específico (GS 49).

Algumas características fundamentais definem a espiritualidade da família e evidenciam a sua originalidade e novidade. Primeiramente, é uma *espiritualidade do casal*; não no sentido de excluir do seu horizonte os outros membros da família, quando eles existem – em particular, os filhos – mas porque, entre os baptizados que constituem esta comunidade que é a família cristã, somente os esposos fazem o pacto sacramental que os transforma numa entidade nova, instrumento de uma vocação a serem, cada vez mais, “os dois uma só carne” (Gn 2, 24). Caminhar para uma unidade cada vez mais profunda, na certeza de que Cristo é o autor e a plenitude desta unidade, constitui o itinerário fundamental da espiritualidade conjugal. O matrimónio dos cristãos é, assim, enquanto estes são chamados a uma santidade que é, ao mesmo tempo, dom de Deus e resposta dos esposos no compromisso de testemunhar, existencialmente, entre os homens o vínculo, de outro modo indecifrável, mediante o qual Cristo e a Igreja são “dois em um” (Ef 5, 32).

Tipicamente *laical*, a espiritualidade conjugal e familiar expressa-se através das realidades deste mundo (LG 31). Estas são, por um lado, os instrumentos mediante os quais o Espírito Santo chama incessantemente os esposos para caminhar juntos em busca do Amor, e, por outro, a “matéria” de um ofertório quotidiano, de uma “liturgia da vida”, que assume e resgata na pessoa de Cristo o “mundanismo” dos acontecimen-

tos e dos sentimentos humanos, ou seja, o amor, a sexualidade e a fecundidade, de um lado e, de outro, a casa, o trabalho, a política, a alegria, a dor ... Trata-se, pois, de uma espiritualidade *encarnada* em que ocupam lugar singular o amor e a sexualidade, já que definem a essência humana do matrimónio e, justamente por isso, são instrumento da sua própria substância sacramental.

A procura da santidade no matrimónio não constitui, por certo, novidade na vida da Igreja, pois nela é uma constante. Em cada época histórica e em cada ambiente cultural e social, houve sempre casais cristãos que experimentaram a sua existência como sendo uma dimensão de fé, de amor, de serviço de Deus. Mas, pela acentuação da dimensão monástica e clerical, ocorrida principalmente a partir da Idade Média, deu-se a inevitável subvalorização da dimensão especificamente nupcial da vida laical, como se esta fosse necessariamente uma forma subalterna da existência cristã. É preciso pular quase que dos primeiros séculos até à época contemporânea para encontrar uma espiritualidade conjugal e familiar não já apenas vivida – e só tão recentemente canonizada – como criticamente analisada e conscientemente divulgada. E, aí, se destaca o papel incontornável do pensamento e acção do Padre Caffarel, com a sua intuição de que à espiritualidade do casal não pode faltar um sopro *eclesial*, sob pena de perder, ao longo da vida, força e vitalidade, se não che-

gar até mesmo à esterilidade. Esta consciência é parte do caminho percorrido pela comunidade cristã com a ajuda tanto da reflexão teológica quanto de experiência concreta da vida de casais cristãos em equipa. O método do encontro fraterno, do intercâmbio generoso, dos dons de cada um, da disponibilidade recíproca, determina uma experiência de comunhão que induz o grupo e os que nele se alimentam, a abrir-se à comunidade local, mais ampla, e assumir os seus problemas. Mas isto seria um tema que já extravasa os limites do espaço aqui disponível.

Neste tempo em que preparamos a Páscoa anual, ou já a estamos a viver, é bom termos presente que a espiritualidade conjugal nasce da *fé*, vive na *esperança* e expressa-se na *caridade*. Fundamento de toda a espiritualidade cristã, a *fé*, a *esperança* e a *caridade* são acolhidas como dom do Espírito e vividas de modo peculiar no âmbito da vida de casal e familiar. A *fé* torna-se confiança e fidelidade a Deus e ao outro; a *esperança*, esforço pela construção do Reino e pela realização da justiça através do testemunho e da presença do casal e da família; a *caridade*, dom recebido do Espírito, aceite e difundido entre os irmãos e na comunidade, enquanto a Palavra de Deus alimenta a *fé*; a conversão e o arrependimento sustentam a *esperança*; a vivência da comunhão conjugal e familiar restitui o seu sentido profundo à Eucaristia e converte-a realmente em acção de graças.



# 70 ANOS DAS ENS AO SERVIÇO DO AMOR

ANA E VASCO VARELA  
(CASAL RESPONSÁVEL SUPRA-REGIONAL)

## *Queridos amigos,*

Neste início de 2009, iniciamos também o ano de comemoração dos 70 anos da primeira equipa, criada pelo Padre Caffarel, e quatro casais, em 25 de Fevereiro de 1939, data da sua primeira reunião.

**Gostávamos pois de aproveitar esta ocasião para, colectivamente, tomarmos mais consciência da actualidade da proposta do Movimento e da validade do método que propõe.**

De facto, nas ENS caminhamos para a Santidade com a ajuda de um Método: Pontos Concretos de Esforço e Partilha. Com este método tentamos desenvolver as três **Atitudes** de Vida que abrangem a totalidade das nossas relações (relação connosco, com Deus e com os outros). O Método realiza-se numa Vida em **Comunidade** e conduz-nos ao **Serviço**.

**É de facto uma proposta actual pois é, porventura, ainda mais necessária agora que há 70 anos.**

As **ATITUDES DE VIDA** (I) que os Pontos Concretos de Esforço nos ajudam a desenvolver, são, como bem

sabemos, conhecermo-nos e darmos-nos a conhecer com **Verdade** (relação connosco), conhecermos a **Vontade de Deus** sobre cada um de nós e o nosso casal (relação com Deus), ir ao **Encontro** dos outros gerando a **Comunhão** (relação com os outros). São um ponto de partida para uma caminhada, mas simultaneamente um bom suporte para todo o percurso.

Uma **VIDA EM COMUNIDADE** (II), baseada na entreatura real e no testemunho verdadeiro, é hoje também ainda mais necessária para um casal cristão, pois a nossa relação com Deus constrói-se na relação com os outros.

Ora, num mundo cada vez mais pagão, isto torna-se cada vez mais difícil e esta graça de nos podermos encontrar com outros que partilham a mesma fé reunindo-nos em nome de Cristo é de grande ajuda para as nossas vidas. Dá-nos alento e apoio e reforça em nós o desejo de ir mais além porque não estamos sós. Simultaneamente ajuda-nos a nos co-res-

ponsabilizarmos pelo caminho dos outros, não nos deixando esquecer que uma vida em comunidade é uma vida de partilha e entreadjudada em que damos e recebemos, em que puxamos e somos puxados, em que amamos e somos amados.

Esta vida em pequena comunidade de fé suporta-nos e prepara-nos para o **SERVIÇO DO AMOR** (III) (o amor em casal, a Deus e aos outros). A nossa primeira missão é com certeza com o nosso cônjuge, na nossa Família, mas também fora dela. Por isso o Padre Caffarel falava de abnegação, ou seja, de centrarmos a nossa atenção fora de nós próprios, vivendo esta entrega, esta abertura aos ou-

tros, que faz parte da construção do nós pessoa e do nós casal.

**Pois bem, serão estas as três linhas temáticas que desenvolveremos em Novembro, no próximo:**

---

ENCONTRO NACIONAL  
**70 ANOS DAS ENS AO SERVIÇO DO AMOR**  
FÁTIMA, 21 E 22/11/2009)

---

Para a preparação deste Encontro Nacional, **propomos**, aqui nesta Carta, **um esquema** focado nestas três linhas temáticas para animar as **reuniões de equipas mistas** em todos os Sectores da Supra-Região, tanto em Portugal como em África.

*Bom trabalho e Santa Páscoa.*

## **PROPOSTA PARA AS REUNIÕES DE EQUIPAS MISTAS**

NOS SECTORES, ENTRE MARÇO E JUNHO DE 2009

**1. Texto de Meditação:** *O mandamento do amor (Jo 15, 9-17) - Ritual Romano da Celebração do Matrimónio*

«Como o Pai, Me amou, assim também Eu vos amei. Permaneci no Meu amor.»

Se observardes os Meus mandamentos, permaneceréis no Meu amor, como Eu que observei os mandamentos de Meu Pai e assim permaneço no Seu amor.

Digo-vos isto para que a Minha alegria esteja em vós e para que a vossa alegria seja perfeita.

É este o Meu mandamento: amai-vos uns aos outros como Eu vos amei. Não pode haver maior amor do que dar a vida por quem se ama. Vós sereis Meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando. Já vos não chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. Chamei-vos amigos, pois tudo o que ouvi a Meu Pai vo-lo dei a conhecer.

Não fostes vós que Me escolhestes; fui Eu que vos escolhi a vós e vos constituí, para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça; e assim, tudo o que perdirdes ao Pai em meu nome Ele vo-lo concederá. É isto o que vos mando: que vos ameis uns aos outros.»

*Meditação. Oração pessoal.*

## 2. Apresentação dos Casais.

### 3. Tema: 70 ANOS DAS ENS AO SERVIÇO DO AMOR

*As Equipas de Nossa Senhora (ENS) estão há 70 anos ao serviço do amor. Do amor ao outro, aos outros e a Deus. Por isso dizemos muitas vezes que as ENS, não sendo um Movimento de acção, são um Movimento de casais activos.*

*Como Movimento de Espiritualidade e de formação de casais, queremos seguir Cristo e por isso temos uma regra, a Carta e, actualmente, o Guia, e um Método próprio: Pontos Concretos de Esforço e Partilha.*

*Com este método tentamos prosseguir as três atitudes de vida: Conhecermo-nos e darmos-nos a conhecer com Verdade, tentarmos discernir a Vontade de Deus e irmos ao Encontro dos outros e gerarmos a Comunhão.*

*Ao fim de 70 anos vemos que este caminho vale a pena porque nos ajuda a crescer para Cristo e a ficar mais perto d'Ele, servindo, amando.*

*Por isso celebramos a graça de pertencermos às Equipas, agradecemos a Maria a sua protecção e colocamo-nos ao Serviço, para que outros também possam pertencer e crescer, no Movimento, na Igreja e no Mundo.*

### **Para a troca de impressões em equipa**

#### **ATITUDES DE VIDA**

- \* Como é que os PCE nos têm ajudado a melhorar as nossas atitudes de vida? Ou, de outra forma, como nos têm ajudado a caminhar para a santidade?
- \* Reconhecemos que a Partilha em equipa é um momento forte para construir comunidade e de entreajuda espiritual? Vivemos isso na nossa Equipa?

#### **VIDA EM COMUNIDADE**

- \* A nossa equipa é uma verdadeira comunidade onde cada um encontra o seu lugar, onde a entreajuda tem um grande lugar num clima de amizade fraterna? De que forma?
- \* A nossa equipa estimula os seus membros para a missão e é suporte nos seus compromissos? Como?

#### **AO SERVIÇO DO AMOR**

- \* Amamos ou preferimos ser apenas amados? Servimos ou somos servidos? Somos construtores ou inquilinos do Movimento? Assumimos como nossa a

missão da Igreja ou ficamos apenas a assistir? Sentimos como nossa a responsabilidade de difusão da Espiritualidade Conjugal? De que formas?

\* Quais os pontos concretos de esforço que mais nos ajudam a desenvolver esta atitude de serviço e disponibilidade que tanto nos liberta? Como?

4. *Oração Final: Rezemos o Magnificat.*

Notícia publicada no jornal italiano  
*L'Avvenire* de 25 de Janeiro de 2009,  
sobre o Encontro Internacional  
de Responsáveis Regionais

# NOVOS EVANGELIZADORES AO SERVIÇO DO MUNDO

GIULIA ROCCHI

O casal mais velho lava os pés ao casal mais jovem. O mesmo faz o sacerdote mais velho ao sacerdote mais jovem. Um gesto simbólico, no fim da Missa, para representar o serviço aos outros. Um sinal que personifica a “difícil mas exaltante missão da família como célula fundante da Igreja e da sociedade, da família que sabe guardar, alimentar e difundir o amor”. Foi com estas palavras que o Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado do Vaticano se dirigiu aos representantes regionais das Equipas de Nossa Senhora, reunidos na segunda assembleia internacional no Instituto Madonna del Carmine de Ciampino. O encontro terminará no dia 29, enquanto na quarta-feira os equipistas (como se designam os

membros do movimento) participarão na audiência com o Santo Padre.

Nos primeiros anos do seu sacerdócio, o cardeal Bertone foi assistente espiritual do grupo fundado em 1939 pelo Padre Henri Caffarel (cuja causa de beatificação está em curso). Assim, na liturgia eucarística a que presidiu ontem à tarde, o comentário às leituras estava cheio de recordações pessoais. “Sei muito bem o quanto é actual o carisma do Padre Caffarel — explica Bertone. O movimento das Equipas é um movimento laical de espiritualidade conjugal para responder à exigência de valorizar o sacramento do matrimónio, num contexto histórico e cultural complexo”. E hoje mais do que nunca, prossegue, “é ur-

gente ocupar-se da família”. Uma tarefa que as equipas levam por diante já em 70 países do mundo — no congresso está presente, pelo menos, um casal de cada país, do Brasil a Angola, do Canadá à Polónia — mas que pode tornar-se ainda mais incisivo. “Desejo que este encontro — acrescenta o Secretário de Estado — sirva para aprofundarem a espiritualidade e a missão da família no terceiro milénio”, a partir da opção de “aderirem com toda a alma ao Evangelho”, de “abrirem o coração a Cristo”. E tornarem-se, assim, “evangelizadores”.

Um convite, portanto, a redescobrir a dimensão do serviço. Que está no centro do encontro destes dias, como evidencia o tema escolhido: “Jesus está no meio de nós como aquele que serve”. De resto, nas Equipas todas as responsabilidades são entendidas como um serviço à colectividade e não como uma espécie de reconhecimento. “Por isso nunca são renová-

veis”, comenta Carlo Volpini, responsável internacional do movimento desde 2006 em conjunto com a sua mulher, Maria Carla. “Uma possibilidade de salvar a família hoje — reflecte Maria Carla — é caminhar na vida de forma consciente, e as Equipas permitem fazer isto mesmo. Dora e Bruno Convertini, de Martinafranca, são os responsáveis pelas 710 equipas italianas, num total de cerca de 4 500 casais, existentes em “Itália”. “O nosso Movimento desenvolve-se com base local — observa Bruno — mas é importante estar aqui hoje porque ajuda a abrir os horizontes, a confrontar-se com os casais dos outros países, a redescobrir o espírito do Padre Caffarel”.

***Destaque:*** *O encorajamento de Bertone, Secretário de Estado do Vaticano, aos membros do Movimento das Equipas de Nossa Senhora.*

*In L’Avennir* 25 de Janeiro de 2009.

Encontros Internacionais			Orientações
I	1954	Lourdes	Após uma reflexão profunda, o Movimento é totalmente integrado na Igreja e assume um carácter de universalidade.
II	1959	Roma	Reflexão sobre a vocação das ENS, que aí se definem como movimento de espiritualidade.
III	1965	Lourdes	“ <i>Dou-vos um momento novo: que vos ameís uns aos outros como Eu vos ameí</i> ”. É a orientação que leva ao sentido profundo, à mística da Par-ilha e do Pôr em Comum, bem como ao incentivo de nos pormos ao serviço da Igreja.
IV	1970	Roma	“Face ao ateísmo”: a necessidade da missão.
V	1976	Roma	ENS querem estar abertas ao mundo e aos outros: Complemento à Carta Fundadora.
VI	1982	Roma	Complementaridade dos sacramentos da Eucaristia e do Matrimónio.
VII	1988	Lourdes	Segundo Fôlego.
VIII	1994	Fátima	“Convidados para as bodas de Caná”.
IX	2000	Santiago Compostela	“Ser casal hoje na Igreja e no mundo”.
X	2006	Lourdes	“ENS, comunidades vivas de casais, reflexo do amor de Deus”.



# OS EQUIPISTAS AO SERVIÇO DOS IRMÃOS NA IGREJA DE HOJE

PADRE ANGELO EPIS  
(CONSELHEIRO ESPIRITUAL DA ERI)

*A vida espiritual dos casais casados é o lugar em que se torna legível e compreensível a íntima união entre o amor a Deus e o amor humano.*

Devemos procurar juntos métodos novos para que as equipas e os equipistas se comprometam ainda mais em Igreja. É um dos compromissos do Encontro de Lourdes 2006. Nos próximos números da Carta examinarei em pormenor este compromisso. Agora parece-me útil falar de um aspecto essencial para as Equipas: a espiritualidade!

É a respiração do homem, o profundo impulso da sua caminhada.

A preciosa herança do Padre Caffarel não se limita a um método sem espiritualidade, se não essa herança seria vazia. Na actual crise da nossa sociedade, creio que é necessário redescobrir a espiritualidade do Padre Caffarel e fazê-la viver.

Diante de grandes desafios, temos absoluta necessidade de recursos espirituais. Nós, cristãos, somos convidados a redescobrir as nossas raízes, a interrogar a Bíblia com frequência. Que diz a Bíblia acerca do desenvolvimento espiritual do homem?

Ela coloca o caminho do homem diante de uma alternativa. O Salmo 1

diz que o homem «feliz», ou seja, aquele que realiza plenamente a sua vida, é um homem que «caminha». E o seu caminho não é o dos ímpios e dos pecadores: guia-o «a lei do Senhor». Toda a Bíblia apresenta a lei do Senhor como caminho para a realização da nossa verdadeira humanidade.

Henri Caffarel, enquanto homem de Deus, buscador da verdade, diz-nos: «Os leigos devem definir bem quais são os seus meios e os seus métodos, o que constituirá a espiritualidade do cristão casado» (Conferência aos Responsáveis de Equipa, 1952).

Algumas indicações que procedem dos seus escritos. «A espiritualidade é a ciência que trata da vida cristã e dos caminhos que conduzem ao seu pleno desenvolvimento» (1950). O lugar onde o cristão vive a sua espiritualidade não está fora do mundo, mas, segundo o exemplo de Cristo, no serviço a Deus, na vida de todos os dias: na família, no trabalho, na cidade. Não se fala de umas quantas

orações ou de uma ascese particular; serve-se Deus onde se vive.

A vida espiritual dos casais casados é o lugar em que se torna legível e compreensível a íntima união entre o amor a Deus e o amor humano. «O amor humano é a referência que nos ajuda a compreender o amor divino. Pelo seu poder de fazer de dois seres um único, salvaguardando a personalidade de cada um, o amor permite-nos adquirir a compreensão da misteriosa união de Cristo com a humanidade e do casamento espiritual da alma com o seu Deus» (*Propos sur l'amour et la grâce*). No amor do casal descobre-se, entre outras coisas, o amor de Deus, a sua fidelidade, o seu desejo do nosso bem. É no próprio amor de Deus que os casais desejam o seu desabrochar recíproco, no plano humano e no plano religioso; sem esta dupla dimensão, o seu amor fica incompleto.

O fundamento de tudo isto, várias vezes confirmado energicamente pelo Padre Caffarel, é a união a Cristo: «Ser cristão é acima de tudo o encontro do homem com Deus, essa aliança irrevogável, essa submissão a Cristo, sem condições, em que tudo é posto em comum» (*Propos*, p. 169).

No centro está a Eucaristia! Mas ela não substitui outros elementos da vida cristã: a formação da fé, o contacto habitual com a Palavra de Deus, a oração, a oração interior e o amor ao próximo vivo e eficaz (cf. *Carta, Março 1958*). «Marido e mulher, vós que comeis a carne de Cristo, que bebeis o seu sangue, que viveis na

vossa alma e no vosso corpo a vida de Cristo, que permanecéis n'Ele, e Ele em vós, como não vos amaríeis com um amor completamente diferente do amor dos outros homens, com um amor ressuscitado?».

A este amor está também associado o outro grande sacramento, o da ordem. O documento de Lourdes sublinha: «Tenhamos uma atenção especial às nossas relações com os conselheiros espirituais. Rezemos para que nas nossas famílias nasçam vocações sacerdotais e religiosas. E para que o nosso Movimento continue a ser um viveiro para o Diacnado permanente».

De acordo com as indicações essenciais do Vaticano II, estamos plenamente empenhados no relançamento do anúncio do Evangelho ao mundo «moderno». Temos consciência de que não podemos anunciar o Evangelho ao homem sem ter em conta o próprio homem e as suas aspirações. A nossa tarefa é admirável: falar a este mundo de um amor de Deus próximo. «Somos suas testemunhas» na medida em que vivemos a nossa espiritualidade, que é um tesouro dos dois sacramentos, da ordem e do matrimónio, ambos «igualmente grandes em dignidade» (Bento XVI).

A profecia que o Espírito Santo suscitou através do Padre Caffarel assenta, em minha opinião, em três linhas orientadoras que nos comprometem a todos: a evangelização, na perspectiva da esperança cristã que só pode nascer e alimentar-se numa profunda comunhão com a Páscoa de Cris-

to. No nosso tempo em que o futuro se fecha e a esperança falta, numa sociedade fluida e centrada em si mesma enfraquecendo o desejo, o testemunho cristão é chamado a mostrar que o Evangelho da Ressurreição de Jesus não propõe apenas um absoluto para o futuro — para o homem e para o mundo — mas possibilita uma nova forma e viver no mundo. Os cristãos, enquanto «peregrinos e estrangeiros», devem ter a liberdade e a força para contribuírem de maneira original para a construção da história humana.

A segunda linha orientadora diz respeito ao testemunho da esperança cristã que a Igreja e os cristãos são chamados a transmitir. A supremacia da evangelização traduz-se no símbolo da Igreja de testemunhas. A Igreja dá este testemunho na forma «objectiva» da pregação e do sacramento, mas também e sobretudo no testemunho de cristãos que são verdadeiras «histórias de esperança»: cristãos cuja existência constrói as nossas comunidades são um sinal vivo do Evangelho para o mundo.

Finalmente, é necessário encontrar os meios para se viver a vida cristã no mundo. A crise do mundo manifesta-se hoje através de uma profunda crise do homem, numa perda de indícios de estruturas fundamentais da existência, como sejam a diferença

sexual e a vida afectiva, alcances e tarefas da geração e da educação, diferentes formas da fragilidade e da solidariedade entre os homens, difíceis formas da comunicação e da transmissão, condições complexas da nacionalidade e da política.

O testemunho dos equipistas é chamado a «exercer-se» nos espaços da vida. Trata-se de uma prática cristã que pode ser realizada pela «habitação» séria da morada eclesial, permanecendo muito perto da sarça ardente, bebendo continuamente na fonte. Não se trata apenas de pôr em prática alguns valores já definidos, que se aplicariam e realizariam no compromisso no mundo; trata-se de uma verdadeira prática cristã que tem necessariamente uma forma histórica e terrena; é só nos espaços da história, da sociedade humana e da cultura que a esperança pode encarnar. O simples crente não encontra a sua aplicação numa peça de teatro, mas sabe que «o fermento» e a «a luz» aparecem no drama das vicissitudes humanas.

Cada um de nós, ou só ou na comunidade com os irmãos, é convidado a assegurar um trabalho de discernimento que favoreça a construção da identidade cristã capaz de uma presença significativa no mundo nas áreas estruturais da existência que nos são próprias, de forma específica, enquanto leigos.



# O CASAL E A SANTIDADE

MARU E PACO NEMESIO  
(CASAL DE LIGAÇÃO PARA A ZONA EURÁFRICA)

*O matrimónio é um caminho de santidade através do amor, da fé e da esperança.*

Entre os muitos santos e santas canonizados e beatificados pela Igreja, apenas foi BEATIFICADO um casal, Luigi e Maria Corsini Beltrane Quattrocchi, nascidos em Itália em 1881 e 1880 e falecidos em 1951 e 1965.

Por que é que só um casal foi beatificado, quando a maioria das mulheres e dos homens católicos praticantes está unida pelo sacramento do matrimónio?

- Será que a santidade não existe na vida conjugal?
- Será que o matrimónio dos católicos não é um caminho de santidade?

As Ordens, as Congregações e os religiosos têm mais possibilidades de promover a beatificação ou a canonização dos seus fundadores ou de membros notáveis do que as famílias.

Raras são as famílias que se preocupam com os seus antepassados de há 4 ou 5 gerações. Historicamente, na nossa Igreja Católica, sempre existiram preconceitos em relação aos leigos, e ainda mais em relação aos casais leigos. A ideia dominante, até ao

Concílio Vaticano II, era a de que havia duas categorias de cristãos:

- Os religiosos e os eclesiásticos;
- Os leigos e os casais.

Muita gente pensava que a santidade era algo de estranho, fora da norma, miraculoso, distante do quotidiano e da vida secular.

No entanto, o MATRIMÓNIO é um CAMINHO de SANTIDADE! E esse caminho não é tão difícil que só alguns casais POSSAM PERCORRÊ-LO!

Nós explicamos aos casais que não cessamos de nos convencer de que DEUS NOS CHAMA À SANTIDADE através do NOSSO matrimónio e da NOSSA família! Lemo-lo em documentos oficiais da Igreja, ouvimos dizer, mas é-nos difícil acreditar e viver! E a verdade é que houve e há actualmente na Igreja MILHÕES de CASAIS de SANTOS CASADOS.

Sem dúvida todos conhecemos alguns no passado e conhecemos ainda hoje!

O matrimónio é um caminho de santidade através do amor, da fé e da esperança.

## A SANTIDADE E O AMOR

ESTES SANTOS são aqueles que compreenderam que Deus os ama e, com a SUA VIDA, mostraram que o amor a Deus e o amor ao próximo são inseparáveis, porque o amor não faz senão crescer, vem de Deus e une-nos a Ele e aos outros.

Contudo, o MATRIMÓNIO é um CAMINHO de SANTIDADE! E este caminho não é tão difícil que só alguns casais POSSAM PERCORRÊ-LO!

Se “Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele” (1 Jo 4,16), o CASAL e a FAMÍLIA são lugares privilegiados para o Amor, porque onde está o Amor, Deus age. Quando marido e mulher se abrem a Deus, acreditam na capacidade de se amarem, e o seu amor não faz senão crescer e mudar. Os nossos filhos, frutos do nosso amor, são filhos do amor! Se voltamos as costas a Deus, o nosso amor conjugal enfraquecerá e poderá até desaparecer, porque o “amor próprio” e o EGOÍSMO são os piores inimigos do amor.

Estamos convencidos de que a mulher e o marido, a mãe e o pai que somos, podem chegar a ser GRANDES PERITOS EM AMOR.

Um dia, há muito tempo ou há alguns anos, confiando-nos à graça de Deus, unimo-nos pelo matrimónio e entregámo-nos totalmente um ao outro para sempre excluindo todos os outros. Cada dia, com a ajuda de Deus, renovamos essa promessa e construímos o nosso casal, somos “uma só carne” nos acontecimentos

quotidianos e nos extraordinários. Como pais, entregamo-nos aos nossos filhos, damos-lhes a vida, o alimento e o afecto... e perdoamo-los sempre! Como o “pai” do “filho pródigo”. Ao mesmo tempo, o amor que recebemos dos nossos filhos constrói-nos.

O AMOR QUE NOS FAZ SANTOS no matrimónio não consiste em procurar acima de tudo, nem fora da vida conjugal, uma perfeição humana nem sobre-humana, vivendo o matrimónio como se fôssemos monges ou celibatários. Consiste no facto de compreendermos e de beneficiarmos do AMOR QUE DEUS NOS DÁ, e na ORAÇÃO e na EUCARISTIA louvamos-I’O e damos-Lhe graças por tudo o que Ele nos dá.

NO NOSSO AMOR de CASAL intervem um corpo e uma alma, tudo aquilo que somos, e esse amor de homem e de mulher sexuados, reflexo do amor de DEUS, mudou-nos PARA MELHOR, ofereceu-nos promessas de felicidade que a pouco e pouco se tornavam realidade, uma força que dá calor e se põe ao serviço dos outros.

Este amor transformou-nos. Descobrimos o outro tal como ele é, e através dos olhos de cada um vimo-nos de maneira diferente, mais real. Queremo-nos com um amor mais maduro, que nos torna capazes de nos darmos um ao outro, de nos acolhermos e de nos recebermos, porque ambos temos necessidade um do outro e podemos ajudar-nos.

Somos menos egoístas, o nosso amor de um pelo outro tornou-nos ME-

LHORES. Cada um de nós ocupa-se e preocupa-se com o outro. Cada um não procura exclusiva nem principalmente a sua própria felicidade, mas a felicidade um do outro, porque o amor e a felicidade do outro são ao mesmo tempo o amor e a felicidade dos dois, a renúncia e o sacrifício por mim, por ela, o meu dom para ela, são não uma perda, mas um benefício para os dois.

Jesus dizia: “Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto” (Jo 12, 24).

Além disso, assim vivemos muito melhor!

O AMOR FAZ DE NÓS SANTOS NA FAMÍLIA E AJUDA-NOS a acolher o presente da vida desde a sua concep-

ção, a velar pelos nossos filhos e a protegê-los desde o seu nascimento até serem adultos e livres. A compreender que os filhos são nossos mas também filhos de Deus, a deixá-los agir e a dar-lhes plena liberdade, como ELE fez connosco. A agir para com os nossos filhos como Deus age connosco. Assim, para chegarmos a ser PAIS, devemos amar, perdoar e servir sem limites, ter fé na bondade dos nossos filhos e, contra toda a esperança, não sermos tentados a perder a esperança.

A fé e a esperança estão intimamente unidas ao amor, e são indispensáveis para percorrermos a vida de casais casados como um caminho de santidade. Preferimos dedicar estas breves linhas ao amor; talvez possamos escrever sobre a santidade em relação à fé e à esperança.

## EM CÓRDOBA ARGENTINA

SÍLVIA E CHICO  
(CASAL RESPONSÁVEL DA ZONA AMÉRICA)



Num memorável discurso denominado “Vocação e Itinerário das ENS”, proferido pelo Padre Caffarel em 1959, por ocasião do Encontro Internacional de Roma, o nosso fundador fazia um comentário sobre o desenvolvimento das equipas, tendo em vista o Estatuto que, naquela época,

ainda completava os 12 anos de existência.

Em determinado trecho desse discurso, fala da sua inquietação quando o Movimento começou a expandir-se, atravessando não apenas as fronteiras linguísticas, mas também os oceanos.

E dizia que essa situação, decorrente da internacionalidade, levantava uma grande questão: o Movimento deveria ter uma direcção em cada país, ou uma direcção única?

Após muitas discussões no âmbito do Centro Director da época e também nos Encontros Internacionais optou-se pela direcção única, como uma resposta ao apelo que Jesus fizera na quinta-feira, durante a última Ceia, rogando ao Pai “que eles sejam um como tu, Pai, e eu, somos um”.

E complementava dizendo que ele e a equipa dirigente não tomaram tal atitude por razão de facilidade, pelo contrário, estavam conscientes que a Equipa Dirigente estaria onerada com pesados encargos.

Desde 1959 até hoje são passados quase 50 anos, e o Movimento instalou-se em 70 países. A internacionalidade é uma realidade, mas precisa ser continuamente construída e aperfeiçoada.

Aceitando o desafio e os encargos decorrentes dessa busca de conhecer e dar-se a conhecer, de estabelecer relações pessoais mais próximas e fraternas por toda parte do mundo, a ERI resolveu que, na medida do possível e quem sabe, ao menos uma vez em cada ano, faria uma reunião ordinária num local fora de Paris (onde habitualmente há a reunião da ERI no Secretariado Internacional, na rua Glacière), dedicando um período para contacto com os equipistas do País escolhido. É uma resposta à pergunta do Padre Caffarel: “Digam-me,

não é exultante para os corações cristãos ver todos esses casais dando-se as mãos ultrapassando as fronteiras?”

A primeira experiência da ERI, nesse seu projecto de aproximação com as bases, aconteceu em Março deste ano, em Córdoba, Argentina. A cidade de Córdoba, com uma população à volta de 1.300.000 habitantes, está situada no centro geográfico do país. Em termos do nosso Movimento, faz parte da Província Sul da Super-Região Hispano-América. Nessa cidade encontram-se 30 Equipas de Nossa Senhora, o maior número de equipistas argentinos. É também a cidade de Lila e Carlos Cobelas, até então CR da Super-Região Hispano-América. Pela posição geográfica intermediária dentro do território argentino, tal cidade permitiria melhor facilidade para que equipistas instalados em outras cidades da Região Argentina pudessem comparecer à reunião marcada com a ERI.

E assim aconteceu. Durante os dias de trabalho da ERI, foi possível reunir-se uma vez com o Colegiado Regional e, num outro dia, reservar um final de tarde e uma noite para um encontro geral com os equipistas locais. Iniciou-se com uma celebração eucarística, presidida pelo Sr. arcebispo de Córdoba, Monsenhor Carlos Ñoñez, com diversos conselheiros espirituais. A Igreja estava repleta de equipistas locais e outros que vieram de localidades mais distantes, Buenos Aires (750 km) e Mendoza (800 km) seguindo-se um plenário no qual a equipe da ERI pôde se

apresentar, mostrando o trabalho nas quatro Zonas de Ligação, as actividades das Equipas Satélites, e, depois, um tempo para perguntas. Encerrou-se o encontro com um lanche comunitário com a partilha dos alimentos levados pelos equipistas.

Os objectivos foram alcançados em todos os sentidos. A ERI pôde sentir “in loco” as necessidades e aspirações dos equipistas, pôde conhecer e compreender melhor a realidade, sentiu o acolhimento generoso que une aqueles irmãos ao Movimento internacional.

Por sua vez, estabeleceu-se um convívio franco e fraterno. Foi impressionante o interesse dos equipistas da Argentina em apresentar as suas perguntas, a aproximar-se de cada membro da ERI sem a menor cerimónia, como deve acontecer entre os verdadeiros irmãos, interessados em saber sobre o Movimento nas várias partes do mundo.

Na avaliação que recebemos do casal responsável da SR Hispano-América foi revelada a importância da visita da ERI àquele país, o estímulo que

isso produziu neles. Puderam sentir que os membros da ERI são pessoas iguais, acessíveis, enfim, de carne e osso. Testemunharam, enfim, que a vivência dessa relação pessoal, directa e fraterna valeu a pena e que se sentiram fortalecidos para empreender um grande projecto de expansão do Movimento a partir de Córdoba, visto que a Argentina é um vasto território, terreno aberto à espera das ENS.

O Padre Caffarel várias vezes se deslocou da Europa para a América com o intuito de insuflar a alma no corpo que crescia desse outro lado do oceano. A ERI procurou seguir esse exemplo.

É preciso caminhar sempre no sentido da mais perfeita unidade. Que possamos todos manter as portas abertas para desenvolver a mais autêntica fraternidade, pois as nossas diferenças culturais, linguísticas, de costumes ou, seja lá do que for, não poderão jamais serem vistas como empecilhos para a realização plena do sentido da vocação universal das ENS.

### **PRÓXIMAS REUNIÕES DA EQUIPA DA SUPRA-REGIÃO (SR, CESR, RSec, RCom, PN, PC, PL, PS, PA)**

- RSR de Junho 2009 (Fátima, 19 e 20 Junho 2009).
- **Colégio de Junho 2009 (Fátima, 20 e 21 Junho 2009).**
- RSR de Setembro 2009 (Viana, 12 e 13 Setembro 2009).



## EQUIPAS SATÉLITE

TÓ E JOSÉ MOURA SOARES (CASAL DA ERI RESPONSÁVEL DAS EQUIPAS SATÉLITE)

Aqui nos têm de novo para vos falar das Equipas Satélite.

Como responsáveis e chamados ao serviço para a coordenação das Equipas Satélite, gostaríamos de vos dizer que tem sido muito interessante o seu caminho neste ano Paulino.

Temos encontrado ânimo para o nosso serviço ao reflectir e acompanhar o Caminho deste grande apóstolo.

Conforta-nos saber que a sua vida não é lenda, mas antes historicamente comprovada. As suas sucessivas viagens e as suas Cartas formadoras e encorajadoras são o suporte para que não desanimemos.

Hoje, como ontem, há necessidade de manter uma fidelidade ao Espírito e à nossa vocação.

Assim, podemos dizer-vos que este é o grande suporte e ao mesmo tempo o maior desafio em que assenta o serviço das Equipas Satélite.

Como já sabem, estas são equipas constituídas por vários casais de todo o mundo que trabalham e servem na total gratuidade e Amor, mantendo sempre a fidelidade ao espírito das ENS.

Assim como Paulo faz um grande apelo à fidelidade, em várias cartas, nomeadamente na segunda carta que escreve a Timóteo, também hoje nós somos permanentemente confrontados na necessidade de fidelidade ao Carisma das ENS, nestes dias agitados e em permanente mudança no Mundo em que vivemos.

Contudo, as Equipas Satélite tentam no seu trabalho manter a fidelidade à doutrina, ao espírito e ao serviço:

**SER FIEL À DOCTRINA**, em tempos conturbados;

**SER FIEL AO ESPÍRITO**, onde parecem prevalecer outros valores na sociedade consumista em que vivemos;

**SER FIEL AO SERVIÇO**, numa época em que o compromisso tem pouco sentido, e onde tudo é “fácil” e “relativo”.

Manter, pois, esta fidelidade ao espírito é tarefa árdua, mas aliciante pela profecia que em si contém.

Servir é dar alma e é isto que estes casais que constituem as Equipas Satélite têm feito.

Ao aceitar esta responsabilidade, estes casais abriram-se aos outros e foram ao seu encontro.

Como sabem, estas equipas estão a trabalhar em assuntos pedidos pelas Supra Regiões, embora sejam equipas ligadas directamente à ERI, que as coordena, através de nós.

Depois de um ano passado, a percorrer em grupo um caminho longo, com uma viagem demorada, podemos dizer-vos que os seus trabalhos se têm desenvolvido a bom ritmo, guiados pelo espírito, em atitudes de escuta, de descoberta, de gratuidade, de modo que possam ser uma ajuda para um verdadeiro discernimento comunitário na internacionalidade das ideias e experiências.

**ES Pedagogia**, ao ajudar a compreender e aprofundar o método das END, ajuda-nos a abrir à relação pessoal e a partilhar com outros casais a forma de seguir Cristo, oferecendo e aceitando ajuda com humildade.

**ES Formação**, depois de concluir o primeiro documento pedido pelas Supra Regiões, continua o seu caminho, discernindo e propondo forma úteis para que a formação se desenvolva numa dinâmica de fé, esperança e caridade.

Depois, a **ES Padre Caffarel** que, envolvida num dinamismo de amor, já fez com que na sua intimidade se gerasse vida ao lançar um "livret", com

os principais pensamentos do fundador do nosso Movimento.

O nosso Movimento não impõe aos casais uma certa espiritualidade, quer apenas ajudar-nos a percorrer o caminho que cada um tem a fazer, propondo orientações de vida para crescer no amor de Deus e assim podermos ir até ELE.

É sobre isto que a **ES Equipas Antigas** têm discernido e trabalhado, para nos oferecer pistas de reflexão, onde seja mais fácil viver na doce intimidade do Senhor, numa idade da vida em que tudo poderá ser mais difícil.

Mas, como o futuro está nos casais jovens, também queremos que conheçam e saibam do entusiasmo contagiante da **ES Casais Jovens**, tudo envolvido em grande amor e a uma velocidade própria da sua idade. O resultado dos questionários enviados a todas as Supra Regiões foi o ponto de partida para elaborar um documento, onde com toda a fidelidade às ENS, nos será oferecido um itinerário lógico, apelativo e adaptado aos tempos que os casais jovens vivem nos dias de hoje.

É este, pois, o Caminho que as Equipas Satélites têm seguido. Tal como todos nós, os seus casais são viajantes peregrinos a tentar viver, na internacionalidade desta viagem, uma experiência fortíssima de comunidade.

## II ENCONTRO DE CASAIS REGIONAIS

ROMA, JANEIRO 2009

«Cuidarei para sempre de ti» (Isaías 49,15)

Carlo e Maria Carla Volpini

O tema da nossa intervenção é o **carisma** das ENS, e gostaríamos de começar recordando o que o Padre Caffarel dizia sobre o amor: “O amor humano é um mistério, ou seja, uma obra divina”. Talvez o Padre Caffarel, ao exprimir este sentimento, tivesse presente o Livro dos Provérbios (Pr 30, 18-19), um dos livros mais antigos e um dos sete chamados Sapienciais, que define como misterioso o caminho do amor entre um homem e uma mulher.



A verdade é que o Padre Caffarel, diante do mistério do amor entre um homem e uma mulher, escreveu uma das suas páginas mais belas:

*“Deus diz: Casal cristão, tu és o meu orgulho e a minha esperança. Quando criei o céu e a terra, e no céu as grandes luzes, vi nas minhas criaturas os vestígios das minhas perfeições e achei que isso era bom. Quando cobri a terra com o seu manto de campos e florestas, vi que isso era bom, Quando criei os inúmeros animais segundo a sua espécie, vi nesses seres vivos um resplandecente reflexo da minha vida transbordante, e achei que isso era bom. De toda a minha criação elevou-se então um grande hino solene e jubilante a celebrar a minha glória e as minhas perfeições. E, no entanto, em parte alguma via a imagem daquilo que é a minha vida mais secreta, mais ardente. Despertou então em mim a necessidade de revelar o melhor de mim próprio, e cheguei à minha mais bela invenção. Foi assim que te criei, casal humano, ‘à minha imagem e semelhança’, e vi que isso era muito bom. No meio deste universo em que cada criatura proclama a minha glória, celebra as minhas perfeições, tinha por fim surgido o amor para revelar o meu Amor. Casal humano, minha bam-amada criatura, minha testemunha privilegiada, compreendes agora por que me és querido entre todas as criaturas, compreendes a esperança imensa que deposito em ti? Tu és portador da minha reputação, da minha glória, és para o universo a grande razão de esperança... porque és o amor”.*

O amor é, pois, o eixo em torno do qual se funda e se desenvolve todo o pensamento do Padre Caffarel sobre o carisma das Equipas de Nossa Senhora, um amor conjugal que é em si mesmo caminho de salvação, como o Padre Caffarel nos recorda com muita clareza: “A santidade do amor é o próprio amor” e “o amor de Cristo utiliza o amor humano [...] para se manifestar e se comunicar a si próprio”<sup>1</sup>. Este é, pois, o carisma das ENS, carisma, palavra que significa “*dom do Espírito*”: ajudar os casais a descobrirem cada vez mais, num caminho sem fim, o dom recebido da riqueza do amor sacramento vivido no matrimónio e a viverem a espiritualidade conjugal como um caminho ininterrupto para a santidade. Um carisma que se centra e se desenvolve em torno de um amor humano, de uma história conjugal, de um matrimónio, um amor reflexo do amor de Deus, tal como nos foi dito no último encontro internacional em Lourdes. Um amor que é ternura infinita mas também instinto imediato e total (“*Jesus, fixando nele o olhar, sentiu afeição por ele*”, Mc 10, 21), um amor que é perdão sem reservas (“*Por um instante, escondi de ti a minha face, mas Eu tenho por ti um amor eterno*”, Is 54, 8), um amor que é fidelidade para sempre, como diz o Salmo 116 (“*Louvai o Senhor, porque o seu amor para connosco não tem limites e a fidelidade do Senhor é eterna*”, Sl 116, 1-2), um amor que se faz cuidado para com o outro e faz suas as palavras do Senhor: “*Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria, cuidarei de ti para sempre*” (Is 49, 15).

“*Cuidarei de ti para sempre*”: as palavras de Isaías interrogam-nos. Talvez Isaías nos fale de uma coisa que ultrapassa até o amor; o amor por vezes é paixão que arde, instinto que obscurece a mente, sentimento que ofusca a razão. Cuidar é ternura infinita, atenção constante, espaço e dedicação sem medida.

“*Cuidado*” é uma palavra que faz parte do nosso vocabulário quotidiano e que usamos milhares de vezes, dando-lhe os significados mais banais: *cuido de ti* = *estou preocupado contigo*, *tem cuidado contigo* = *procurar estar bem*. Como muitas vezes gostamos de fazer, fomos procurar ajuda à etimologia da palavra para descobrir o seu sentido mais profundo, e assim descobrimos que *cura* (= cuidado) tem uma estreita ligação com *curius*, isto é, “curioso”, e curioso é aquele que “considera com atenção mesmo coisas que não lhe dizem respeito”.

Com o tempo, foi-se atribuindo a este termo “curioso” uma conotação menos positiva, e curioso passou a ser aquele que de alguma maneira se *imiscui* na coisas que não lhe dizem respeito, mas o significado inicial era “aquele que *considera com atenção* mesmo coisas que não lhe dizem respeito”, e aqui parecemos ter um valor muito positivo, pois exprime uma capacidade de não considerarmos apenas as coisas que nos interessam, numa palavra, *sermos capazes de ultrapassar o nosso olhar egoísta para abarcar as coisas, as pessoas, o mundo*.

<sup>1</sup> H. Caffarel, “Peregrinação às fontes da espiritualidade conjugal”, em *L'Anneau d'Or* 99-100 (1961) 347.

Desta forma percebemos que “cuidar” é um encontro atento de intencionalidade, um acolhimento mútuo, é escutar e escutar-se, é justamente tomar em consideração com atenção até as coisas que não nos dizem respeito, é, segundo uma bela definição, “identificar lugares significativos a que se dirigir”.

Identificar lugares significativos a que se dirigir. Nesta frase encontramos os percursos do nosso caminho de homens, de crentes, de equipistas: avançar juntos para metas e objetivos que nos esperam e que dão sentido à nossa vida.

A meta última a que somos chamados é a de entrar no Amor de Deus: é este o percurso em que pusemos as nossas vidas. Assim, ter cuidado de, cuidar de, identificar lugares significativos a que se dirigir, não quer dizer outra coisa senão identificar percursos de amor humano que nos conduzam ao Amor de Deus. Mas este Amor já nos foi dado desde o início da nossa vida; se não tivéssemos recebido todo o amor possível da parte de Deus, nenhum de nós teria sido criado, nem salvo por Cristo. Todo o amor de Deus está presente em nós desde o nascimento ... a nós foi-nos dada a tarefa de crescermos e de nos tornarmos pessoas *gastando* esta bagagem de amor, difundindo-a e espalhando-a à nossa volta; como o Polegarzinho, o menino da história, que espalhou as suas pedrinhas como sinais para encontrar o caminho de casa, assim nós devemos fazer para encontrar o caminho que poderá conduzir-nos ao nosso Criador, ao Deus que é Amor. “Cuidar de” é, afinal, simplesmente dar o amor que já temos em nós, em pequenos e constantes gestos quotidianos. De resto, até humanamente, o sonho de qualquer homem é ser amado profunda, autêntica e totalmente.

Na nossa experiência de homens e de mulheres casados, tivemos com toda a certeza a experiência forte de amar e de nos sentirmos amados. Mas o amor é a realidade mais mutável que existe, porque o amor precisa de se fazer diferente nos diferentes momentos da vida, de assumir rostos e formas diferentes consoante as exigências do outro que está o nosso lado, de crescer e mudar como cada um de nós cresce e muda até ao fim.

Cuidar do amor é fazê-lo crescer na partilha das escolhas, cuidar do amor é fazer-se dom contínuo de palavras que vão ao fundo e não se ficam pela superfície da comunicação ... Alguma vez repararam que na palavra ‘comunicação’ está o termo latino *munus*? Este termo significa dom e, por isso, cada uma das nossas palavras deve chegar ao outro como um dom ... Quantas palavras desperdiçamos, quantos dons deitamos fora ...

Cuidar do amor é aceitar realmente a inevitável diversidade que está presente em nós e nas nossas histórias, é experimentar com olhar sereno a necessidade recíproca do perdão. Tudo isto é o que já recebemos de Cristo, que nos amou primeiro, que nos deu palavras de vida e que nos perdoou ainda antes de pedirmos perdão, tudo isto é o que devemos dar, em particular àquele ou àquela que dizemos ter desposado por amor.



*“Recebo-te por minha esposa ... recebo-te por meu esposo e prometo ser-te fiel na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida”. Com que emoção pronunciámos o nosso sim no dia do nosso casamento, uma emoção intensa e profunda que nos deixava maravilhados face à imensidade do amor que sentíamos um pelo outro. A nossa história tinha começado sob os mais negros auspícios — demasiadas diferenças de meios de origem, de interesses, de vida quotidiana em jovens — para termos alguma esperança de sucesso. Ninguém apostava um cêntimo em nós dois: os amigos de então apostavam só em quanto tempo duraria aquele capricho recíproco, os pais estavam realmente perplexos, só nós sentíamos que não era assim, que realmente o amor se tinha apossado de nós, e ganhámos. Sim, ganhámos porque, depois de tantos anos, ainda aqui estamos juntos e não perdemos a vontade de nos tomarmos pela mão nem de procurar um espaço, de vez em quando, para um passeio a dois, não perdemos a vontade de olhar o futuro imaginando-nos juntos e fazendo novos projectos que nos envolvam aos dois.*

*Vencemos porque fomos capazes de não evitar os confrontos quando eles significavam clarificação entre nós dois: ferimo-nos, por vezes, com palavras e com gestos, mas acreditámos que a clareza fazia parte do amor; vencemos porque, mesmo quando era mais forte o apelo a uma afirmação individual relativamente ao trabalho, em família ou entre os amigos, lembrámo-nos sempre de que o “nós” do nosso casal era uma realidade que devia ser protegida e salvaguardada; vencemos porque nunca nos “perdemos de vista”, mesmo quando compromissos vários e cansaço infinito em alguns momentos da vida nos obrigavam a afastar-nos um do outro. Mas o amor de todos estes anos de vida em comum mudou mil vezes de rosto: fez-se paixão, sem dúvida, mas também acolhimento e ternura face aos nossos fracassos, fez-se cumplicidade silenciosa e vital face a projectos só nossos, sustento nas horas de tristeza face*

*a sonhos despedaçados e amizade na partilha de pensamentos e de ideais. Tu cuidaste de mim e dos meus limites levando-me a encontrar energia para novos objectivos a realizar, cuidaste de mim fazendo-me sentir a tua confiança nas minhas possibilidades. Acolheste o meu cansaço e os meus nervosismos, a minha preguiça e as minhas arrogâncias, as minhas fraquezas e os meus medos; não os negaste fazendo de conta que não existiam, não os escondeste nem dos meus olhos nem dos teus, mas, pelo contrário, acolheste-os porque mesmo as muitas discussões sobre mil e uma pequenas e grandes coisas significaram “estou aqui, tu interessas-me, estou a teu lado”. Procurei fazer outro tanto contigo, tornando viva todos os dias a promessa do casamento “prometo ser-te fiel, na alegria e na tristeza, todos os dias da nossa vida” e tomei-te nos braços de noite quando não conseguias dormir por causa dos mil pensamentos que enchiam o teu espírito e o teu coração, cuidei de ti apoiando-te no teu desejo de continuar a estudar mesmo quando os filhos já tinham chegado e o teu estudo te levava para longe de casa, cuidei de ti e da tua dor sofrendo contigo, mas também levando-te a reagir, quando situações de família demasiado difíceis pareciam quebrar a tua capacidade de lutar.*

*Cuidámos um do outro porque não nos esquecemos de que, para lá de cada um nossos sucessos, de cada uma das nossas realizações pessoais, de cada meta atingida, para nós, como para qualquer homem ou mulher que vive o matrimónio, permanece a fundamental necessidade de se sentir amado, porque este é o sentido da vida em comum. Cuidámos um do outro porque continuámos a alimentar o amor com olhares que ainda se procuram, mãos que ainda se encontram e projectos que ainda se constroem para o futuro.*

Quanto caminho e quanto amor gasto em palavras e em gestos ao longo das nossas histórias conjugais! Um amor que não se gasta é um amor que se esgota e esteriliza; um amor que não vai além dos limites de si próprio para chegar a metas mais distantes é um amor que tem vida breve; um amor que não levanta o olhar para chegar às pessoas, às coisas e aos acontecimentos mais distantes, que não consegue “cuidar”, interessar-se até por coisas que não lhe dizem respeito, que não é capaz de procurar lugares significativos a que se dirigir, é um amor destinado a centrar-se em si mesmo e talvez a extinguir-se. Neste sentido, parece-nos que a vida sabe ser, para cada um de nós, uma grande mestra, capaz de nos preparar, quase sem darmos por isso, para a necessidade de nos tornarmos capazes de amar e de cuidar. De facto, o primeiro amor que a vida nos chama a dar é o amor aos nossos filhos, e realmente não é difícil amá-los quando, muito pequeninos, os sentimos completamente entregues a nós e capazes de preencher totalmente os nossos pensamentos, de nos fazer viver emoções especiais, de dar sentido aos nossos dias. Mas todo este amor dado e recebido é alimento para um amor maior que somos chamados a dar quando os filhos se nos apresentam com a sua realidade de pessoas diferentes, com as suas escolhas não partilhadas, com as suas revoltas, com as suas recusas; quando exigem que, aconteça o que acontecer, cuidemos deles, mesmo se são rebeldes, contestatários, agressivos ou insolentes, ou fechados e impenetráveis, indiferentes a nós e aos problemas da vida familiar, quando, de mil e uma maneiras diferentes, repetem mas palavras e os gestos de Jesus adolescente: «Sua mãe dis-

se-Lhe: “Filho, por que nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!”. Ele respondeu-lhes: “Porque Me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?”. Mas eles não compreenderam as palavras que lhes disse» (Lc 2, 48-50).

Quantas vezes também nós não entendemos e perguntamos-lhes, ou talvez a nós próprios: «Filho, por que nos fizeste isto?». Mas, aconteça o que acontecer, estamos ali a cuidar deles, a cuidar das suas inquietações, dos seus insucessos, das suas carências, do seus erros, e, enquanto estamos ali ao lado deles dando, na medida e na forma que somos capazes, o amor que temos dentro de nós, acabamos por perceber que talvez devamos dizer “obrigado” às lágrimas que os nossos filhos nos fazem chorar, porque, graças a essas lágrimas, tornámo-nos diferentes, crescemos na capacidade de dar o amor recebido e acumulado, amadurecemos na capacidade de amar.

Mas, se queremos aprofundar a reflexão sobre o carisma das ENS, temos de perceber que amar os filhos, cuidar deles em todos os momentos da vida, não pode bastar para cumprir a tarefa que temos de restituir ao Senhor todo o amor que Ele nos deu, porque uma coisa é clara: o seu dom não é uma coisa que possa ser guardada só para nós, e Ele espera a nossa restituição, espera a nossa contribuição ... a isto nos chamou quando nos deu o dom da vida ou quando pôs ao nosso lado um homem ou uma mulher com quem fazer um caminho de amor. Um amor a alimentar a dois e a gastar pelos outros: este é o carisma do amor como dom espiritual a que nos chama o Padre Caffarel ao escrever, na sua carta mensal de 1950 <sup>2</sup>:

*«A vida cristã integral não é apenas adoração, louvor, ascese, esforço de vida interior. É também serviço a Deus no lugar atribuído por Ele: família, profissão, cidade ... Da mesma forma, os casais que se reúnem para se iniciarem à espiritualidade, longe e procurarem os meios para se evadirem do mundo, esforçam-se por aprender como, a exemplo de Cristo, servir Deus durante toda a sua vida e em pleno mundo».*

E prossegue: *«paróquia, equipa; creches de bons cristãos. Onde está o dinamismo que compromete os jovens cristãos? ... De que forma? Abstenho-me de vos responder. Um verdadeiro amor ao próximo, mais do que de paciência e de perseverança, nunca tem falta de imaginação»*<sup>3</sup>.

Não sentem a frescura, a actualidade e a modernidade destas palavras?

O casal é certamente uma encruzilhada da relação, talvez o lugar decisivo de todo o modelo interpessoal de amor, o casal foi pensado e querido por Deus como imagem de amor e de transmissão da vida. No nosso “sim”, no nosso compromisso recíproco de nos amarmos havia também o compromisso, talvez um imperativo ético, de nos tornarmos fecundos, de lançarmos sementes de fecundidade que possam fazer germinar a vida. Foi o próprio Deus que nos

<sup>2</sup> Carta Mensal (Junho 1950) 2: “Uma palavra suspeita”.

<sup>3</sup> Carta Mensal (Outubro 1953) 2: “Creches de bons cristãos”.

amou primeiro e nos mandou ser fecundos, e é na história de todos os dias que, por fé e com fé, devemos aprender a ser, também nós, fecundos do amor de Deus.

Os dias que temos para viver são todos marcados por rostos de homens e de mulheres que se fazem encontro; alguns destes rostos estão entre os mais familiares e próximos: os filhos, os pais, os amigos. Umhas vezes, é simples amá-los ou retribuir o seu amor; outras, não tanto. Mesmo assim, amamo-los e cuidamos deles porque são os nossos filhos, os nossos pais, os nossos amigos. E todos os outros, todos os outros cujo rosto não conhecemos, cuja voz não ouvimos, cujas ânsias, medos e solidões não conhecemos? Todos os outros são-nos realmente estranhos? Não nos dizem mesmo respeito? Não devemos cuidar deles?

Um dos “ditos” muçulmanos a respeito de Cristo<sup>4</sup> diz: «Jesus encontrou um homem e perguntou-lhe: “Que estás a fazer?”. “Consagro-me a Deus”, respondeu o homem. Jesus perguntou: “Quem cuida de ti?”. “O meu irmão”, respondeu o homem. Jesus disse: “O teu irmão tem mais devoção a Deus do que tu”».

Procurar Deus fingindo não ver o homem é uma falsidade histórica, religiosa e espiritual. Não se chega a Deus fechando os olhos às necessidades do irmão.

«“Quem cuida de ti?”. “O meu irmão”, respondeu o homem. Jesus disse: “O teu irmão tem mais devoção a Deus do que tu”». E, se Jesus nos fizesse esta pergunta, qual seria a nossa resposta? De quem cuidamos nós?

Cada vez mais, as reflexões destes últimos anos têm-nos ajudado a compreender mais profundamente o que significa falar de “espiritualidade encarnada”. Talvez tenhamos chegado à maturidade da nossa fé quando tivermos aprendido a amar totalmente o outro, cada outro em que Cristo Se reflecte e que espera que cuidemos dele.

Fé e história não se opõem; pelo contrário, hoje é-nos pedido como compromisso de fé *fecunda* uma leitura sapiencial e actual da vida humana: é-nos pedido que façamos nascer à nossa volta *uma cultura de igualdade*, de anulação de toda e qualquer barreira entre ricos e pobres, porque o pão é um direito de todos; é-nos pedido que façamos nascer à nossa volta *uma cultura de justiça* baseada no direito que todos os homens têm de ver satisfeitas as necessidades primárias da vida; é-nos pedido que façamos nascer à nossa volta *uma cultura de liberdade* onde quer que a liberdade esteja esquecida, anulada, negada; e é-nos pedido que façamos crescer à nossa volta *uma cultura de obediência* não à lei mais à vida, não ao Sábado mas ao homem, não aos princípios mas a Cristo. É-nos pedido que façamos nascer à nossa volta *uma “cultura do amor”* porque o amor alimenta a vida do homem. E então é claro: não há nada que não nos diga respeito! E o ca-

<sup>4</sup> *Concilium*, revista teológica internacional, 2003.

risma do amor que somos chamados a viver deve ser vivido e gasto nos caminhos da humanidade, entre os homens e as mulheres que habitam a terra.

*Durante vários anos acompanhámos raparigas de uma casa de acolhimento. Todas elas tinham pouco mais de dezoito anos, maiores para o Estado mas, muitas vezes, pouco mais que crianças confusas, desorientadas que iam de ilusão em ilusão e, portanto, de erro em erro: raparigas do leste chegadas a Itália com o sonho de um trabalho e de uma vida mais fácil que acabavam por cair no mundo da droga e da prostituição, raparigas que tinham acreditado no grande amor do homem mais velho e que depois ficavam grávidas, longe das famílias, sozinhas com os seus filhos, raparigas que já não tinham rosto para ninguém porque ninguém cuidava delas. Andrea, como outras, vinha a nossa casa aos domingos; queríamos que vivesse um dia “normal”, com o almoço todos juntos, com os nossos filhos e a avó, com um doce e tudo, ... e que importância tinha sabermos que levava sempre alguma coisa lá de casa? ... depois desapareceu também da casa de acolhimento ... dizia que ia casar-se com um policia ... Estaria outra terrível desilusão reservada para ela? Outras entraram-nos no coração, como a Enza, uma siciliana de 32 anos que ficou grávida de um homem casado e foi afastada de casa por causa da vergonha e da desonra. Mas ela, fragilíssima de personalidade, tinha-se tornado forte e determinada relativamente àquela gravidez e dizia que aquele filho era a melhor coisa que lhe tinha acontecido e nada era tão importante como tê-lo; e assim nasceu a Perla ... uma menina preta retinta, mas a Enza dizia que Perla era o nome adequado porque era um tesouro escondido e precioso só dela. E depois Yocelyn, sul-americana, 19 anos, enganada e abandonada pela própria mãe que a tinha mandado a Itália pondo-lhe droga na mala, e quando foi presa, mal pôs os pés no aeroporto, a mãe que devia estar à espera dela, desapareceu sem deixar rasto. Não lhe importava ter sido presa, nem sequer lhe importava ter sido vítima de violência na prisão, mas não se resignava com o engano e o abandono por parte da mãe.*

*Naquela casa de acolhimento havia uma regra bem precisa para todos: não se tratava apenas de acolher, mas também de “cuidar” das raparigas presentes, cuidar delas como pessoas e não só como hóspedes de uma estrutura. E era muito bonito estar simplesmente com as raparigas sem pretender ser educadores ou professores, e tomar chá com elas à tarde em bonitas chávenas pintadas com gosto, pôr flores na mesa, para que elas*



*não tivessem só alimento para comer, mas pudessem apreciar as coisas boas que o dia pode dar ... como as flores sobre a mesa. Aprendemos que o amor que o Senhor nos pede não é só acolhimento, tolerância, partilha ideal, mas exactamente este cuidar do outro para que nunca lhe falte a sua dignidade de pessoa e sobretudo o seu valor como criatura amada por Deus.*

O “aqui e agora” deste encontro obriga-nos também a interrogar-nos sobre “como”, no nosso serviço de casais regionais e supra-regionais, somos capazes de viver o carisma das ENS pondo no centro do nosso serviço o amor ao outro.

Todos nós vivemos, sem dúvida, as diversas fases que acompanham o início de um serviço.

Trata-se de fases progressivas que partem da simples “*aceitação*” do serviço, uma aceitação mais ou menos consciente daquilo que iremos fazer, marcada pelas dúvidas e perplexidades face às nossas capacidades, mas também pelas ideias e pelos projectos a realizar; a seguir, uma “*compreensão*” feita de encontros com as pessoas, de reflexões sobre as coisas, de conhecimento das situações, de hipóteses de trabalho com base nas necessidades, nas riquezas e nas carências que se manifestam; depois, a fase ligada ao facto de “*tomar parte*” no sentido de se envolver com as pessoas e com as situações e, finalmente, a fase do “*cuidar*”, que significa entrar dentro das coisas e das pessoas para partilhar com elas, para fazer unidade com elas, em que a oração não seja evasão e distanciamento mas partilha profunda das necessidades dos outros. Levinas diz que a fé é dizer “aqui estou” mais do que “acredito”<sup>5</sup> e, por isso, é um salto de generosidade e de confiança para o futuro, rasgando a cortina de névoa e de medo que nos pode envolver. O serviço é transformar o ‘eu acredito’ num ‘aqui estou’ para que o Senhor nos torne transparentes à sua acção e chegue também aos outros através de nós; o serviço é transformar o ‘eu creio’ no ‘aqui estou’ para não deixar a nossa fé numa dimensão espiritual sem corporeidade, que não saiba procurar o encontro, que não saiba estabelecer relações.

Se, no nosso serviço, nos limitarmos a viver os primeiros dois níveis, “*aceitação*” e “*compreensão*”, ele será apenas um olhar de longe para as coisas e para as pessoas, uma acção a distância. Mas se, pelo contrário, conseguirmos cuidar das pessoas, partilhar as várias situações da vida, envolver-nos de coração naquilo que fazemos, fazer gestos que cheguem ao coração do outro, então o carisma das ENS far-se-á realmente espiritualidade encarnada e dom.

Escutemos um casal no fim do seu serviço:

«Reconhecemos, desde o princípio, que o serviço foi um dom que o Senhor nos fez. Ensinou-nos, antes de mais, que “o matrimónio não nos pertence, pois é um dom de Deus à humanidade”. Quantas vezes, tomados pela fadiga, chegámos cansados aos encontros, mas no fim repetíamos sempre que tinha valido

<sup>5</sup> *Ore Undici*, n.º 5, 2001.

a pena, que tínhamos recebido mais do que aquilo que podíamos ter dado ou oferecido. Descobrimos que precisávamos dos outros, que sozinhos tudo é mais difícil, que não se devia confundir intimidade com intimismo ... O serviço foi importante também para o nosso caminho de fé, e a razão fundamental pela qual tínhamos aceitado estava justamente no facto de considerarmos o serviço como uma ocasião preciosa para aprender a perceber, com mais lucidez, a vontade do Senhor na nossa vida. A tentação de nos resignarmos com os nossos limites ou de nos habituarmos a uma rotina espiritual que levasse a identificar o que se vive como sendo o melhor possível era, para nós dois, uma tentação forte e recorrente. O serviço solicitou-nos e estimulou-nos a levar a sério a nossa vocação de esposos cristãos; indicou-nos um caminho praticável para que o Evangelho habite nas nossas casas; ajudou-nos a interrogar-nos muitas vezes se, para além dos gestos religiosos, feitos com mais ou menos perseverança, vivíamos a fé; fez-nos conhecer casais que, no quotidiano da sua existência, levam a sério a aventura do amor ... Casais que puseram Deus no centro da sua vida, casais capazes de cuidar um do outro, de se dar como dom, de se apaixonar pelo mundo, empenhados no caminho da sobriedade, da justiça, da atenção aos outros. Uns de modo mais manifesto e visível, outros no silêncio e na intimidade do quotidiano, todos foram para nós parábolas concretas de profecia e de comunhão. O serviço nunca, mas nunca, foi uma simples questão de organização...»<sup>6</sup>.

Há ainda uma última reflexão a fazer, que nos deve acompanhar sempre: de que forma a equipa deve estar na nossa vida, entre todas as coisas de que temos de cuidar? Geralmente, estamos em equipa com a ideia de receber, e é verdade que recebemos de mil e uma maneiras enriquecimento humano e espiritual, sobretudo porque, ano após ano, numa rotação que é um dos mais belos carismas do Movimento, alguém se põe ao serviço, ou seja, “cuida de nós”. E nós, como cuidamos do Movimento? Qual é o grau de intensidade da nossa pertença ao Movimento das ENS? É justamente nesta palavra ‘pertença’ que gostaríamos de nos deter, porque é uma daquelas palavras que, com o tempo, começaram a soar de maneira diferente. Mais uma vez, fomos desfolhar o dicionário e procurar a sua raiz etimológica. Descobrimos que vem, como quase todas as palavras do nosso quotidiano, do latim e é composta por dois elementos: *ad pertinere*, o primeiro elemento, ‘*ad*’ significa ‘para’, ‘de encontro a’, e o segundo, ‘*pertinere*’, significa ‘dizer respeito a’, mas na palavra ‘*pertinere*’ está também o termo ‘*pars*’ (parte de alguma coisa) com que a palavra se cruza e se forma. Se pusermos por ordem a nossa reconstrução etimológica, pertença (*ad partinere*) significa “*ir para alguma coisa que nos diz respeito*”.

Os casais da primeira equipa perguntaram ao seu Conselheiro Espiritual, o nosso Padre Caffarel: «*Como é que a nossa vida cheia de felicidade humana, de preo-*

<sup>6</sup> Daniele e Renata Rochetti – SR Itália – Bergamo.

*cupações, de apegos a criaturas, nos permite responder plenamente às exigências do amor de Deus? Será que essa exigência de santidade não nos dirá respeito também a nós, pessoas casadas?»*. E o Padre Caffarel repetia: «*Sim, sim, diz respeito também a vós, com certeza*»<sup>7</sup>.

Todos nós estamos no Movimento há um certo número de anos ... dois, três, cinco, dez, vinte ... e nenhum de nós, se lhe perguntassem, diria não pertencer a esta pequena comunidade de casais a caminho. Mas com que espírito e com que consciência?

Se, como vimos, a palavra pertença, *ad pertinere*, significa, na sua raiz mais profunda, “*ir para alguma coisa que nos diz respeito*”, como esposos, que nos diz mais respeito do que a nossa formação num caminho de aprofundamento de fé e de vida do sacramento do matrimónio? E, se falamos de Movimento é porque o Movimento não é só a nossa equipa, e a nossa participação séria, responsável e consciente não pode limitar-se à presença à reunião mensal, por mais constante e contínua que seja. O Movimento é composto por muitos casais, por muitos encontros, por muitas ocasiões de reflexão, por muitas propostas de percursos de aprofundamento, e tudo nos diz respeito e de tudo devemos cuidar, não só enquanto crentes mas especificamente enquanto esposos. Nós não estamos aqui para lhes ensinar ou aconselhar o que devem fazer, mas simplesmente para nos perguntarmos e lhes perguntarmos: *isso diz-nos respeito?* Se respondermos que sim, então talvez tenha chegado o momento de cada um de nós cuidar também do Movimento, de considerar com atenção o que ele nos propõe e nos pede, de não termos medo de sentir e de viver a nossa pertença às ENS, cuidando com amor das relações com os outros equipistas, os nossos companheiros de caminho nas nossas equipas de base e aqueles que, durante um tempo determinado, são nossos companheiros de caminho a partir do momento em que nos foram confiados no serviço.

Tenhamos sempre presente que tudo o que temos nos é *dado*, não nos foi *dado* mas *é-nos dado*; tudo nos é continuamente dado gratuitamente, a começar pela vida, pela respiração de cada instante.

Este dom, todos estes dons que continuamente recebemos através das mil pequenas coisas de que o nosso dia é feito, coisas grandes e coisas mais pequenas, o dom da vida e tudo o que nos é confiado durante a nossa vida, não podemos guardar para nós, ou seja, devemos, por nossa vez, dar o que recebemos, fazê-lo fluir, introduzi-lo na história, se não murcha, seca e morre. De nada podemos dizer “isto é meu” e nada podemos possuir ciosamente só para nós. De nada podemos dizer “estas coisas não nos dizem respeito”.

Também as ENS, entre as outras inúmeras coisas, experiências, situações, relações, foram e são um dom que recebemos, e não podemos guardá-lo só para nós. Temos de cuidar também do Movimento com responsabilidade. Trata-se

<sup>7</sup> Carta ENS, 10 (1977) 3.

de um dom que, como todas as coisas, se ficar só nas nossas mãos, corre o risco de se tornar imperfeito e limitado, porque a nossa realidade de criaturas é por natureza imperfeita e limitada. Se, pelo contrário, o dermos a



outros, torna-se uma circulação do amor de Deus, no qual todos os limites são superados. O que o Movimento nos deu pode tornar-se uma nova forma de crescimento para outros. Assim fazendo, talvez consigamos dar testemunho daquele Deus da vida e do amor que Juan Árias tão bem descreveu:

*«O nosso Deus é tudo o que o homem ama. Mas é também e sobretudo o diferente com que o homem sonha. É tudo o que o homem ainda não tem, é tudo o que procura conseguir ... O nosso Deus é aquele algo que o homem sabe que pode existir e que é diferente de tudo. O nosso Deus é a capacidade de surpresa para o homem, é o mais, o diferente, o novo, o oculto como um silencioso desejo de infinito nos recantos mais secretos do coração do homem.*

*O nosso Deus é frágil, o amor pelo homem tornou-o frágil. O nosso Deus conheceu a alegria humana, a amizade, o gosto da terra e das suas coisas. O nosso Deus teve fome e sede e descansou. O nosso Deus irritou-se, foi passional. E foi doce como uma criança. O nosso Deus foi alimentado por uma mãe e sentiu e bebeu toda a ternura feminina. O nosso Deus tremeu diante da morte ... e amou tudo quanto era humano: as coisas e os homens, o pão e a mulher, os bons e os pecadores. O nosso Deus foi um homem do seu tempo, frágil amigo da vida.*

*Mas o nosso Deus não tem preço e ninguém o pode comprar. É gratuito como o sol para as plantas. Podemos chamá-lo, gritar-lhe a nossa sede e fome d'Ele, a nossa perturbação, podemos bater-lhe à porta, levar-lhe a nossa dor e a nossa solidão: mas não temos direitos sobre Ele. Ele é o dom da nossa vida e dá-se com abundância, como o sol e como o ar. O nosso Deus surge a cada esquina, a cada curva da vida, floresce a cada instante para todos. E só pede uma resposta de amor gratuito»<sup>8</sup>.*

Quanto amor recebido espera ser gasto e quantas pessoas esperam que cuidemos delas? Quanto tempo levaremos a perceber e a viver em profundidade e com consciência o carisma das ENS? Que poderíamos responder ao Padre Caffarel, que nos leva a pensar que tudo o que diz respeito ao amor nos diz respeito? Peçamo-lo juntos, para depois podermos dizer, com as palavras de Isaías, a todos aqueles que o Senhor nos confia: *«Cuidarei para sempre de ti!»*.

<sup>8</sup> Juan Arias, *Il Dio en cui non credo*, Cittadella, Assis.

## EQUIPAS DE NOSSA SENHORA ACOLHEDORAS PARA OS CASAIS DE HOJE

«Jesus respondeu-lhe: “Sou Eu, que estou a falar contigo”» (Jo 4, 26)

---

Padre Angelo Epis

### **Introdução: Na escola da Samaritana**

**Lourdes.** Concluimos o nosso percurso destes três anos deixando-nos interpelar mais uma vez pelo Evangelho de João cap. 4: a Samaritana. Ser-nos-á de ajuda para reler a mensagem de Lourdes 2006 que, na sua terceira parte, propõe três linhas orientadoras: testemunhas no nosso tempo de uma felicidade ancorada no Evangelho, testemunhas do evangelho do matrimónio anunciado a tudo e a todos, testemunhas empenhadas em difundir a espiritualidade conjugal e em apresentar o sacramento do matrimónio às gerações jovens. Sublinha ainda que «nos alvares deste século XXI, as Equipas de Nossa Senhora devem tirar proveito das palavras pronunciadas pelo Padre Caffarel em 1987 em Chantilly: *«As Equipas de Nossa Senhora não tiveram devidamente em conta o facto de que a espiritualidade evolui em relação à idade dos casais e em relação à situação em que esses casais se encontram».*

- **A samaritana.** Da Samaritana vemos sobretudo o seu encontro pessoal com Jesus e o diálogo que dele brotar. É um convite a sair de uma situação de impasse feito de actos religiosos, de fidelidades muitas vezes esclerosadas, para chegar ao verdadeiro encontro com Aquele que nos salva. A fé da mulher e dos samaritanos tornou-se um “poço seco”. É preciso passar de uma fé feita de práticas religiosas para uma fé em espírito e verdade. A samaritana é chamada a uma “nova criação” e, diante dela, apresenta-se uma alternativa de escolha: permanecer nas velhas convicções e conhecimentos, continuando a procurar a água viva e a justificação nos poços secos dos santuários, das leis e dos costumes, ou escolher a «vida eterna» e deixar-se arrastar pela oferta de transformação e “transfiguração” de Jesus. O nosso tempo, caracterizado por realidades complexas, insta-nos a evitar seguranças inúteis e a não cair no risco do relativismo ou em falsas seguranças. Na nossa história existe a esperança, existe o bem, mas, sem um confronto face a face com Cristo, corremos o risco de nos colocarmos fora dos caminhos da história e de nos tornarmos incapazes de dar respostas a nós mesmos e aos outros.
- **Padre Caffarel.** Na origem da vocação do Padre Caffarel, há um encontro, o seu encontro com Cristo. Um encontro radical que muda toda a sua vida e que o leva a dizer que n’Ele «tudo estava jogado». Toda a sua vida é um acolhimento de Cristo nele. É o que está na origem das suas escolhas de padre e do carisma

que nos deixou. Para o Padre Caffarel, é um valor absoluto. É procura constante de Cristo na escuta da sua Palavra. O seu encontro não é um conjunto de práticas ou regras, mas procura e encontro pessoal com Aquele que transforma toda a vida.

Em 1987, fazendo um balanço depois de ter sublinhado os aspectos positivos do Movimento — “reconciliação entre amor e matrimónio”, estudo sobre a relação entre Palavra de Deus, casal e todas as realidades da vida do casal e da família ... — agradecia ao Senhor “o matrimónio dos nossos dois sacramentos”, o matrimónio e a ordem (bem sabemos a importância que o Movimento dá à presença activa do sacerdote nas equipas). Traçava um percurso ideal de trabalho: a relação entre amor e abnegação, o dom de si, o esquecimento de si, o sentido cristão da sexualidade: “é absolutamente preciso guiar os casais para a perfeição humana e cristã da relação sexual”. Finalmente, auspiciava uma missão para as ENS: renovar a antropologia, deixando de ignorar a complementaridade dos sexos, rejeitando o maniqueísmo de corpo e alma; desenvolver a entreajuda para caminhar para a santidade, santidade dinâmica, activa, que participa da evolução da criação. Sublinhava em particular alguns pontos novos: é preciso ter em conta os casais que não tiveram catequese, cuja prática dominical não é habitual. A questão das regras morais defendidas pela Igreja, e mal vividas; olhar para aqueles que desejam ir mais longe depois de vinte ou trinta anos de vida de equipa. Ajudar os casais a envelhecer bem, a viver a idade da reforma, a aproximar-se da sua morte. Insistia, por fim, na unidade do Movimento, que estava a espalhar-se em todos os continentes.

- **Igreja e mundo.** Finalmente, a mensagem de Lourdes desafia-nos a um confronto atento com a Igreja e o mundo de hoje. Confronto feito de escuta, obediência, mas também de propostas, percursos e indicações fiéis a Deus e atentas ao nosso tempo. Tem-se falado muito, nestes últimos anos, de um cristianismo que se deve equipar com vista ao terceiro milénio. Os esforços para realizar efectivamente a mudança de estilo que isso implica parecem muitas vezes *slogans* superficiais, destinados a mascarar e a perpetuar uma falta de criatividade efectiva. Pensar que tudo se possa resolver numa pura e simples actualização da linguagem — deixando inalterada a substância — seria banalizá-lo. “Não se trata apenas de encontrar palavras novas, adaptadas às mulheres e aos homens do nosso tempo, para lhes apresentar o Evangelho, mas, de forma mais radical, de repensar este último nas novas categorias mentais amadurecidas na pós-modernidade. Não é de temer que isto implique uma traição perante a divina Revelação: pelo contrário, é a única maneira de lhe permanecer fiel. Porque a continuidade da tradição que, ao longo dos séculos, lê a sagrada Escritura não se funda numa estéril repetição material — caso contrário, deveríamos ater-nos literalmente ao texto hebraico ou ao grego em que foi originariamente redigida — mas *realiza-se* na incessante tradução da sua mensagem em relação aos mais variados contextos culturais” (G. Savagnone, *Il*

*banchetto e la danza*, Paoline, p. 6). Vivemos hoje um delicado momento de transição. A cultura «moderna», que dominou o Ocidente durante cinco séculos, está em declínio, deixando o lugar a outra, diferente, mas ainda tão indefinida que só pode ser identificada em relação à anterior — não é por acaso que se lhe chama simplesmente «pós-moderna». Neste contexto, o esforço de exprimir a própria fé de uma forma nova, adequada a esta transformação radical, é para os cristãos a tarefa mais urgente (*idem*, p. 7). Lê-se no documento de Lourdes: “*A pedagogia das Equipas de Nossa Senhora deve exprimir-se numa linguagem actual que tenha em conta os sinais dos tempos. Compete-nos a nós inculturá-la sem a tornar insípida, simplificá-la, adaptá-la à idade e à duração da vida de casal, permitindo aprofundá-la sem que ela perca a sua essência. Trata-se de um caminho de felicidade tanto humana como espiritual*”. Infelizmente os nossos percursos e as nossas respostas nem sempre sabem olhar a riqueza de todos os continentes: limitamo-nos a uma mentalidade típica da Europa ocidental. Que percursos? Que fazer?

Estimulados pelas muitas situações em que vivemos, é tarefa urgente do nosso Movimento procurar respostas como indivíduos e como equipas. Na sua intervenção em Roma, diante do card. Jullien, lembrando a audiência de João XXIII, o Padre Caffarel recorda: «*Queremos responder à confiança do Papa, mas para isso é necessário que tenhamos uma visão exacta dos objectivos do nosso Movimento. Daí a grande importância da nossa peregrinação. Ela deve levar-nos a tomar mais plenamente consciência da vontade de Deus a respeito das Equipas, a interrogar-nos sobre a forma como temos respondido a essa vontade e a decidir responder sempre melhor “com confiança e humildade”, de acordo com o conselho do Santo Padre*».

## 1. «Sou eu, que estou a falar contigo» (Jo 4, 26)

«*Jesus respondeu-lhe: “Sou Eu, que estou a falar contigo”*» (4, 19-26). Estamos no momento decisivo do encontro entre a Samaritana e Jesus. Encontrando-se diante de um profeta, faz uma pergunta de carácter religioso: onde adorar a Deus? Ela procura o Messias, como todos os samaritanos, que esperam um Messias restaurador de todas as coisas: «Eu sei que o Messias, que é chamado Cristo, está para vir. Quando vier, há-de fazer-nos saber todas as coisas». Mais uma vez, procura esquivar-se introduzindo uma pergunta de carácter religioso; é a extrema defesa da Samaritana, a última tentativa de se subtrair a Jesus.

### O PERCURSO DE FÉ DA SAMARITANA

A partir desta pergunta, Jesus fá-la avançar ainda mais e de forma progressiva, levando-a a compreender o conteúdo do dom de Deus: que o Pai agora pode ser adorado em Espírito e Verdade. Conhecer o dom de Deus significa, em resumo, conhecer que o homem que está diante dela não é só uma pessoa com quem falar de assuntos religiosos. O passo decisivo será compreender “quem

é" aquele Jesus que está à sua frente e que Se lhe dirige com aquelas palavras. Ele parece não falar directamente de Si próprio, mas nós que lemos conhecemos uma palavra de Jesus que vem mais adiante: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida» (Jo 14,6). Jesus fala à Samaritana daquela verdade em que é preciso adorar a Deus: Ele próprio é a Verdade, porque é Deus que Se manifesta como homem. Por isso, não se adora a Deus num lugar, nem se adora a Deus dizendo umas quantas orações ou praticando actos de culto. Adora-se a Deus entrando no próprio movimento de Jesus, que vai em direcção ao Pai, encontrando aquele Jesus que é a Verdade de Deus presente no mundo, entrando com Ele na condição de filhos e seguindo-O. Agora a mulher aprende a dar um nome àquele homem cuja beleza e grandeza tinha intuído.

Adoradores também «em Espírito»: isto não significa simplesmente “espiritualmente” (ou seja, uma adoração puramente interior), mas quer dizer: no Espírito que Jesus dará com a Páscoa. Jesus remete para o momento em que Ele, a Verdade, com o dom do Espírito tornará o Pai realmente acessível. Não só compreende quem é Jesus, mas também quem é Deus, pois Jesus chama-Lhe “Pai” e diz-lhe que o Pai «procura esses adoradores» em espírito e verdade. Revela-se o rosto do Pai que deseja encontrar o homem; é-nos dito algo de grandioso: o encontro entre Deus e o homem, encontro realizado na adoração, não é movido apenas pelo desejo do homem de alguma coisa maior que possa satisfazer a sua sede, mas é movido também e em primeiro lugar pelo próprio desejo de Deus: Deus deseja fazer-Se encontrar pelo homem, fazer-Se reconhecer por ele como Pai, dar-Se a ele como vida, torná-lo capaz de uma adoração em Espírito e Verdade.

#### «EU SOU»

A resposta «Sou eu, que estou a falar contigo» não significa simplesmente: Eu sou o Messias, porque nós sabemos que na Bíblia o nome «Eu sou» é o nome de Deus. É na profundidade do seu mistério que Jesus Se apresenta: Ele está no mesmo plano que Deus. Portanto, o dom que lhe prometeu não é uma “coisa”; a água viva não é uma coisa, mas é Jesus Cristo revelador do Pai; aquele «**Eu sou**» que no Êxodo se tinha manifestado no fogo está agora aqui, tornado visível no rosto de Jesus.

É uma solene proclamação messiânica, uma explícita auto-revelação de Jesus, que ousa fazer sua uma expressão com que JHWH Se revelava a Israel. Jesus declara ser Aquele que realiza as expectativas dos samaritanos. Estes inspiravam-se de forma particular no Deuteronomio (18,15-18): «O Senhor, teu Deus, suscitará no meio de vós, dentre os teus irmãos, um profeta como eu; a ele debes escutar ... O Senhor disse-me então: “Está certo o que eles dizem. Suscitar-lhes-ei um profeta como tu, dentre os seus irmãos; porei as minhas palavras na sua boca e ele lhes dirá tudo o que Eu lhe ordenar”». Eles esperam o Messias como o novo Moisés: será profeta, indicará a verdade, revelará todas as coisas

que agora estão ocultas, ensinará a lei aos judeus e a todo o mundo. E esperavam-no como um líder político, o restaurador do estado de Israel.

«**Sou Eu**» não é, pois, uma simples declaração de identidade, é uma declaração teológica. Esta deve ser compreendida à luz de Êxodo 3, 13 ss: Quando fores ter com o faraó, com o teu povo, dirás: «**Eu sou** aquele que sou». Deve ser entendida também à luz dos acontecimentos no Jardim das Oliveiras quando os soldados do templo estão para prender Jesus: «**Sou Eu**», responde. Os soldados caem por terra; estão na presença de Deus (Jo 18, 5). «**Eu sou**», «**Sou Eu**» é o nome de Deus.

É a identidade profunda de Jesus. Jesus Filho de Deus, Jesus Deus, diz à mulher da Samaria: «Não só esperas o Messias que há-de revelar tudo, mas “Eu sou o Messias”, “Sou Deus”». Estamos na mesma revelação da sarça ardente. À medida que se abre ao Espírito, a Samaritana descobre no judeu que lhe pede água uma personagem misteriosa maior que o pai Abraão, um profeta capaz de ler no seu coração e na sua vida, o Messias que deve vir. E então torna-se claro que nesta altura a Samaritana já não tem saída, pois está diante da Verdade absoluta. Ou acolhe a pessoa de Jesus por aquilo que Ele é ou recusa-a. Deve rever toda a sua vida à luz daquele encontro. Jesus não aceita meias medidas. No fim do encontro definir-Se-á como o Salvador do mundo. Assim, Jesus não é apenas aquele através do qual Deus salva, mas Ele próprio é o Salvador do mundo. E revela à samaritana que não só Deus dá a vida por meio d’Ele, mas que Ele próprio a dá. É Ele que dá a vida, é a água que mata a sede, que tira toda a sede. Isto é muito importante também para nós, porque o Senhor coloca-nos diante de uma pergunta que o próprio Jesus já tinha feito aos seus apóstolos. Em Cesareia de Filipe, um dia perguntou: «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?». E logo a seguir: «E vós, quem dizeis que Eu sou?». Eis a profissão de fé de Pedro: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo» (Mt 16, 13-20).

## ENCONTRAR JESUS CRISTO

O encontro pessoal com Jesus muda a vida da mulher da Samaria. A pergunta «E vós, quem dizeis que Eu sou?» é aquela que todos os cristãos devem necessariamente fazer a si mesmos para poderem viver a sua própria experiência de fé, ou seja, quem é Jesus para mim, por que devo acolhê-lo na minha vida? Por que deve a samaritana acolher a revelação que Jesus lhe faz? «Quem é este Je-sus?»: é a pergunta fundamental da nossa experiência de fé. Se não a enfren-tarmos, será difícil levar por diante uma significativa experiência de fé. A nossa experiência nas Equipas, escreve o Padre Caffarel, deve conduzir-nos ao encontro pessoal com Jesus. «Contentar-se com estar na multidão que rodeia Cristo sem procurar ter um contacto pessoal com Ele, sem estabelecer uma relação pessoal com Ele, é mostrar muita indiferença» (Carta de Maio 1954).

O cristianismo não é só uma religião, mas é o encontro com uma pessoa. A religião é o esforço do homem para alcançar Deus, um caminho que vai do homem para Deus. O cristianismo é Deus que alcança o homem, é Deus que encontra o homem. E não é possível viver a experiência de fé senão realizando um encontro. Muitas vezes, também a nossa preparação catequística e catequética, o nosso conhecimento da fé chega ao ponto de não dizer mais nada: porque o cristianismo não se pode reduzir a uma doutrina. O cristianismo é um encontro, o encontro entre mim e Jesus, pessoalmente.

Muitas vezes, o nosso fazer equipa detém-se na aplicação de um método como panaceia da vida. É Cristo a curar, confortar, dar força à nossa vida. A propósito de uma fé superficial, escreve o Padre Caffarel: *«Este sintoma inquietante encontrar-se-á na vossa vida cristã — que é, que deve ser união a Cristo? Cristo fala-vos, escutai-l’O? Ledes e reledes o Evangelho, a sua mensagem, para entrardes em comunicação com Ele? O essencial de uma mensagem é tornar praticável um percurso rumo aos sentimentos e aos pensamentos profundos do seu autor. É assim que ledes o Evangelho? Para lá das palavras e dos exemplos, descobris o pensamento vivo do Filho de Deus, percebeis as batidas do Coração eterno, estabeleceis uma relação pessoal com Jesus Cristo? Aquele que frequenta o Evangelho não só como seu raciocínio, mas com uma atenção particular do espírito, no silêncio interior, não tarda a encontrar Cristo ... Desejo que cada um de vós sinta fome do Evangelho não dia em que não o ler»* (LETTRE MENSUELLE DES ÉQUIPES NOTRE-DAME VIÈME année, n.º 3 – Décembre 1952).

Da leitura do Padre Caffarel algumas indicações a redescobrir, valorizar ou aperfeiçoar. Com certeza a Palavra de Deus, e voltaremos a ela, mas também:

- **O silêncio.** *«Fazer silêncio é difícil no nosso mundo terrivelmente ruidoso. Não falo só dos ruídos materiais, mas de todos aqueles elementos, novidades sensacionais ... Todavia, o silêncio interior é possível. Para lá chegar, é preciso exercitar-se com paciência e doçura. Os meios violentos nunca foram bons meios de pacificação. Trata-se justamente da pacificação com que todas as nossas faculdades se tornam disponíveis para Deus, prontas para a escuta. Este último termo evoca uma qualidade típica do silêncio: o recolhimento. É uma atenção vigilante pronta a acolher a voz interior»* (L’Anneau d’Or; Mai-Août-1957; Seigneur, apprendis-nous à prier; Lettres sur l’Oraison, La légende du chevorotin, page 227).
- **Ultrapassar o formalismo.** *«Também aquele que dá todos os seus bens aos pobres pode ser um tambor, vazio e barulhento, diz-nos S. Paulo. Para se ser justo aos olhos de Deus não basta sujeitar-se a uns mandamentos, é preciso ter dentro de si o Espírito Santo e a caridade que é derramada nos nossos corações. Ai do homem virtuoso, zeloso, austero, heróico, se se compraz consigo próprio, se não se reconhece pecador ... se não se abre ao Salvador».*
- **A oração.** Após algumas considerações sobre o publicano e o fariseu no templo, diz: *«A vossa segurança é ilusória se não tiver Deus como fundamento. Convite a deixar as Equipas? Certamente que não, mas convite a recorrer ao meio que pode salvar do farisaísmo:*

a oração. A oração autêntica é o único contraveneno conhecido. É por isso que um grupo religioso que não seja escola de oração é terrivelmente perigoso: não é senão uma fábrica de fariseus ... Na verdade, se depois de dois ou três anos de vida de equipa não tiverdes aprendido a rezar e não derdes à oração um lugar central na vossa vida, não evitareis o farisaísmo ... Falo da oração verdadeira, prolongada; ela tem uma virtude magnífica para nos guiar na descoberta de Deus e de nós mesmos, da santidade de Deus e da nossa necessidade de ser salvos» (LETTRE MENSUELLE DES ÉQUIPES NOTRE-DAME 11<sup>o</sup> Année n.º 4 – Janvier 1958).

- **O seguimento de Jesus.** «O ideal evangélico não é, unicamente nem antes de mais, um conjunto de doutrinas a adoptar, mas Alguém a seguir. Seguir é aprender a pensar, a agir, a viver com Ele e como Ele. Este Alguém não é um homem de meias medidas nem de Se comprometer. É o homem de um só amor e não pede menos que isso aos seus discípulos ... Sim Cristo pede tudo ... entre Ele e o discípulo a intimidade estabelece-se ao nível de um dom total recíproco. Mas quem diz dom total diz, ao mesmo tempo, renúncia ... Eis o ideal evangélico. Ele impõe-se em todos os estados de vida. Às pessoas casadas e às outras. Não há uma vida cristã com desconto para as pessoas fracas ... No e pelo seu amor, o homem e a mulher podem e devem chegar ao dom total a Jesus Cristo. Foi para que eles realizassem este ideal que o Senhor fez do matrimónio um sacramento, ou seja, uma realidade humana habitada e entretida pela Caridade divina, a qual — como um poderoso fermento — permite aos esposos realizarem aquilo que parece impossível ao homem, mas que é possível a Deus» (LETTRE MENSUELLE DES ÉQUIPES NOTRE-DAME XVIème Année n.º 2 – Novembre 1962).

## OS PERCURSOS DA FÉ

O percurso da mulher desemboca numa nova situação relacional e, contagiada pelo movimento de Jesus, alarga o círculo de aproximação. A Samaritana entra em cena como «uma mulher da Samaria» e sai como conhecedora da fonte de «água viva», consciente de ter sido procurada pelo Pai que quer fazer dela uma adoradora. A sua identidade transformada faz dela uma evangelizadora que, pelo seu testemunho, consegue fazer com que muitos se aproximem de Jesus e acreditem n'Ele. Aquela que falava de «tirar água» como de uma tarefa que existe esforço e trabalho abandona agora o seu cântaro: Jesus revelou-lhe um dom que não exige nada em troca e que lhe é dado gratuitamente. Como uma água «que jorra para a vida eterna», uma corrente de gratuidade percorre o texto e transfigura as personagens: a mulher, depois da tentativa de levar a Jesus a sua gente, os seus, retira-se e deixa que sejam eles próprios a descobrir-l'O e a acreditar por si e não pelo testemunho dela. Foi guiada até à sua própria interioridade, através de um percurso paciente que a fez passar da dispersão à unificação, e ela, discípula deste Mestre, atrai e conduz a Ele as pessoas do seu povo.

A mulher, ao deixar o cântaro no poço, porque já não precisa daquela água, porque o dom é um “Outro”, agora não teme ir contar o que Jesus lhe disse: sinal

de uma mudança real. Indo ter com os seus concidadãos, convida-os a irem a Jesus: os samaritanos deverão, por sua vez, fazer a sua escolha, e fá-la-ão não só pela intervenção da mulher mas por terem conhecido Jesus pessoalmente.

Remetendo-nos à mensagem de Lourdes 2006, perguntamo-nos se procurámos realizar algumas indicações:

- *Devemos tomar todas as iniciativas necessárias para ajudar os equipistas e o Movimento a porem-se à escuta das necessidades do nosso tempo, a aprenderem a comunicar e a dialogar acerca da espiritualidade conjugal e familiar.*
- *De ouvidos e olhos bem abertos a tudo o que se passa no mundo, atentas àquilo a que algumas pessoas chamam “a profecia do mundo”, receptivas ao que vem de Deus a fim de receber e de valorizar o que é bom, assim são as Equipas de Nossa Senhora. Elas prosseguem e intensificam as suas investigações sobre todos os aspectos do matrimónio, em particular sobre o seu carácter sacramental. Acolhamos a realidade de vida de irmãos e irmãs viúvos e viúvas.*
- *Procuremos também a forma de nos fazermos próximos daqueles que se vêem confrontados com a crise, com o fracasso do casal; abramos o coração e tomemos iniciativas para que nasçam e se desenvolvam grupos ou movimentos específicos que respondam às novas situações desses casais.*
- *Apoiemos os casais que uma crise ainda não separou totalmente e que podem comprometer-se num caminho de “reencontro”.*
- *É nossa preocupação constante uma atenção particular aos jovens: a nossa atenção aos que se encontram afastados da Igreja, aos que se reaproximam, aos que não conhecem Cristo e o Evangelho, àqueles para quem o matrimónio não tem um significado claro e essencial, tudo isso mostra que estamos ao serviço da Boa Nova do amor entre o homem e a mulher e encarregados de a levar ao mundo.*

Façamos uma síntese à luz do capítulo 4 de João:

- A fé dos **discípulos**: «Quando Jesus ressuscitou dos mortos, os seus discípulos recordaram-se de que Ele o tinha dito e creram na Escritura e nas palavras que tinha proferido» (Jo 2, 22). O nosso percurso na história está sujeito ao trabalho da procura, feita com esperança, mas é só diante do dom de Jesus na cruz e na ressurreição, centro do plano de Deus testemunhado pelas Escrituras, que nasce realmente a fé do discípulo.
- O caminho de fé implica efectivamente a instauração de uma vida nova, sob a acção do Espírito, que sopra onde quer. São estes os seus três passos: ver os sinais, escutar a Palavra, contemplar e acolher o amor de Jesus.
- Ter fé em Jesus não é só uma questão teórica, mas significa **praticar a Verdade**, fazer a verdade, ou seja, estar disponível para permitir que a vida se torne “verdadeira” da verdade de Jesus. A fé cresce e torna-se madura se a verdade

de Cristo transformar a nossa existência a ponto de nela se fazer verdade. Se houver as recusas radicais e profundas que por vezes bloqueiam o coração, não se chega à luz de Cristo.

## 2. À escuta de Deus: Como Maria, Palavra e oração

Um tema caro ao Padre Caffarel era a devoção a Maria. Não é por acaso que nos chamamos “de Nossa Senhora”. Henri Caffarel mostrou a sua confiança na intercessão de Maria. Num editorial (citado pelo Padre Fleischmann) em que parte do facto de o próprio Cristo amar sua Mãe «entre todas as criaturas com um amor de predilecção: primeira a seguir ao Pai. Não está também em mim este amor à Virgem se estou unido a Cristo? ... Mas atenção! Este amor a Nossa Senhora não é um sentimento mole: é deslumbramento diante da mais radiosa e mais santa das criaturas, é gratidão filial para com a Mãe de todas as mães, é vontade activa de lhe agradecer, de a ajudar na sua tarefa, que é precisamente a da maternidade junto dos homens ...» (Carta Mensal de Maio 1952). Maria é de alguma maneira o ícone mais adequado do que foi esboçado até aqui. Ela vive o mistério no esforço constante de captar o seu significado na variedade das experiências em que se encontra envolvida e que constituem a sua história. «Quanto a Maria, conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração» (Lc 2, 19).

A história de Maria é antes de mais uma memória: «conservava». Maria guarda com cuidado os factos concretos que lhe acontecem no espaço e no tempo determinado em que vive, porque é aqui que, para ela, se manifesta a vontade divina. Mas não se limita a conservá-los: meditava-os. O verbo grego que o evangelista utilizou para indicar esta mediação é *ymballein*, que literalmente quer dizer *unir, ligar*. É a obra da razão, que de uma multiplicidade de elementos extrai um único fio, estabelecendo nexos causais, captando analogias, identificando constantes. Maria, na sua fé, reflectia. E nesta reflexão também ela, como o seu filho, crescia. O episódio da perda de Jesus em Jerusalém e do seu reencontro no Templo, com o relato da reacção dos pais, diz-nos que este crescimento foi gradual e marcado, como convém a um ser humano, por pausas, regressos, incertezas. «Mas eles não compreenderam as palavras que lhes disse» (Lc 2, 50).

S. Tomás escrevia que «a felicidade plena do homem consiste numa visão sobrenatural de Deus. Mas o homem não pode lá chegar senão à maneira de um discípulo que aprende com Deus. [...] Ora, o homem não assimila este ensinamento imediatamente, mas gradualmente, de acordo com a sua natureza». A vida espiritual — como ensinaram os grandes mestres do passado — não é um estado, adquirido de uma vez por todas, mas um processo, um caminho, marcado por etapas significativas mas nunca exaustivas. Maria percorreu este caminho. A mulher que estava aos pés da cruz, no acto de unir o supremo sacrifício

de si ao de seu Filho, não era a mesma que muitos anos antes ficou perturbada à simples saudação do anjo. Cada cristão é chamado a percorrer este caminho de despojamento e de graça. Na consciência de que o Mistério não torna vã a sua história, mas acompanha-a e acolhe-a com a sua infinita misericórdia (Savagnone, *op. cit.*, pp. 81-82).

- **Bem-aventurados os que escutam a Palavra.** Numa época em que domina a palavra, a comunicação, a imagem, somos bombardeados de mensagens vindas de todos os lados. Elas exigem espaço à nossa escuta e à nossa atenção. É uma das tarefas urgentes para o crente, num mundo que quase perdeu a capacidade de comunicar. O título de «Virgem que sabe ouvir», o primeiro dos quatro que a *Marialis Cultus* atribui à Virgem Maria, parece-me cheio de actualidade e de significado. É necessário escutar o homem, mas ainda é mais necessário pôr-se à escuta de Deus. O princípio religioso fundamental, na Escritura, é o seguinte: «Ouvi a palavra do Senhor» (Is 1, 10, Jr 2, 4; Am 7, 16). A revelação bíblica manifestou-se-nos essencialmente sob a forma de palavra. A Deus que fala deve-se a «obediência da fé» (Rm 1, 5; 16, 26; 2 Cor 10, 5) que é a única que pode salvar. O povo messiânico é a comunidade que escuta a voz do Senhor. Maria, que na obediência da fé se abre à palavra de Deus, é a primeira entre os crentes, a *Virgem que sabe ouvir*. Segundo a *Marialis Cultus*, a escuta, logo, a fé de Maria foi «prelúdio e caminho para a maternidade divina» (MC 17). É a fé que torna a existência fecunda (*cf.* Heb 11). A palavra, para Maria, não é simplesmente o livro da Escritura, mas é o dom de Deus, o Verbo do Pai por ela gerado no tempo: Cristo Senhor, de quem foi humilde e fiel discípula. Gerar Cristo não é só tarefa de Maria: Ele deve nascer no coração e na vida de cada crente. Quem acolhe a Palavra de Deus, Cristo, estabelece com Ele vínculos muito estreitos: «Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 8, 21).

- **Virgem que sabe ouvir.** A Palavra de Deus, acolhida por Maria, levou a felicidade ao mundo inteiro. Neste sentido, ela é causa da nossa alegria, fonte do júbilo da Igreja de Cristo. «... fé com a qual ela, protagonista e testemunha singular da Encarnação, reconsiderava os acontecimentos da infância de Cristo, confrontando-os entre si, no íntimo do seu coração» (MC 17). A fé cristã ama a história, a que está intimamente ligada. Funda-se nos factos, nas intervenções de Deus no tempo dos homens. A fé apoia-se sobretudo no acontecimento central da história do mundo, no acontecimento Cristo, que dá sentido a tudo o que precede e se segue à sua vinda. O crente é aquele que escuta a Palavra e, à sua luz, perscruta os sinais dos tempos. De facto, a revelação de Deus compõe-se de «acções e palavras intimamente relacionadas entre si» que se iluminam mutuamente (*cf.* DV 2). Maria, «protagonista e testemunha singular da Encarnação», medita com amor, reflecte com atitude sapiencial, reexamina este acontecimento e tudo o que a ele se refere. À luz de Cristo, desvenda-se-lhe, de forma gradual, o sentido da história do povo de Deus e do seu destino de gra-

ça; abre-se-lhe o sentido dos factos passados e presentes e o próprio significado da sua existência consagrada ao Senhor. Com ela, todos os crentes, toda a Igreja, devem aprender a sua disposição para a escuta, para a reflexão sobre os acontecimentos, cujo sentido profundo se revela em Cristo. Como Maria, a Igreja está à escuta da Palavra de Deus, de Cristo, que a introduz nos mistérios do Reino. A comunidade de fé, reunida em torno de Cristo Senhor, sentada atentamente aos pés do Mestre, acolhe a sua palavra que, por seu turno, proclama e «distribui aos fiéis como pão de vida» (MC 17). A Igreja, depois de ter concebido a palavra, como Maria, por obra do Espírito Santo, dá-a ao mundo como mensagem e proposta de salvação; e, «à luz da mesma, perscruta os sinais dos tempos, interpreta e vive os acontecimentos da história» (MC 17). A exemplo da Virgem, a comunidade dos crentes deve viver em atitude sapiencial. Cheia de assombro, deve «confrontar» o que lhe é dado «ver e ouvir» em relação a Cristo e ao seu mistério. Nesta meditação, ditosa e dramática ao mesmo tempo, revela-se-lhe o mistério da Palavra de Deus feita carne para a nossa salvação; da existência humana, marcada pela provação e destinada à glória; do tempo, em que se vai realizando a obra da salvação. Maria, virgem que sabe ouvir, é um desafio para o crente e para o homem contemporâneo, muitas vezes distraído e atordoado. É um convite à reflexão, à contemplação; a dar espaço à Palavra de Deus e à palavra humana na nossa existência, para viver com responsabilidade no meio do mundo.

**A oração do Magnificat não é para nós um acto de devoção;** é, de alguma maneira, a trama em que lemos a vida quotidiana. Maria, enquanto com ela louvamos a Deus, ensina-nos a meditar e a conservar no coração os acontecimentos da vida.

### **3. «Nisto chegaram os seus discípulos e ficaram admirados de Ele estar a falar com uma mulher»**

O encontro com Cristo leva-nos agora a verificar se a nossa experiência de equipa ainda tem em si a água viva para anunciar o Evangelho do matrimónio. Como os discípulos, ficamos muitas vezes incapazes de compreender os percursos que o Senhor vai traçando.

#### **A HUMANIDADE ACTUAL: QUE FORMAÇÃO CRISTÃ E NO MOVIMENTO?**

Parece-me que os textos citados até aqui e as solicitações do Padre Caffarel nos levam a perguntar-nos como é que os nossos percursos respondem às interrogações do mundo. Será suficiente a preocupação por uma difusão mais ampla ou não será preciso que haja também uma consolidação das nossas equipas? O texto de João 4 faz-nos reflectir: Não bastam os conhecimentos, é necessária a experiência verdadeira, profunda e pessoal. O *saber* sozinho mostra-

-se como algo de estéril: a Samaritana dirige-se a Jesus de forma interrogativa, esperando d'Ele um progresso no campo do conhecimento («Como é que tu me pedes ...?», «Onde consegues ...?», «Porventura és mais ...?»). As palavras da mulher, que reflectem as convicções do seu povo, afirmam as diferenças entre etnias, convicções ou teologias, dividem as pessoas e impedem-lhes a possibilidade de entrar em relação, reduzem as expectativas sobre o Messias, que lhes permita ter acesso a um *saber* («há-de fazer-nos saber todas as coisas»).

Jesus oferece um “saber alternativo” e convida a abandonar os “múltiplos saberes” para entrar numa verdade a que não se chega pelo caminho do indeterminado, mas através da realidade tangível e concreta. As suas palavras não visam ampliar os conhecimentos, mas provocar uma mudança de vida. Tanto o «poço de Jacob», símbolo da sabedoria que a lei dá, como «o que está escrito na lei» (Lc 10, 26), perdem a sua validade, substituídos pela «água viva» e pelo convite não a *ler* mas a *olhar* as pessoas e os seus comportamentos reais. É *fazendo* e não *sabendo* que se obtém a vida. Um *saber* definitivo substitui os provisórios, e não é no futuro mas *agora* e *graças* à Palavra de Jesus que se acede à novidade deste conhecimento. Os papéis e os estereótipos de *género* mostram-se também ultrapassados: a mulher, surpreendentemente, toma a palavra e transforma-se em *testemunha* e *evangelizadora* dos seus concidadãos, desempenhando um papel reservado aos homens. A isso impele o nosso carisma na Igreja e na sociedade.

Alguns pontos interpelam-nos de forma particular:

**A teologia do matrimónio.** O Padre Caffarel, na sua reflexão sobre o matrimónio, oferece percursos de grande relevo. A sua herança espiritual encontra aqui campo para uma procura aprofundada. Na escola de S. Paulo ele aprofunda cada vez mais a realidade da vida conjugal à luz da união com Cristo. Não surpreende aprender na Bíblia que o amor entre homem e mulher é um dos grandes símbolos do amor que Deus tem pelo homem. Na concepção bíblica, a sexualidade não é sagrada; mas é chamada a exprimir e a aprofundar a relação do casal com o Senhor. Esta é uma afirmação específica dos cristãos: a relação entre fé e sexualidade. Os cristãos devem unir-se «no Senhor» (1 Cor 7, 39). O amor que dois cristãos devem ter um pelo outro em Cristo não se substitui ao amor sexual, não se sobrepõe; dá-lhe o seu pleno significado. O eros é assumido no ágape. O amor vivido na fé é o sentido último da sexualidade.

O percurso nas Equipas deve fazer-se também procura atenta da teologia do matrimónio. Muito foi feito, mas muito há ainda a fazer para nos pormos efectivamente ao serviço do mundo.

**A sexualidade.** A sexualidade é expressão simbólica do amor de Cristo e da Igreja; não se compreende senão a partir da visão total do homem trazida pelo Novo Testamento: o homem é um ser de relação, horizontalmente com os outros,

verticalmente com Deus. O verdadeiro sentido, o valor com que deve medir-se a sexualidade é o homem criado por Deus, liberto em Jesus Cristo, colocado diante do próximo. O homem, liberto por Cristo, é chamado também a viver a sua sexualidade na liberdade; liberdade responsável; em Cristo a sexualidade é liberta como sexualidade absoluta: torna-se relativa ao próximo e a Deus: é chamada a tornar-se linguagem de amor, de comunhão e de vida. Muitas vezes, como um novo sinédrio, paramos para julgar e condenar os desvios no campo da sexualidade. Seria como se Jesus, diante da samaritana, Se tivesse contentado em evidenciar e condenar a sua desordem afectiva. Ele eleva-a e transforma-a mediante um encontro verdadeiro e pessoal.

Compreende-se então que, na Bíblia, a união conjugal tenha servido aos escritores sagrados para simbolizar as relações de Deus com o seu povo. O Antigo Testamento compara constantemente as relações de Deus e do seu povo eleito com as relações do esposo e da esposa, e o traço dominante deste confronto simbólico é a fidelidade. Este tema é inaugurado pelo profeta Oseias, retomado depois por Isaías, por Ezequiel e por numerosas passagens dos salmos e da sabedoria. O desenvolvimento deste tema desemboca em Paulo e na Carta aos Efésios, que desvenda o sentido mais profundo da união de casal: toda a realidade do casal e da sexualidade remete para o mistério conjugal do amor de Cristo e da sua Igreja. A união conjugal no seu todo, até na sua consumação física, simboliza o mistério.

Em toda a procura feita com honestidade chega-se, no fundo, a certos valores permanentes que são próprios do homem de sempre. E é bonito ver como a procura humana se encontra aqui com a revelação cristã. Esquemáticamente parece-me útil indicar três vertentes em que realizar a nossa procura:

- **Dimensão existencial e relativa.** A sexualidade é uma dimensão radical da existência pessoal e social; não existe realização da pessoa sem realização sexual. No entanto, a sexualidade não é o todo do homem: é relativa à construção do mundo e da justiça.
- **O amor lei da sexualidade.** Para se humanizar a sexualidade devem seguir-se as regras do amor: promover as diferenças, aceitar o necessário sacrifício, construir uma aliança na duração.
- **As três funções da sexualidade.** No casal articulam-se as três funções da sexualidade: a função relação, a função prazer, a função fecundidade.

Parece evidente como também este campo nos pede que nos ponhamos em estado de procura.

A sexualidade, como é apresentada na Bíblia, é um caminho fascinante e arriscado. É uma dimensão constitutiva da criatura de Deus: «Deus criou o ser humano à sua imagem; Ele os criou homem e mulher» (Génesis 1, 27). Ela não é,

portanto, uma realidade banal, secundária, um acréscimo a uma natureza humana assexuada; é uma dimensão radical da existência pessoal e social. Por isso, o modo de regular a vida sexual é muito importante para a humanização do homem; a sexualidade bem vivida pode contribuir para construir o homem e a mulher, mal vivida pode arruinar a vida e a humanidade dos dois. Por isso, a sexualidade é um lugar obrigatório da fidelidade ao plano de Deus, é uma passagem decisiva na relação com Deus. Esta valorização da sexualidade contrapõe-se a certas correntes actuais que pretendem de banalizar a sexualidade e o exercício genital e declarar indiferentes os comportamentos sexuais. A sexualidade, pelo contrário, implica a pessoa no seu todo: S. Paulo repreende alguns coríntios por quererem reduzir a actividade sexual a um gesto indiferente como comer e beber, ao passo que a sexualidade é uma função do corpo, isto é, da pessoa na sua totalidade concreta: a relação sexual não é um gesto superficial que fique periférico à pessoa, mas implica o homem todo (1 Cor 6, 16 ss). Por outro lado, a sexualidade tem também a função de unir profundamente as pessoas, de fazer delas uma só «carne» (Génesis 2, 24).

Vê-se, assim, como se deve entender a sexualidade segundo a perspectiva bíblica: é uma força que implica todos os aspectos do nosso ser. Enquanto a genitalidade é aquela esfera de nós próprios que se orienta para o prazer e para a procriação, a sexualidade é toda a afectividade humana, é todo o ser-homem e o ser-mulher enquanto diferentes e complementares. A sexualidade é aquela dimensão rica e profunda da nossa personalidade que nos permite realizar-nos em comunhão uns com os outros. É uma afirmação central da Bíblia e é con-vicção radical do cristianismo: a sexualidade, o casal e a família não são o todo da vida do homem e da mulher. Como todas as outras realidades terrenas, como o dinheiro, como o poder, como a vida nesta terra, o casal é marcado pela relatividade de criatura e pela relatividade evangélica. A sexualidade é, pela criação, relativa ao cultivo do jardim, à construção do mundo (poderia dizer-se à moral entendida como amor de tudo o que é humano no homem?); e a sexualidade é, no encontro com Jesus Cristo, relativa à procura do Reino.

Esta realidade explica duas afirmações só aparentemente surpreendentes do Novo Testamento: o reconhecimento do celibato como um outro modo de viver a vida sexual; e o chamamento a abandonar, em vista do Reino, o pai e a mãe e a não absolutizar os laços com o cônjuge e os filhos.

A família não é secundária, mas está em segundo lugar relativamente à solidariedade que o Evangelho exige para com o Senhor e, portanto, para com os pobres e os oprimidos. A realidade sexual é uma realidade aberta a algo mais vasto em relação à família: o Reino de Deus e a justiça ou o seu desígnio sobre o mundo. O sonho de um casal abrigo, de um casal ninho, tão enraizado no nosso tempo, é eliminado pela raiz pelo apelo de Cristo e pela luz que este projecta sobre a sexualidade humana. Prazer, fecundidade, relação interpessoal, só são

verdadeiramente humanos e humanizantes se se ordenarem à procura de um mundo em conformidade com o projecto de Deus, isto é, um mundo que ama.

«*Levantai os olhos e vede os campos que estão doirados para a ceifa*». Uma dimensão a que ainda nos impele é a da difusão e da missão. «*Levantai os olhos*» evoca as palavras de Yahvé a Abraão: «Levanta os olhos para o céu e conta as estrelas, se fores capaz de as contar» (Gn 15, 5). Jesus convida a olhar os campos já prontos para a ceifa. A seara já está pronta, é preciso ceifá-la. Foi Ele que semeou e, graças à sua acção, agora a multidão está a chegar.

Observar a vida da natureza pode ajudar-nos a adquirir o sentido de um optimismo positivo que estimula a agir infatigavelmente, na certeza de que o Pai trabalha continuamente e cria as coisas para a nossa alegria.

Levanta os olhos e olha para longe. Não o podemos fazer se não sairmos das nossas casas, das nossas comodidades, se não sairmos do nosso pequeno mundo que muitas vezes tem os limites de uma equipa ou de uma cultura. O próprio Yahvé conduz Abraão para fora da tenda para lhe mostrar o céu estrelado e lhe dar a certeza da sua paternidade.

O desenvolvimento da espiritualidade das ENS no mundo é obra de Deus, mas exige de todos um empenhamento pessoal para colher as riquezas de outras pessoas e culturas. Com certeza, não é fácil *levantar* os olhos. Mas deveríamos medir mais o nosso optimismo pela Palavra de Jesus: «um é o que semeia e outro o que ceifa». Deveríamos, por outras palavras, aprender a tirar proveito da nossa história, mas também compreender as dinâmicas da colaboração e da colegialidade. Cada um de nós, naquilo que lhe compete para o serviço de responsável, é promotor de esperança e de alegria.

*Com paciência, Jesus pede-te que esperes todo o tempo que o Senhor determinou para o teu crescimento, que sejas capaz de deixar que outros ceifem onde tu semeaste, na convicção de que o fruto vem de Deus e a Ele pertence, que o campo é de todos e não um feudo nosso. A alegria será partilhada. De facto, o sacrifício, os trabalhos, os sofrimentos, a fé de quem nos precedeu, serviram de preparação para aquilo que agora podemos colher com alegria e reconhecimento. E isto é possível porque outros trabalharam e nós substituímo-los no seu trabalho.*

#### **4. «Já não é pelas tuas palavras que acreditamos; nós próprios vimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo» (Jo 4, 39-42)**

A história do nosso Movimento deixou-nos heranças preciosas que não podemos perder nem guardar de forma errada. A mulher da Samaria passa do relato de tudo o que fez ao anúncio de um Jesus que a transformou. Vive a sua missão como serviço, sabendo pôr-se de parte para que seja Jesus a falar. Os

samaritanos encontram-se com Jesus graças a este serviço. Também eles são chamados a fazer a mesma experiência de intimidade que a mulher viveu.

Creio que a nossa experiência de Equipas nos exige agora que verifiquemos alguns percursos para que sejam anúncio para o mundo:

- Os casais e as famílias de hoje; que missão e que tarefas para a evangelização esperam das equipas? Penso que a maior parte dos equipistas estejam comprometidos em numerosos serviços e actividades nas comunidades cristãs. A nível de reflexão e de empenhamento somos, todavia, solicitados a tornar mais transparente o nosso encontro com Cristo. O amor que está na base da escolha tem necessidade de sinais palpáveis que falem com amor, verdade e caridade a todos os que andam à procura ou vivem situações de desordem.
- Todos nós desejamos a unidade do Movimento, mas também a sua riqueza. Há realidades completamente novas e culturas diferentes da cultura europeia; como torná-las protagonistas no Movimento e na Igreja?
- Como já disse atrás, há o problema dos jovens e das Equipas jovens: a sua formação, o acolhimento. Já o Padre Caffarel o recordava observando como muitas vezes falta uma formação cristã de base.
- As Equipas antigas e os idosos: um novo projecto em direcção a Cristo para tornar cada vez mais verdadeiro e presente o objectivo de ser equipista: Cristo.
- Para esta tarefa é necessário voltar às origens. A mulher da Samaria aconselha-nos a não nos tornarmos como aqueles que procuram matar a sua sede nas tradições dos antepassados, nos métodos incapazes de propor novidade. Diz-nos que nos abramos a Jesus, que não propõe nenhum ideal exterior, mas convida a mulher, e depois os discípulos e a gente da cidade, a acolherem um dom gratuito, a não se centrarem em si mesmos e nas suas próprias perfeições, mas na relação com os irmãos. O Padre Caffarel recordava-nos que o objectivo do Movimento é Cristo, e para o atingir devem contribuir todos os meios: a Eucaristia e a Escritura em particular, mas também a capacidade de fazer desses meios uma escola de formação cristã, de aprofundamento da Sagrada Escritura à luz da Tradição, a entreatajuda, a caridade e os pontos concretos de esforço.
- Os dois sacramentos a que a Igreja chama sacramentos de comunhão — matrimónio e ordem — levam-nos, por fim, a compreender a missão dos conselheiros espirituais nas equipas. O problema não é a falta, mas o seu papel e a sua formação.

## **Conclusão**

A festa dos samaritanos que vão ao encontro de Jesus contagia-nos. Uma festa não é festa sem banquete. Este é um dos motivos pelos quais ao longo de

toda esta passagem se faz alusão também ao tema do alimento, do pão. Os discípulos foram comprar pão, alimentos, e são apresentados assim desde o início (vv. 8 e 27). Mas não é do seu pão que Jesus precisa, pelo contrário, é Ele que possui um pão novo, o de fazer a vontade do Pai e consumir a sua obra: «O meu alimento é fazer a vontade d’Aquele que Me enviou e consumir a sua obra». As pessoas que O encontraram deverão aprender a alimentar-se do seu próprio alimento, confiando n’Ele, que é a verdade de Deus no mundo. Mais uma vez, é a missão que nos espera.

Enquanto acolhemos os casais que procedem das diferentes realidades culturais do nosso mundo, cada um de nós deve dizer: «Nós não acreditamos simplesmente por palavras humanas, mas porque nós próprios escutámos com os nossos ouvidos, ouvimos e vimos». E este é um convite à experiência de encontro pessoal com o Senhor através da sua Palavra, através dos sacramentos. Quando vivemos a experiência do encontro com Cristo no meio em que vivemos todos os dias, em que realizamos o serviço, o nosso compromisso, a nossa actividade, nos nossos países e segundo a nossa vocação, aí vive a Igreja, e as Equipas realizam a sua missão.

Temos muitas oportunidades para nos aproximarmos do poço do encontro, todas as vezes que com sede nos aproximamos da Eucaristia ou meditamos pessoalmente a Palavra de Deus. O evangelista João tem a preocupação de nos dizer que a salvação é para todos. As barreiras do judaísmo caíram. Esta conversão e o acolhimento de Jesus é a antecipação da conversão dos não judeus, da qual a seguir a comunidade fará a experiência. João tem o cuidado de sublinhar um conceito que lhe é muito caro: a fé torna-se contagiosa. Temos necessidade de ver, de ouvir, de tocar.

O encontro com as testemunhas de Cristo é apenas o primeiro passo para o conhecimento do «dom de Deus». A verdadeira fé surge quando encontramos pessoalmente Cristo. Sim, porque o testemunho dispõe à fé, mas a fé continua a ser um facto misterioso, pessoal.

O encontro pessoal com Jesus não pode limitar-se à leitura do texto, ou à aplicação de um método, mas deve dizer respeito ao caminho interior de cada um, à sua experiência de fé, à sua experiência de vida. Para fazer a experiência de Deus, os samaritanos, convidados pela Samaritana que se faz anunciadora, devem sair da cidade e permanecer junto de Jesus. Só quem se faz viandante pode reconhecer no homem parado junto ao poço o Salvador do mundo, o único que dá a vida.



# CINCO PÁROCOS INTERROGAM-SE ...

*«Caía uma destas morrinhas que nos entram pelos pulmões dentro e nos chegam até às entranhas. Do alto da encosta de Saint Vaast, a aldeia pareceu-nos bruscamente tão atarracada, tão miserável sob aquele horrível céu de Novembro ... A água fumegava de todos os lados e a aldeia dava a impressão de ter-se agachado ali, sobre a erva encharcada, como um pobre animal exausto. Que coisa insignificante, uma aldeia! E esta era a minha paróquia. Era a minha paróquia, e eu nada podia fazer por ela; limitava-me a vê-la tristemente afundar-se na noite, desaparecer ... Mais algum tempo e deixaria de a ver para sempre. Nunca sentira tão cruelmente a sua e a minha solidão. Lembra-me do rebanho que estava a ouvir resfolgar no meio da neblina e que o pastorinho, de regresso da escola, com a saca dos livros debaixo do braço, iria reconduzir, dentro de pouco, através dos prados empapados, até aos seus estábulos quente, odorantes ...*

*E aldeia, essa, também parecia esperar — sem grande esperança —, depois de tantas e tantas noites enterrada na lama, um pastor a quem seguisse até qualquer improvável, inimaginável asilo.*

*Oh, bem sei que tudo isto são ideias loucas, que não posso sequer tomar a sério, que são sonhos ... As aldeias não se levantam à voz de um menino da escola, como um rebanho. Pouco importa! Ontem à noite tive a impressão de que um santo a teria chamado.»*

Esta página, que abre o *Diário de um pároco de aldeia*, de Bernanos, é mais do que um belo texto literário. A sua melancolia é discutível. Nele a acção pastoral desenrola-se sob o signo do desespero. No entanto, através da ficção, exprime admiravelmente a alma dorida e abrasada de ambições apostólicas de tantos párocos obstinados em converter as pessoas que estão a seu cargo. Mas há muitas maneiras e muitas estratégias de apostolado pastoral.

Para nos mantermos na perspectiva de Bernanos, imaginemos cinco párocos de aldeia, cada um à frente de uma pequena paróquia com poucos praticantes; são padres excelentes, profundamente unidos a Deus, penetrados da sua responsabilidade, cheios de zelo sobrenatural; mas cada um tem a sua própria ideia no que diz respeito às orientações do apostolado pastoral. Dêmos-lhes a palavra, ou melhor, escutemos esse monólogo interior, muito próximo da oração, em que cada um exprime as suas preocupações mais profundas.

## I

**A INTIMIDADE COM DEUS**

«Para mim, diz o primeiro de si para si, não há dúvida: trata-se, antes de mais, de levar os meus paroquianos à religião pessoal, à união com Deus. Fico impressionado, quando olho para eles (até mesmo para os melhores), pelo formalismo e legalismo da sua fé. Os ritos, as fórmulas, as regras morais, é só o que vêem — quando os observam e quando os transgridem! Têm devoção, sim, mas à Lei, não a Deus. Todo o meu esforço deve apontar para aí: ensinar-lhes, palavra por palavra, passo a passo, que Deus é alguém e que a religião é, acima de tudo, uma relação de pessoa a pessoa com Ele. É o alfa da fé, mas também o ómega. Convidando-os a esse encontro a sós, a esse coração a coração com Deus, ponho as minhas “ovelhas” no grande caminho da verdade e da santidade.

«Terei que lhes dizer outras coisas? Que sejam apóstolos? É claro que penso nisso. Mas é na união a Deus, não noutra lugar, que o apostolado tem a sua origem e toma balanço. Não será o apostolado senão levar também o próximo a essa mesma união? A mensagem transmite-se de alma a alma, de uma alma cheia de Deus a uma alma vazia d’Ele, mas que O espera, muitas vezes sem saber.

«Conheço bem os meios que levariam os meus paroquianos a encher-se de Deus ... se aceitassem recorrer a eles: em primeiro lugar, a sua Palavra: meditar a Bíblia é um conselho em que insisto continuamente na minha pregação; os sacramentos, sobretudo a Eucaristia, que os penetrariam da Paixão e da Ressurreição; mas também a oração, que, como estou sempre a repetir-lhes, devia ser a sua respiração.

«Que a sua alma seja inundada de Deus, e tudo será ganho. Não tenho que fazer distinções entre as pessoas do solar e as da fábrica, os rendeiros, a mulher da venda e os trabalhadores rurais ... Não são todos iguais diante de Deus? O meu vocabulário muda de uns para os outros (e mesmo assim pouco, pois o Evangelho dirige-se a todos) mas o fim é o mesmo: a vida sobrenatural nas profundezas da alma. O resto são só meios: meios dignos e nobres se os levam à união, bagagem que estorva, inútil e a deitar fora se não os levam, ou se (o que é muito pior) lhes dão um falso sentimento de consciência tranquila.

«Para mim, tudo se resume neste versículo do Apocalipse, em que não me canso de meditar: *“Olha que Eu estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, Eu entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo”* (Ap 3, 20)».

**TODA A VIDA DIVINIZADA**

«É claro, pensa o segundo pároco, em primeiro lugar Deus, e a vida da alma com Deus. O essencial é isso mesmo. Mas será o suficiente? Será que toda a vida

cristã se reduz a essa relação espiritual? Bem sei que a união com o Senhor exige a prática das virtudes e leva ao cumprimento dos deveres: “engrena” na vida. Creio, porém, muito necessário lembrar aos meus paroquianos que a graça não se apodera só do homem pelo espírito ou pelo centro da alma, que ela quer também possuir as suas actividades humanas, o seu comportamento social, que ela exige estender-se à sua vida e às suas relações de todos os dias.

«O trabalho, o lazer, as refeições, as actividades domésticas, a vida conjugal, a educação dos filhos, é esta a massa que o fermento deve transformar, para que toda a sua vida seja uma liturgia que cante a glória de Deus. Mas tenho que ter muito em atenção as suas condições de vida, o seu “estatuto social”, como hoje se diz: não serão os mesmo gestos nem as mesmas actividades para as pessoas do solar e para as da fábrica, para os rendeiros, para a mulher da venda e para os trabalhadores rurais. Mas o importante é que cada um traduza, em todos os seus actos, a mesma vida divina que a todos anima.

«Por isso gosto de lhes falar de uma “espiritualidade de encarnação”, e sobretudo evito expressões como “as almas”, “a salvação da alma”, “a vida da alma”, com receio de que eles não acreditem que o nosso corpo (e, através dele, tudo aquilo em que ele toca e tudo o que faz) mereça ser santificado. Alguns deles começam a entender que essa atitude está na lógica da sua fé. Compreendem também que ela é imediatamente apostólica, pois faz parte da nossa condição terrena e carnal não podermos comunicar senão por “sinais”: a linguagem, os actos, o comportamento quotidiano. Ora estes instrumentos de contacto só serão espiritualmente eficazes se eles próprios forem divinizados.

«Se eu tivesse que justificar a minha orientação pastoral através de uma página da Escritura, escolheria estas palavras de São Paulo: *“Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo, templos do Espírito Santo? Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo”* (1 Cor 6, 19)».

## NA COMUNIDADE DA IGREJA

O terceiro pároco adere sem reservas aos pontos de vista dos seus dois confrades. Acredita na necessidade da união a Deus e da «encarnação» dessa união na vida concreta, quotidiana, social. Mas não fica por aí.

«Desconfiemos de uma perspectiva individualista: os nossos cristãos não são “átomos” espirituais. O Baptismo não só nos incorporou em Cristo como também nos agregou à Igreja, que é precisamente o seu Corpo. Quando vejo os meus paroquianos assistirem à missa cada um no seu canto, deixando os dois pobres cantores esfalfarem-se sozinhos, quando vejo o fraco sucesso das minhas reuniões paroquiais, digo a mim próprio que alguma coisa não vai bem.

«Como poderia a sua vida espiritual desabrochar fora da comunidade cristã? O cartuxo mais isolado tem consciência da sua solidariedade com os santos e com os pecadores. Gostaria que cada um dos meus cristãos tomasse consciência da sua solidariedade em Cristo com os seus irmãos da paróquia. Quantas barreiras a vencer até chegar aí! As pessoas do solar e as da fábrica, os rendeiros, a mulher da venda e os trabalhadores rurais fecham-se num regime de castas e não conseguem acreditar que são membros de um mesmo Corpo. Teimo em lhes fazer compreender que fora do “Cristo total”, isto é, da Igreja, da grande mas também da pequena comunidade cristã, não há salvação.

«Na missa, procuro mostrar-lhes que a Eucaristia é sacramento de unidade: porque os une a Cristo, une-os entre si. E, ao sair das celebrações, no adro da igreja, já percebo alguns sinais encorajadores: ficam mais em grupo, perguntam mais cordialmente uns pelos outros; a massa comunitária começa a engrossar.

«Que bom para a sua fé, mas também que bom para o seu apostolado. Porque não é o cristão sozinho que dá testemunho, mas o “corpo cristão”, a comunidade em que reina a caridade. Aos mandamentos de Cristo — “Sede um como o Pai e Eu somos um ... Amai-vos uns aos outros” — respondia nos primeiros séculos a surpresa dos pagãos diante dos grupos cristãos: “Vede como eles se amam”. Gostaria que a minha paróquia desse um testemunho assim.

«Eu cá tenho sempre presente no espírito o grito comovente de São Lucas nos Actos dos Apóstolos: *“A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum ... Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo”* (Act 4, 32-35; 2, 47)».

## CRISTIANIZAR O MUNDO

O que pensam e o que fazem estes seus três confrades, pensa o quarto pároco, também ele faz. Cuida muito bem do seu pequeno rebanho, mas, além disso, obceca-o a preocupação com os «outros».

«Como estamos bem todos juntos, disse-me há pouco um jovem paroquiano à saída de uma reunião simpática e calorosa. Sim, e fora dessas reuniões? Não quero que eles vivam na paróquia como numa capelinha ou num gueto, que a Igreja se construa à margem do mundo e da vida.

«O Espírito de Cristo, que os possui, deveria incitá-los a agir, a conquistar. Instituições, meios sociais, grupos, será que eles procuram penetrar tudo isso, tudo ganhar para Cristo? São medrosos, agressivos quando a oportunidade se lhes apresenta, mas não conquistadores. Em caso de necessidade absoluta, far-se-iam mártires; mas por que é que são tão pouco “confessores”?

«Que estejam presentes em todo o lado: na associação, na serração, nos cafés, nas sociedades desportivas, nos grupos de jovens; que aí se portem lealmente

e como cristãos; que se apaixonem, e sejam os primeiros, pelas grandes tarefas humanas, pelo progresso da freguesia, pela promoção do mundo rural — é esta a minha ambição. Infalivelmente, pelo simples facto da sua presença e da sua lealdade, as mentalidades, as palavras, os comportamentos, rectificar-se-ão, as relações tornar-se-ão mais humanas e mais verdadeiras, e o Espírito de Cristo, lenta e progressivamente, ganhará terreno.

«O jogo tomará outro rumo. Já não terei que recear a influência desses ambientes que, até agora, pretendem demolir ao longo da semana aquilo que eu procuro construir ao domingo.

«Pela sua presença eficaz em todas as engrenagens da cidade, os primeiros cristãos acabaram por fazer com que o velho mundo pagão se desmoronasse. Esta forma de agir é o bê-a-bá do cristianismo. Por que é que ela parece tão revolucionária aos olhos dos meus sábios — demasiado sábios — paroquianos? Por não acreditarem no impossível, hesitam em empreender o possível. Cristo, no entanto, não nos convidou a pôr o fermento *ao lado* da amassadeira!

«Quantas vezes não li e meditei esta palavra do Senhor: *“A que posso comparar o Reino de Deus? É semelhante ao fermento que certa mulher tomou e misturou com três medidas de farinha, até ficar levedada toda a massa”* (Lc 13, 20-21)».

## O LAR, PARCELA DO REINO DE DEUS

O quinto pároco gosta de contemplar a sua aldeia do alto da colina. Desse observatório, parece-lhe percebê-la melhor. Do presbitério ou do adro da igreja, em baixo, vê seres humanos que andam, falam, trabalham; daqui avista todos esses telhados de velhas telhas vermelhas e, no extremo da aldeia, a sua igreja coberta de ardósia. Dir-se-ia um rebanho com o pastor a caminhar à sua frente. E medita no facto de cada casa albergar uma família. Os seus antecessores dos séculos passados não teriam contado o efectivo da paróquia pelos indivíduos que a compõem mas pelos «fogos», isto é, pelos lares, pelas famílias. Isto parece-lhe tão mais verdadeiro.

«É esta a chave de tudo, pensa ele. Estou convencido de que não há vida cristã autêntica sem união a Deus, sem encarnação dessa união na vida e nas actividades de todos os dias, sem participação na comunidade da Igreja; e acharia muito pouco cristão quem não se esforçasse por transformar à sua volta as instituições e os ambientes. Mas onde encontrar o enraizamento dessa vida cristã, o seu lugar de solidez, de alimento e de desabrochamento se não na realidade familiar? O indivíduo é sempre errante, os grupos sociais fazem-se e desfazem-se, ao passo que o lar forma um “bloco” coerente: o homem com a mulher, os pais com os filhos, as pessoas com a casa, a terra, os animais e as ferramentas, e isto, muito mais do que o indivíduo, é a célula base da minha paróquia. Tenho, a todo o custo, que me aplicar na santificação não só dos indi-

víduos mas também dos lares — cada lar visto como um todo com todas as realidades que o compõem.

«Mas até agora os meus “fogos” são bastiões inexpugnáveis. O cristianismo vai bater nas suas paredes, mas não penetra nelas: propriedade privada, entrada proibida! Certamente que num ou noutro lar há muitos cristãos. Mas de qual deles posso dizer: Deus está ali como em sua casa? Quando levo a comunhão a um doente grave, isso ainda é aceitável, Deus vai apenas para uma visita rápida: mas demorar-Se está fora de questão; cada um em sua casa! Ora, nada se fará enquanto esta situação, este estado de espírito, persistir. O que é preciso é não só entrar mas também fazer Deus entrar, ganhá-los, cristianizá-los. Sinto-o, mas ainda não consigo ter as ideias em ordem ... Tal como na missa consagro o pedaço de pão que tenho entre os dedos, assim gostaria de consagrar esses lares para que eles se tornem no Corpo do Senhor.

«É, pois o “bloco” que há que ganhar para Deus, o homem e a mulher que não são senão um na alma e na carne, e os filhos que amam os pais, e também os animais, as ferramentas, a casa e a terra; isso sim, é verdadeiro, real, sólido. E tudo isso está unido, é indissociável; e se se dissocia já não fica nada. A mãe Júlia, quando vai à horta buscar a hortaliça para a sopa, pega num alho francês e, ao puxar pelo talo, arranca também as raízes, e com as raízes um torrão de terra. É isso que eu quero: tomar tudo ao mesmo tempo para tudo dar a Cristo.

«Talvez me digam: “O que interessa a Cristo são os homens, as almas; Ele não precisa das coisas, da terra”. É verdade, em certo sentido; a terra não é feita para a vida eterna. E, no entanto, tenho a certeza de que não Lhe basta converter as almas, de que Cristo tem necessidade de tudo isso, de que Ele é suficientemente forte para converter o “bloco”.

«Dentro de alguns anos, poderei morrer tranquilo, a minha paróquia terá raízes: os “fogos” cristãos são as raízes de uma paróquia. E vá-se lá derrubar o que tem raízes sólidas, verdadeiras raízes na verdadeira terra. Uma paróquia assim está unida à a terra, é sólida como a terra, indiscutível como a colina, há-de durar».

Mas o nosso pároco rapidamente se apercebe de que se deixou levar pelo seu sonho e pelo seu zelo. Não é assim tão simples: os «fogos» não obedecem tão facilmente ao apelo do pároco como os animais nos campos à voz do pequeno pastor. Vão todos defender-se desse Deus que começa a interessar-Se não só pelos domingos mas também pelos dias de semana, não só pelas almas mas também pela vida doméstica e pela terra! E o desânimo abate-se sobre o pobre pároco, tão depressa como o entusiasmo. Ele está ali, indeciso, perturbado ... quando, de repente, surge o sentimento de uma resposta interior. Pela primeira vez, toma consciência de que tem consigo o seu instrumento, a sua «ferramenta», que fará do sonho uma realidade: uma ferramenta para converter os lares, uma

ferramenta que Deus dá a todos os párocos, mas que muitos deles parecem ignorar. E essa ferramenta é o sacramento do matrimónio.

Ele existe precisamente para agarrar, na sua liberdade e na sua carne, o homem e a mulher, e os filhos que também são da sua carne, e todos os seus haveres que são também, de alguma maneira, da sua carne.

É como se o nosso pároco acabasse de fazer uma descoberta. Esta parece-lhe tão luminosa que lhe apetecia ir a correr ter com os seus confrades das redondezas para lha comunicar.

Por que é que isto é tão novo para ele? E, no entanto, ele estudou a teologia do matrimónio, celebrou na sua igreja mais de trinta casamentos. Mas até ali tinha-se sempre colocado apenas na perspectiva dos esposos. Não tinha visto neste sacramento senão a fonte das graças de que cada um dos esposos, ao longo da sua vida, viria a ter necessidade para cumprir a sua tarefa. Hoje, pela primeira vez, considera-o do ponto de vista do pastor que tem por missão construir uma paróquia ganhando os casais para Cristo. Se é verdade que o sacramento do matrimónio é, para os esposos, fonte de graça, para o pastor é, em primeiro lugar, o meio que Deus lhe dá para santificar e cristianizar os lares.

«Em que dados bíblicos, interroga-se ele, apoiar a minha nova maneira de ver, a minha nova acção pastoral?». Ele reflecte precipitadamente, como se receasse não encontrar na Escritura a confirmação das suas novas perspectivas, que, no entanto, lhe parecem tão evidentes. E eis que a narrativa das bodas de Caná lhe traz a certeza. «Aquela presença de Cristo nessas bodas — e com a sua mãe e com os seus apóstolos —, aquele interesse que Ele demonstra não só pelo bem espiritual dos esposos mas também pela sua festa que quer sem nuvens, aquela água que Ele transforma em vinho para que a alegria não acabe, e aquele vinho do milagre, muito melhor do que o vinho das vinhas da Galileia, como tudo isso prova bem o interesse de Cristo não só pelo amor, não só pelo casal, mas também por tudo o que está em união com Ele, pelo *fogo!*»

Tranquilizado, pondera, numa visão de conjunto, o que será a sua pastoral. Certamente não indiferente às preocupações dos seus quatro confrades; pelo contrário, integrando-as, mas numa síntese mais ampla e mais realista, e sem dúvida mais na linha da Encarnação e da Redenção. Não elimina nada; assimila e integra tudo.

«*A união a Deus?* O objectivo número um do meu apostolado é formar cristãos unidos a Deus. Mas não será o lar o terreno mais favorável para o desabrochar dessa “vida teologal”? Se a fé está viva nos meus lares, se o sacramento está activo neles, cada um dos membros será ajudado por cada um dos outros e descobrirá na pequena comunidade o meio nutriente da sua vida cristã. Um lar santificado, “sacramentalizado”, contribui poderosamente para a santificação de todos os que lá vivem.

«*Toda a fé em toda a vida?* Uma fé refugiada no centro da alma, sem incidência nos gestos quotidianos, nas relações sociais, seria, se não ilusória, pelo menos mesquinha, sem vigor, estéril, ineficaz. Mas haverá melhor educadora do que a família cristã para sacralizar, santificar todos os sentimentos, todos os comportamentos, todos os actos? Onde encontrariam os filhos iniciação mais segura à santificação da vida quotidiana em toda a sua amplitude?

«*Viver em Igreja na comunidade eclesial?* Sim, tudo fazer para suscitar e animar uma comunidade paroquial viva e forte. Mas será uma comunidade de comunidades, uma comunidade de lares. Terá a riqueza dessas comunidades fundadas no sacramento do matrimónio; mas, por sua vez, estas irão buscar à celebração eucarística a vitalidade da grande Igreja, irão “reactivar” o seu sacramento na mesa fraterna.

«*Cristianizar todos os ambientes?* Actualmente, os vários ambientes e grupos da freguesia exercem atracção sobre as pessoas, e uma atracção tanto mais forte quanto mais fraca é a influência da família. Apresentam-se como rivais da família e, para alguns, tornam-se mesmo na sua verdadeira família. Mas quando a família descobre a sua coesão, e a descobre em Cristo, a sua influência, o seu espírito e o seu amor penetrarão nos diversos grupos e lugares de encontro, levá-los-ão sem violência a não irem além das suas atribuições, torná-los-ão sadios, cristianizá-los-ão. Quanto a certos ambientes artificiais, tais como bares, bandos de jovens, é muito possível que percam o seu encanto ...»

Parece que nosso pároco percebeu finalmente o que é uma paróquia, e está ansioso por a construir com base em planos novos.

## II

Deixemos os nossos cinco párocos entregues à sua meditação e retomemos, por nossa conta, a do último. Ela merece que procuremos os seus fundamentos e as suas implicações.

### OS SACRAMENTOS CONSTROEM A IGREJA

Partindo não de um caminho especulativo mas de uma reflexão realista comandada pela sua vontade de eficácia apostólica, o quinto pároco chegou a um dos ensinamentos mais tradicionais: pelos sacramentos, Cristo constrói a sua Igreja.

É claro que se podem considerar os sacramentos do ponto de vista dos beneficiários: eles são essencialmente vistos como fonte de graças, de cura, de elevação, divinizando aqueles que os recebem. Deste ponto de vista, também o sacramento do matrimónio cura e santifica: o casal, em toda a sua realidade carnal e espiritual, é penetrado e transformado pela graça sacramental; cada

cônjuge recebe não só os auxílios necessários para bem desempenhar as suas tarefas mas também uma ajuda para compreender melhor a união do cristão a Cristo (que é também um casamento) e para tender a ela no seu estado de vida conjugal e familiar.

Mas há outro ponto de vista — pelos sacramentos Cristo constrói a sua Igreja — que pode ser compreendido de duas maneiras. Para alguns Cristo, através dos sacramentos, vem apoderar-se dos cristãos (do casal, no caso do matrimónio) e leva-os, «pedras vivas» como diz S. Pedro, para construir a sua Igreja, um pouco como se extraem pedras da pedreira para as levar para o estaleiro onde se constrói a catedral. Mas precisamente, *levam-se*, deixam o seu lugar de origem. Isto pode ser entendido de outra maneira. Construir a Igreja não é «levar» os cristãos e o casal para outro lugar; é, *deixando-os onde eles estão*, fazer descer sobre eles a graça de Deus, como o fogo do céu desceu sobre o sacrifício de Elias. E, no caso do casal, é fazer com que, pelo sacramento do matrimónio, o divino o atinja, o invada, o penetre até ao mais profundo de si mesmo, o transforme radicalmente e o divinize.

E o casal não é apenas o homem e a mulher, mas tudo aquilo que faz unidade com eles, que os ama, aquilo em que eles se prolongam, o seu pequeno reino: filhos, casa, animais, campos. Pelo sacramento do matrimónio, o divino atinge não só as almas mas também os corpos, encarna, penetra tudo da sua virtude, implanta-se, enraíza em plena terra. É o movimento da Encarnação redentora que continua. Em nenhuma outra situação ele vai tão longe no resgate do que é humano e temporal. Com efeito, pelo sacramento do matrimónio, é o casamento total, em toda a sua realidade jurídica, carnal e espiritual, *que é feita sacramento*, a ponto de a união física do homem e da mulher fazer parte integrante do sacramento. Toda a vida conjugal é não só curada, elevada e santificada mas também tornada santificante.

Cristo atinge assim em profundidade os casais de uma paróquia, e eis que essa paróquia é não só um encontro espiritual, uma assembleia de almas, mas uma comunidade composta de casais e, através deles, solidamente implantada no meio dos homens; a Igreja de Cristo enraizada numa porção do planeta.

Estas perspectivas estão na linha desse ensinamento tradicional segundo o qual, pelos sacramentos, Cristo visa não só santificar as pessoas mas também construir a sua Igreja — não apenas a Igreja do céu mas também já a da terra.

## O CASAL SANTIFICADO E SANTIFICADOR

Assistir à descida do divino sobre um casal, ver cair o raio numa árvore, é captar a causa inicial de tudo, mas ainda é ver as coisas de fora. Penetremos na intimidade desse casal: o sacramento, que tem um meio de actuar/actua no casal, quer, a pouco e pouco, abranger todos os seres e toda a vida.

Não é só no primeiro dia, no dia do casamento, que o casal é posto em relação com Cristo e sujeito à sua influência. Nesse primeiro dia, Cristo associou-se ao casal, fez aliança com ele; a partir de agora há entre ele e Cristo um laço indissolúvel e, se apesar de tudo os cônjuges se prestarem a isso, um diálogo, uma conversa permanente. Todos os dias, a todo o instante, em todas as circunstâncias, a graça de Cristo actua, assumindo, para se transmitir, as actividades próprias da vida conjugal; porque toda essa vida conjugal, santificada, é santificadora, canal de graças.

Os filhos nascidos desses dois membros de Cristo, que foram desejados para o crescimento do Corpo de Cristo, já são, mesmo antes do baptismo e pela mediação dos seus pais, postos em relação com Cristo (*cf.* 1 Cor 7, 14). Enquanto, por sua vez, não tiverem escutado o apelo do Senhor e respondido à sua própria vocação, formam com o pai e a mãe aquele cacho ligado ao sarmento do qual recebe a seiva.

Todas estas *relações*, esta rede ramificada que vai do homem para a mulher, dos pais para os filhos, do pai para cada um, da mãe para cada um, dos filhos para os pais e dos filhos uns para com os outros, tudo isso é veículo de graças, tudo isso é cristianizado, tudo isso constitui um pequeno «corpo místico» em que se realiza uma comunhão dos santos. Sem que o cacho familiar, com a sua consistência e realidade próprias, se isole da grande Igreja.

As *actividades*, como as relações, são cristianizadas, inclusive as mais comuns: trabalhos e lazeres, tarefas domésticas e trabalhos do campo, brincadeiras e trabalhos escolares dos filhos, refeições que reúnem a família. A graça circula aí em todos os sentidos. Acontece-lhe, é claro, encontrar resistências; mas, para atingir os seus fins, ela é «manhosa, insidiosa ...», como dizia Péguy. Há também as orações que marcam o ritmo o dia: ao acordar, às refeições, ao deitar; e — por que não? — o Angelus, como aquele homem e aquela mulher do quadro de Millet, cujo poder evocador as horríveis reproduções banalizaram? Há também os dias privilegiados, os domingos e as festas: esses dias em que se enfadam os não crentes e tantos crentes medíocres, e que deviam ser um reflexo do domingo eterno. Por último, serão compreendidas e vividas sob o olhar de Deus as «grandes horas» do casal — concepção e nascimento de um filho, doença, casamento, morte — bem como a recepção dos sacramentos: baptismo, comunhão, matrimónio, extrema unção.

Se as actividades são santificadas pela oração, também as *coisas* o são pelas bênçãos relacionadas com a família que erradamente se consideram isoladas do sacramento do matrimónio. São os «sacramentilia», isto é, segundo a mais antiga tradição, preparações e prolongamentos dos sacramentos. A nossa geração parece mais empenhada em se evadir para Deus do que em pedir a sua bênção para todas as realidades quotidianas, carnis e espirituais. Quem conhece hoje essas admiráveis bênçãos reunidas no Ritual: para a mulher que espera

um filho, para a que deu à luz e vai agradecer a Deus, para o filho doente, as bênçãos da casa, do leito nupcial, dos campos? Esta ignorância é um sinal: não esqueçamos que Deus vem penetrar a nossa carne e a nossa terra.

Assim, a pouco e pouco, vão-se convertendo e santificando os «costumes» do lar, como se dizia antigamente, do «ser familiar», segundo a feliz expressão de alguns filósofos contemporâneos, aquilo a que gostaríamos de chamar a «civilização familiar».

A Redenção de Cristo, tendo atingido o casal e todas as suas fibras, triunfa nessa pequena célula da aldeia que é um «fogo»; e, depois de ter transfigurado a vida profunda da comunidade e de cada um dos seus membros, resplandece através dos seus gestos e dos seus actos.

### **O CASAL, CÉLULA DA IGREJA**

Já dissemos muito ao afirmar que o casal, acolhendo a descida do divino sobre o carnal, ficava literalmente possuído por ele. Mas ainda há uma coisa maior e mais misteriosa. Esse casal consagrado, sacramentalizado, é célula da Igreja. Célula da Igreja, no sentido de pequena comunidade cristã visível, no seio da grande comunidade que é a paróquia; mas, muito mais profundamente, no sentido de elemento vivo da grande sociedade espiritual que é a Igreja. E, por o casal ser célula da Igreja, realizam-se nele a vida e o mistério da Igreja. Dele pode dizer-se que é uma «actualização» da Igreja ou, utilizando uma linguagem mais técnica: a Igreja é imanente a essa célula que é o casal cristão e a família dele nascida.

Assim, em cada casa da aldeia em que respira uma família autenticamente cristã, a Igreja está presente, solidamente implantada, enraizada, radiosa. Uma Igreja que vive e que cresce em número através da aquisição de novos membros, mas também em valor pelo crescimento em caridade dos seus membros. Uma Igreja que reza, e não apenas a determinadas horas mas ao longo de todo o dia, pois toda a vida familiar é elevada por um impulso de louvor e de acção de graças.

Compreende-se que S. João Crisóstomo tenha designado um casal assim como «pequena Igreja». E Clemente de Alexandria tem uma expressão análoga: «micra basileia», pequeno reino, parcela do Reino de Deus. Sim, o Reino está presente no casal, pelo menos em gérmen: é o grão de mostarda. Pouco a pouco integrará o ser e o agir, os homens e as coisas. O casal cristão é literalmente o lugar em que cresce o Reino.

### **A FAMÍLIA, BASTIÃO DA IGREJA**

O Reino e a Igreja, assim implantados e enraizados, podem resistir a todos os choques. Na medida em que a Igreja não é composta apenas de clero e de con-

ventos, mas também de uma comunidade paroquial feita de pessoas, por mais santas que estas sejam, ela tem como que uma fragilidade (falo da Igreja local, na contingência histórica) porque lhe faltam raízes, porque ainda não exerce a sua acção no que é real, porque ainda não está «entretrecida» na espessura do tecido humano. Mas quando estiver encarnada nas famílias e, por elas, ligada indissolúvelmente à terra, será ao mesmo tempo sólida e duradoira e estará ao abrigo dos acontecimentos. Se um pároco medíocre suceder a um pároco santo, nem tudo se desmoronará: os párocos mudam, os casais permanecem.

Pode acontecer uma coisa mais grave: um regime político intolerante. O clero pode ser exilado, a sua acção neutralizada, o culto público proibido, a comunidade paroquial inexistente, os movimentos da Acção Católica dissolvidos; no entanto, a Igreja, refugiada, «encerrada» nesses bastiões quase impenetráveis que são os casais cristãos, perpetuar-se-á. É evidente que já não será a Igreja visível à luz do dia, será a da sombra, do silêncio, das catacumbas. Mas, afinal de contas, onde é que a Igreja dos primeiros séculos foi buscar o seu irresistível dinamismo se não a essas assembleias, por vezes secretas, ao lares e aos túmulos dos mártires? A vida da Igreja nesses lares não se renovará, é certo, nas fontes dos sacramentos, mas o seu fervor será, sem dúvida, tanto mais vivo quanto ela tiver de se manter em condições mais heróicas. Não vimos a cristandade no Japão sobreviver durante dois séculos, após o desaparecimento do último padre? Dois sacramentos eram o seu fundamento e garantiam a sua permanência: o baptismo e o matrimónio.

Construir a Igreja sobre a família é construí-la sobre a rocha.

## CENTRO DE EXPANSÃO

Santificando o lar, o pároco atinge muito mais do que o lar, pelo simples facto de este ser um nó de relações, de estar ligado por inúmeros laços a todo o seu ambiente sociológico. Fazê-lo cristão, célula da Igreja, vivendo da vida da Igreja, é suscitar uma comunidade missionária. Um fermento que actua por dentro: porque onde quer que haja vida de Igreja há um dinamismo missionário. Está, pois, fora de questão que um lar assim viva em circuito fechado, em auto-suficiência: já pela sua presença, pelo seu acolhimento e pela sua acção, difunde essa vida divina que é a sua própria vida. Melhor: é nele e por ele que a Igreja prossegue a sua obra apostólica.

Dois textos de Pio XII põem bem em evidência esta missão apostólica própria, original e insubstituível do casal. «Às necessidades sociais da Igreja proveu Cristo de modo especial com dois sacramentos que instituiu: com o Matrimónio [...] e com a Ordem» (*Mystici Corporis*). E ainda: «Elevando o casamento de baptizados à dignidade de sacramento, Cristo conferiu aos esposos uma dignidade incomparável e atribuiu à sua união uma função redentora».

Essa função apostólica exerce-se em primeiro lugar através da procriação e da educação. O poder procriador, como todas as realidades do casal, entrou no poder e ao serviço de Cristo para o crescimento do seu Corpo Místico. E a educação, que prolonga a procriação, é também uma missão de Igreja que compete aos esposos: um dever, um poder, uma graça.

Um outro exercício desta função consiste na prática da hospitalidade. A hospitalidade não é só ter uma mesa aberta, mas também ter um coração aberto. Conscientemente ou não, nessa célula de Igreja que é o lar cristão, o visitante, crente ou não crente, infeliz ou pecador, respira um clima de Igreja. Ele encontra-se aí envolvido pela maternal solicitude da Igreja, impregnado da sua santidade.

Mas a acção do casal cristão também se exerce *extra muros*. Esta «civilização» familiar de que falávamos atrás, que se elabora no lar sob a acção da graça, passa a pouco e pouco para fora, «contamina» os casais amigos e o seu círculo de familiares e amigos. Se os casais cristãos da aldeia forem verdadeiramente vivos e numerosos, a sua «civilização» tornar-se-á rapidamente a civilização da aldeia! É assim que se gera uma cristandade. Há, de facto, dois tipos de civilizações: as que se impõem a partir de fora por uma força violenta ou pérfida (a história recente está cheia de exemplos) e as que surgem nas famílias e delas transbordam. Estas, porque nascem no corpo social, das suas fontes vivas, são sólidas, duradouras e fecundas. Se vierem as catástrofes, todas as superestruturas da cidade talvez sejam arrasadas, mas a civilização cristã ressurgirá do lar onde for conservada e concentrada. Certas florestas dos Vosgos decapitadas pelos bombardeamentos ofereciam um espectáculo de desastre; dois anos mais tarde, a vida tinha triunfado sobre a morte, a floresta estava exuberante.

Assim, contribuir para a santificação do casal é não só santificar a *vizinhança*, como acabo de demonstrar, mas é também santificar o *futuro*. Quando Cristo Se apodera do casal, atinge a própria fonte da vida. Santificada esta, também o rio o é — o rio, ou seja, as gerações de amanhã. No casal de hoje é, segundo nós, a Igreja que se eleva para a vida.

\*\*\*

É, pois, particularmente incisiva a intuição do nosso pároco que, contemplando a sua aldeia do alto da colina, tinha compreendido a urgente necessidade de santificar os «fogos», o bloco familiar. Agir assim é plantar a Igreja em plena terra — e quem diz plantar diz garantir a estabilidade e a duração; é fazer de cada casa uma pequena paróquia, uma pequena Igreja em que vive a grande Igreja; é também oferecer a essa grande Igreja um «ponto de partida», um centro de irradiação; é, afinal, pela formação dos filhos, garantir o futuro cristão da aldeia.

Ele tinha visto bem que a acção apostólica não progride só em extensão no plano horizontal — atingir cada vez mais pessoas — mas também em profundi-

dade: fazer com que o divino penetre no mais profundo do ser humano, no mais carnal, no mais temporal. E é a família, por ser, de todas as realidades terrenas, a mais profundamente enraizada, que oferece ao divino essa possibilidade de penetração.

Parece que hoje se desenha um movimento. Thibon define-o nestes termos: «Um movimento descendente do sagrado ao profano, do eterno ao temporal, do espírito à vida, ainda inédito na história».

O nosso quinto pároco situa-se mesmo nesta linha. Para dizer a verdade, isto é muito diferente de uma teoria do apostolado. Não é senão uma questão de descobrir as intenções e as formas de acção do próprio Deus.

De facto, que é a Encarnação redentora se não a descida do divino ao humano? O Filho de Deus que assume uma humanidade concreta (alma e corpo) no seio de uma família da nossa terra ..., que cresce numa família rural, numa pequena aldeia (que nem tinha boa reputação) de uma pequena nação. Começa por ser uma criança que a mãe embala. Depois é um rapaz que brinca com os companheiros, que volta para casa esfolado e coberto de pó, que adormece de cansaço ainda antes do fim do jantar. Depois é um jovem que vai, solitário através dos campos e dos penedos, conversar com o seu Pai do céu como conversa com este pai e esta mãe da terra que ama com uma ternura imensa. O ofício reclama-o durante todo o dia; há que ganhar a vida. Ele trabalha afincadamente na oficina contígua à humilde casa e, a pouco e pouco, torna-se num artesão competente e estimado. É conhecido da gente da povoação, mas não para além dela. Os estrangeiros não hesitam em O situar, pois Ele tem o tipo e o sotaque das pessoas da Galileia. Na verdade, o Filho de Deus não Se contentou com tocar a terra com a ponta dos dedos. *Fez-Se carne*. Mas não nos enganemos como tantos judeus que, na presença da segunda Pessoa da Santíssima Trindade, tão perfeitamente *encarnada*, não foram além das aparências. Naquele homem que fala, trabalha, anda, come e bebe, dorme e reza numa pequena povoação, que ama com todas as suas fibras tudo aquilo que O rodeia, arde a glória do Verbo de Deus.

O movimento descendente do divino ao terreno não foi interrompido pelo regresso do Filho à direita do Pai: continua na e pela Igreja, pelo sacerdócio e pelos sacramentos. É certo que, por vezes, se tem o sentimento de que os cristãos gostariam de evitar ao divino o contacto com a nossa carne e a nossa terra; como se fosse possível encontrá-lo a meio caminho, como se a Igreja se pudesse construir entre o céu e a terra! Não, o Verbo fez-se carne para chegar a toda a carne, para chegar aos nossos lares da terra e de terra, para infundir neles a sua graça e neles fazer crescer o Reino.

# QUARESMA

*Que este tempo quaresmal seja vivido em família, participando em família nas celebrações litúrgicas da comunidade local, mas também pela oração em família, louvando a Deus, procurando aprofundar a Palavra, pô-la em prática e aperfeiçoando-nos recorrendo à ajuda mútua. Que este ano, a nossa comunidade familiar celebre e acolha o amor de Deus através da oração.*

Na Quaresma, duma forma especial, o acolhimento do amor de Deus passa:

- Pelo exercício do **perdão**, reflexo da misericórdia de Deus, entre os pais, os filhos, os irmãos e também para com os que não pertencem à família;
- Pelo serviço expresso na **entreajudá** gratuita, na disponibilidade de uns para com os outros que progressivamente se vão abrindo ao exterior;
- Pela **renúncia** vivida como um esquecimento de si para ir ao encontro dos outros, num despojamento daquilo que é meu e que pode ser importante para o outro. A abstinência e o jejum, vividos em família, enquadrados nesta dinâmica, deixam de ser imposições externas para se tornarem entrega de si próprio.

Agência ECCLESIA

## QUARESMA! QUE FAZER COM ESTES 40 DIAS?

Quarenta dias

Para prender a escolher,

Para se libertar do que é inútil,

Como quando se faz a travessia do deserto.

Quarenta dias

Para ensinar o coração a amar,

Para aprender a amar de novo,

Ao jeito dos tempos de outrora

Em que o amor nos foi, pela primeira vez, revelado.

Quarenta dias  
Para educar o entendimento,  
Para que largue as obsessões, as ideias velhas,  
E aceite abrir-se à verdade.

Quarenta dias  
Para educar o olhar  
Para que aprenda a ir para além  
Das máscaras, das aparências,  
E aceite abrir-se à novidade.

Quarenta dias  
Para caminhar com outro ritmo,  
Para mudar de estilo,  
Para mudar de vida,

Quarenta dias  
Para olhar para os outros, para olhar para Deus,  
Para nos pormos à escuta da Palavra de Cristo,  
Para deixar que ela, no segredo, penetre na nossa vida  
E realize a obra da nossa transfiguração!

Quarenta dias  
Para deixar que Deus nos encontre!

*Traduzido e adaptado por Judite Grilo de Prier.be*

Neste tempo de Quaresma somos particularmente desafiados ao essencial - à atenção, à disponibilidade, ao acolhimento da presença de Deus e do Seu apelo: “estou à tua porta e bato: abre-me a porta e deixa-me entrar”. Não se trata de largarmos as nossas obrigações e os nossos compromissos, para passarmos o dia na Igreja. Pelo contrário, trata-se de pôr a verdade na nossa vida, de ir aprendendo a distinguir o que é essencial do que é acessório. Mas o essencial o que é? Mais do que o cumprimento exterior dos preceitos, em vista da salvação, Deus convida-nos à gratuidade do amor. A Quaresma é um tempo privilegiado para crescer nessa atitude: a ascese, que é jejum e penitência, que é partilha, que é oração, numa palavra que é atenção a Deus e aos outros. É tempo privilegiado para deixar cair as cadeias da superficialidade e para viver a maravilhosa experiência da liberdade dos filhos de Deus.

*(Texto de Judite Grilo, Março de 2006)*



# MENSAGEM DE BENTO XVI PARA A QUARESMA

2009

«Jejuou durante quarenta dias e quarenta noites  
e, por fim, teve fome» (Mt 4, 2)

---

## **Queridos irmãos e irmãs!**

No início da Quaresma, que constitui um caminho de preparação espiritual mais intenso, a Liturgia propõe-nos três práticas penitenciais muito queridas à tradição bíblica e cristã – a oração, a esmola, o jejum – a fim de nos predispor-mos para celebrar melhor a Páscoa e deste modo fazer experiência do poder de Deus que, como ouviremos na Vigília pascal, «derrota o mal, lava as culpas, restitui a inocência aos pecadores, a alegria aos aflitos. Dissipa o ódio, domina a insensibilidade dos poderosos, promove a concórdia e a paz» (*Hino pascal*). Na habitual Mensagem quaresmal, gostaria de reflectir este ano em particular sobre o valor e o sentido do jejum. De facto a Quaresma traz à mente os quarenta dias de jejum vividos pelo Senhor no deserto antes de empreender a sua missão pública. Lemos no Evangelho: «O Espírito conduziu Jesus ao deserto a fim de ser tentado pelo demónio. Jejuou durante quarenta dias e quarenta noites e, por fim, teve fome» (Mt 4, 1-2). Como Moisés antes de receber as Tábuas da Lei (cf. Êx 34, 28), como Elias antes de encontrar o Senhor no monte Oreb (cf. 1 Rs 19, 8), assim Jesus rezando e jejuando preparou-se para a sua missão, cujo início foi um duro confronto com o tentador.

Podemos perguntar que valor e que sentido tem para nós, cristãos, privar-nos de algo que seria em si bom e útil para o nosso sustento. As Sagradas Escrituras e toda a tradição cristã ensinam que o jejum é de grande ajuda para evitar o pecado e tudo o que a ele induz. Por isto, na história da salvação é frequente o convite a jejuar. Já nas primeiras páginas da Sagrada Escritura o Senhor comanda que o homem se abstenha de comer o fruto proibido: «Podes comer o fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas o da árvore da ciência do bem e do mal, porque, no dia em que o comeres, certamente morrerás» (Gn 2, 16-17). Comentando a ordem divina, São Basílio observa que «o jejum foi ordenado no Paraíso», e «o primeiro mandamento neste sentido foi dado a Adão». Portanto, ele conclui: «O “não comas” e, portanto, a lei do jejum e da abstinência» (cf. *Sermo de jejunio*: PG 31, 163, 98). Dado que todos estamos entorpecidos pelo

---

pecado e pelas suas consequências, o jejum é-nos oferecido como um meio para restabelecer a amizade com o Senhor. Assim fez Esdras antes da viagem de regresso do exílio à Terra Prometida, convidando o povo reunido a jejuar «para nos humilhar – diz – diante do nosso Deus» (8, 21). O Omnipotente ouviu a sua prece e garantiu os seus favores e a sua protecção. O mesmo fizeram os habitantes de Ninive que, sensíveis ao apelo de Jonas ao arrependimento, proclamaram, como testemunho da sua sinceridade, um jejum dizendo: «Quem sabe se Deus não Se arrependerá, e acalmará o ardor da Sua ira, de modo que não pereçamos?» (3, 9). Também então Deus viu as suas obras e os poupou.

No Novo Testamento, Jesus ressalta a razão profunda do jejum, condenando a atitude dos fariseus, os quais observaram escrupulosamente as prescrições impostas pela lei, mas o seu coração estava distante de Deus. O verdadeiro jejum, repete também noutras partes o Mestre divino, é antes cumprir a vontade do Pai celeste, o qual «vê no oculto, recompensar-te-á» (Mt 6, 18). Ele próprio dá o exemplo respondendo a satanás, no final dos 40 dias transcorridos no deserto, que «nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus» (Mt 4, 4). O verdadeiro jejum finaliza-se portanto a comer o «verdadeiro alimento», que é fazer a vontade do Pai (cf. Jo 4, 34). Portanto, se Adão desobedeceu ao mandamento do Senhor «de não comer o fruto da árvore da ciência do bem e do mal», com o jejum o crente deseja submeter-se humildemente a Deus, confiando na sua bondade e misericórdia.

Encontramos a prática do jejum muito presente na primeira comunidade cristã (cf. Act 13, 3; 14, 22; 27, 21; 2 Cor 6, 5). Também os Padres da Igreja falam da força do jejum, capaz de impedir o pecado, de reprimir os desejos do «velho Adão», e de abrir no coração do crente o caminho para Deus. O jejum é também uma prática frequente e recomendada pelos santos de todas as épocas. Escreve São Pedro Crisólogo: «O jejum é a alma da oração e a misericórdia é a vida do jejum, portanto quem reza jejue. Quem jejua tenha misericórdia. Quem, ao pedir, deseja ser atendido, atenda quem a ele se dirige. Quem quer encontrar aberto em seu benefício o coração de Deus não feche o seu a quem o suplica» (*Sermo 43; PL 52, 320.332*).

Nos nossos dias, a prática do jejum parece ter perdido um pouco do seu valor espiritual e ter adquirido antes, numa cultura marcada pela busca da satisfação material, o valor de uma medida terapêutica para a cura do próprio corpo. Jejuar sem dúvida é bom para o bem-estar, mas para os crentes é em primeiro lugar uma «terapia» para curar tudo o que os impede de se conformarem com a vontade de Deus. Na Constituição apostólica *Paenitemini* de 1966, o Servo de Deus Paulo VI reconhecia a necessidade de colocar o jejum no contexto do

chamamento de cada cristão a «não viver mais para si mesmo, mas para aquele que o amou e se entregou a si por ele, e ... também a viver pelos irmãos» (Cf. *Cap.I*). A Quaresma poderia ser uma ocasião oportuna para retomar as normas contidas na citada Constituição apostólica, valorizando o significado autêntico e perene desta antiga prática penitencial, que pode ajudar-nos a mortificar o nosso egoísmo e a abrir o coração ao amor de Deus e do próximo, primeiro e máximo mandamento da nova Lei e compêndio de todo o Evangelho (cf. *Mt 22, 34-40*).

A prática fiel do jejum contribui ainda para conferir unidade à pessoa, corpo e alma, ajudando-a a evitar o pecado e a crescer na intimidade com o Senhor. Santo Agostinho, que conhecia bem as próprias inclinações negativas e as definia «nó complicado e emaranhado» (*Confissões*, II, 10.18), no seu tratado *A utilidade do jejum*, escrevia: «Certamente é um suplício que me inflijo, mas para que Ele me perdoe; castigo-me por mim mesmo para que Ele me ajude, para aprazer aos seus olhos, para alcançar o agrado da sua doçura» (*Sermo 400, 3, 3: L 40, 708*). Privar-se do sustento material que alimenta o corpo facilita uma ulterior disposição para ouvir Cristo e para se alimentar da sua palavra de salvação. Com o jejum e com a oração permitimos que Ele venha saciar a fome mais profunda que vivemos no nosso íntimo: a fome e a sede de Deus.

Ao mesmo tempo, o jejum ajuda-nos a tomar consciência da situação na qual vivem tantos irmãos nossos. Na sua *Primeira Carta* São João admoesta: «Aquele que tiver bens deste mundo e vir o seu irmão sofrer necessidade, mas lhe fechar o seu coração, como estará nele o amor de Deus?» (3, 17). Jejuar voluntariamente ajuda-nos a cultivar o estilo do Bom Samaritano, que se inclina e socorre o irmão que sofre (cf. *Enc. Deus caritas est*, 15). Escolhendo livremente privar-nos de algo para ajudar os outros, mostramos concretamente que o próximo em dificuldade não nos é indiferente. Precisamente para manter viva esta atitude de acolhimento e de atenção para com os irmãos, encorajo as paróquias e todas as outras comunidades a intensificar na Quaresma a prática do jejum pessoal e comunitário, cultivando de igual modo a escuta da Palavra de Deus, a oração e a esmola. Foi este, desde o início o estilo da comunidade cristã, na qual eram feitas colectas especiais (cf. *2 Cor 8-9; Rm 15, 25-27*), e os irmãos eram convidados a dar aos pobres quanto, graças ao jejum, tinham poupado (cf. *Didascalía Ap.*, V, 20, 18). Também hoje esta prática deve ser redescoberta e encorajada, sobretudo durante o tempo litúrgico quaresmal.

De quanto disse sobressai com grande clareza que o jejum representa uma prática ascética importante, uma arma espiritual para lutar contra qualquer eventual apego desordenado a nós mesmos. Privar-se voluntariamente do pra-

zer dos alimentos e de outros bens materiais, ajuda o discípulo de Cristo a controlar os apetites da natureza fragilizada pela culpa da origem, cujos efeitos negativos atingem toda a personalidade humana. Exorta oportunamente um antigo hino litúrgico quaresmal: «*Utamur ergo parcius, / verbis, cibis et potibus, / somno, iocis et arcitius / perstemus in custodia* – Usemos de modo mais sóbrio palavras, alimentos, bebidas, sono e jogos, e permaneçamos mais atentamente vigi­lantes».

Queridos irmãos e irmãs, considerando bem, o jejum tem como sua finalidade última ajudar cada um de nós, como escrevia o Servo de Deus Papa João Paulo II, a fazer dom total de si a Deus (cf. Enc. *Veritatis splendor*, 21). A Quaresma seja portanto valorizada em cada família e em cada comunidade cristã para afastar tudo o que distrai o espírito e para intensificar o que alimenta a alma abrindo-a ao amor de Deus e do próximo. Penso em particular num maior compromisso na oração, na *lectio divina*, no recurso ao Sacramento da Reconciliação e na participação activa na Eucaristia, sobretudo na Santa Missa dominical. Com esta disposição interior entremos no clima penitencial da Quaresma. Acompanhe-nos a Bem-Aventurada Virgem Maria, *Causa nostrae laetitiae*, e ampare-nos no esforço de libertar o nosso coração da escravidão do pecado para o tornar cada vez mais «tabernáculo vivo de Deus». Com estes votos, ao garantir a minha oração para que cada crente e comunidade eclesial percorra um proveitoso itinerário quaresmal, concedo de coração a todos a Bênção Apostólica.

Vaticano, 11 de Dezembro de 2008.

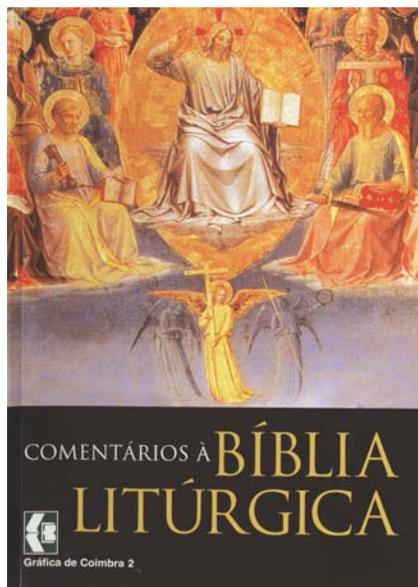


BENEDICTUS PP. XVI

### PRÓXIMOS ENCONTROS NACIONAIS 2008/2009

- Sessão de Formação II: Fátima (30 Abril a 3 Maio 2009).
- Reunião da Zona Euráfrica (data e local a definir em Janeiro 2009: entre Setembro e Outubro 2009).
- Peregrinação aos Passos de S. Paulo (8 a 15 de Junho de 2009).
- Sessão de Formação de novos Responsáveis de Sector: Fátima (17 e 18 de Outubro de 2009).
- Encontro Nacional: Fátima (21 e 22 Novembro 2009).

# LIVROS



## COMENTÁRIOS À BÍBLIA LITÚRGICA

Editora: Gráfica de Coimbra 2

Oferecemos nesta obra, fruto do esforço conjunto de um grupo numeroso de escrituristas de prestígio bem comprovado, um comentário conciso e substancial de todas as passagens da sagrada escritura que foram assumidas para serem proclamadas em celebração da liturgia oficial da Igreja: isto é, comentários de todos os textos que integram os leccionários da Santa Missa e os correspondentes aos diferentes sacramentos.

O objectivo é claro para todos: oferecer um serviço utilíssimo aos sacerdotes que todos os domingos, ou mesmo todos os dias, explicam a Palavra de Deus ao povo que assiste às celebrações litúrgicas, aos fiéis que individual ou colectivamente preparam o seu espírito para as ditas celebrações ou, simplesmente, desejam prolongar na meditação privada o sentido religioso genuíno das leituras bíblicas da celebração eucarística.

## FAROL PARA OS MEUS PASSOS

Autor: **Giovanni Dutto e Stefania Raspo**

Editora: Edições Salesianas

Preço: 4,20 euros

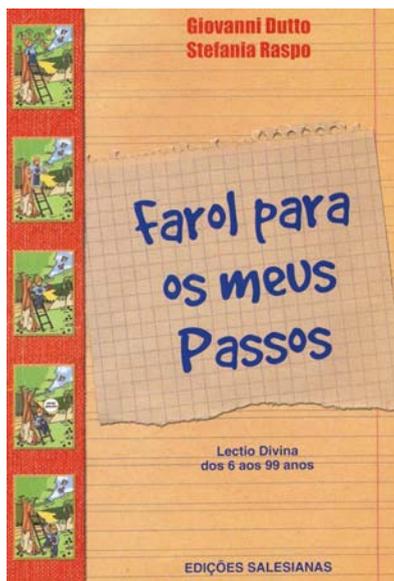
Reunir-se em volta do livro da palavra de Deus, escutar a Deus que fala e deixá-LO entrar na nossa vida é uma etapa fundamental do caminho de fé.

É um dos maiores dons que podemos receber durante a nossa vida.

Os autores deste livro experimentaram-no e sentem a necessidade de partilhar connosco esse dom, dirigindo-se aos adolescentes e adultos que se fazem "pequenos".

Os catequistas, os animadores de grupos juvenis e os pais encontrarão neste livro uma escola de oração para os mais novos.

O Senhor fala-lhes e eles escutam-nO e comunicam-nO: serão imensos os frutos recebidos e dados.



## LIVROS RECOMENDADOS PELO MOVIMENTO

### PADRE HENRI CAFFAREL

\* **CAMILE C. - POSSUÍDA POR DEUS**

Editora: Editorial A. O. (Outubro de 1992) — Preço: 9 euros

\* **ORAÇÃO INTERIOR**

Editora: Editorial A. O. (Dezembro de 1989, 3.ª edição) — Preço: 5 euros

\* **NAS ENCRUZILHADAS DO AMOR**

Editora: Lucerna (Fevereiro de 2008) — Preço: 8,06 euros

\* **NA PRESENÇA DE DEUS — Cem cartas sobre a oração**

Editora: Lucerna (Novembro de 2008) — Preço: 13,50 euros

### RELACIONADOS COM O PADRE HENRI CAFFAREL

\* **HENRI CAFFAREL - Um homem cativado por Deus**

Autor: Jean Allemand — Editora: Lucerna (Novembro de 2007) — Preço: 11,21 euros

\* **O CORPO E A ORAÇÃO**

Autor: Introdução de Henri Caffarel — Editora: Editorial A. O. — Preço: 3 euros

\* **ORAR 15 DIAS COM HENRI CAFFAREL**

Autor: Jean Allemand — Editora: Paulus e ENS (2003) — Preço: 3 euros

### SOBRE SEXUALIDADE

\* **SEXUALIDADE CONJUGAL E PATERNIDADE RESPONSÁVEL**

Autor: Luís Jensen — Editora: Patris e Principia (Abril de 2008) — Preço: 12 euros

\* **A SEXUALIDADE SEGUNDO JOÃO PAULO II**

Autor: Yves Semen — Editora: Principia (Outubro de 2006) — Preço: 10,71 euros

\* **CONVERSAR COM OS FILHOS SOBRE SEXUALIDADE**

Autor: Cristina Sá Carvalho — Editora: Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã (2008)

O Secretariado Nacional implementou um serviço de envio destes dez livros, aos equipistas que o solicitarem. Pedidos:

Telef.: 21 842 9340

E-mail: [ens@ens.pt](mailto:ens@ens.pt)

Morada: Av. Roma, 96, 4.º, esquerdo - 1700-352 LISBOA.

Pagamento por cheque ou transferência bancária NIB: 001800002088965300164.

# NOTICIÁRIO

## DAS ENS

NOV 2008  
A  
FEV 2009



### REUNIÃO DA SUPRA-REGIÃO DE JANEIRO 2009 (10 E 11)

Em Évora, com o apoio da Zoca e do Rui, realizámos mais uma reunião da nova Equipa da Supra-Região. Rezámos muito, fizemos o balanço das actividades já decorridas, planámos as seguintes, fizemos o Pôr-em-Comum das Províncias, trocámos informações e tomámos decisões: Aprovação da Acta da RSR de Setembro 2008, da proposta de Orçamento para 2009, dos novos documentos a editar, a divisão da Região Angola, a visita do SR a Angola e a revisão salarial para 2009. Celebrámos a Eucaristia, na tarde de sábado e seguiu-se um encontro com os equipistas da Região Tejo Sul que foi muito animado e mostrou um Sector Évora muito jovem.

### COLÉGIO INTERNACIONAL 2009 (ROMA)

Decorreu imediatamente antes do Encontro Mundial de Regionais, em Roma, de 20 a 24 de Janeiro de 2009.

### ENCONTRO MUNDIAL DE REGIONAIS - ROMA 2009

Realizou-se em Roma, entre **24 e 29 de Janeiro de 2009** com a participação de 150 casais. Foi uma experiência inesquecível.

### TEMA DO ANO DE 2009/2010

O Tema do Ano 2009/2010 foi aprovado na última reunião da nova Equipa da Supra-Região: **Testemunhas ao Serviço dos Casais**. Como habitualmente será traduzido para Português entre Janeiro e Maio, vai para a Composição Gráfica em Junho e será produzido em Julho para poder ser distribuído em Setembro com a Carta de início de Ano do casal SR.

### JORNADAS NACIONAIS DA PASTORAL FAMILIAR

Decorreram em Fátima, organizadas pelo Departamento Nacional da Pastoral Familiar, entre **14 e 16 de Novembro de 2008**, as Jornadas Nacionais da Pastoral Familiar, com a

participação de muitos casais das ENS. Estas Jornadas destinam-se aos Movimentos e às estruturas diocesanas da Pastoral Familiar e pretendem ser um fórum de encontro e reflexão. Um dos conferencistas, também equipista, era o bem conhecido casal Espanhol Mercedes e Álvaro Gomez-Ferrer, que voltou a encantar-nos a todos os que participámos.

### ENCONTRO NACIONAL DE RESPONSÁVEIS

Com o envolvimento de sete Bispos, decorreu em Fátima, em **6 e 7 de Dezembro de 2008**, mais um Encontro Nacional de Responsáveis das Equipas de Nossa Senhora. O Senhor D. António Carrilho, Presidente da Comissão Episcopal Laicado e Família da Conferência Episcopal Portuguesa, endereçou uma mensagem aos participantes, o Senhor D. Serafim esteve presente a representar aquela Comissão, e o Senhor Bispo de Beja, D. António Vitalino Dantas, participou num painel falando dos desafios pastorais da sua diocese, o que demonstra bem, e mais uma vez, o inequívoco apoio da Igreja em Portugal às ENS. Mas não foi só a Igreja em Portugal a marcar presença neste Encontro histórico. Participaram ainda no Encontro, o Senhor Padre Ildo Fortes, em representação do Senhor D. Arlindo Gomes Furtado, e os Senhores Bispos de Cabo Verde, D. Manuel António Santos, Bispo de S. Tomé e Príncipe, D. Adriano Langa, Bispo de Inhambane (Moçambique) e Dom Pedro Luís Scarpa, Bispo de Ndalatando (Angola), que apresentaram as respectivas dioceses e países, e realçaram a esperança que colocam no apoio que as ENS podem prestar em África. Pelo nosso lado não deixaremos de continuar a corresponder às expectativas que estão criadas.

### LIVRO DO PADRE CAFFAREL EM PORTUGUÊS: NA PRESENÇA DE DEUS

O Livro do Padre Caffarel - “Na Presença de Deus” (Cem Cartas Sobre a Oração) já foi editado em Português. O Livro foi lançado no Encontro Nacional de Responsáveis de 2008 (**6 e 7 de Dezembro**) e colocado à venda na Carta.

Estão também disponíveis no Secretariado Nacional mais exemplares de livros do Padre Caffarel anteriormente publicados.

### NOVO LIVRO DO PADRE CAFFAREL EM PORTUGUÊS: *ESPIRITUALIDADE CONJUGAL*

O Livro do Padre Caffarel - “Espiritualidade Conjugal” encontra-se na fase de obtenção dos direitos de autor para poder ser editado em Portugal.

### FORMAÇÃO DE CASAIS PILOTO

Foi em Fátima, em **14 e 15 de Fevereiro de 2009**, no Hotel Cinquentenário, que se realizou esta Sessão de Formação de Casais Piloto com novo modelo. Não se tratou de um encontro. Foi realmente uma sessão de Formação dirigida aos casais que se dis-

ponibilizaram para o serviço de Pilotagem. Foi novamente a sessão de formação que teve a maior avaliação desde que avaliamos segundo o processo actual desde 2005, o que mostra bem da adequação a uma necessidade que é bem concreta. Já o mesmo tinha acontecido com a Sessão de Formação de novos RS, o que mostra que estamos no bom caminho.

### ASSEMBLEIA DO CNMO (CNAL)

A Assembleia anual do CNMO realizou-se em **13 de Dezembro 2008**, na Igreja de S. Nicolau, na baixa de Lisboa. O tema principal foi a revisão dos estatutos que prevêem a alteração do nome para CNAL (Conferência Nacional do Apostolado dos Leigos). Os estatutos serão discutidos durante o ano e aprovados na próxima Assembleia anual.

### QUOTIZAÇÕES

A curva das quotizações continua abaixo da dos anos anteriores. Sinal dos tempos ou falta de alertas?

### SENSIBILIZAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE CASAIS PILOTO NA REGIÃO ALGARVE

Decorreu no Algarve, no dia **3 de Janeiro de 2009**, uma sessão de sensibilização para a formação de novos casais Piloto na Região Algarve. A afluência de 17 casais é um bom augúrio para o futuro desta região. Os nossos parabéns pela iniciativa à Rita e David e à Teresa e José Manuel.

### REUNIÃO DE ZONA EURÁFRICA

A próxima reunião de Zona foi programada para Setembro/Outubro de 2009.

### PEREGRINAÇÃO DAS ENS AOS PASSOS DE S. PAULO

Vai realizar-se entre **8 e 15 de Junho de 2009** e actualmente temos cerca de 60 pessoas inscritas. Vamos continuar a aceitar inscrições até Abril.

### COLÉGIO 2009 DA SR PORTUGAL

O 1.º Colégio da SR Portugal está marcado para os dias **20 e 21 de Junho de 2009**, em Fátima, e contará com a presença da Equipa da SR, casais responsáveis regionais e de sector ligados directamente às Províncias, e equipas de Serviço.

## MULTIPLICAÇÃO DA REGIÃO PORTO EM PORTO 1 E PORTO 2

Foi na Casa de Vilar, durante a missa dos primeiros Sábados, com uma sala cheia de casais jovens e outros mais experientes, na presença do Frei Bernardo e de mais dois sacerdotes que concelebraram, durante a celebração da Eucaristia, que se fez a passagem formal de testemunho aos dois novos Regionais. Os casais Provincial e SR tiveram o prazer de estar presentes neste dia **3 de Janeiro de 2009**, memorável para as novas Regiões Porto 1 e 2.

## NOVA MISSÃO A S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Uma nova Missão a S. Tomé e Príncipe, está em preparação para se concretizar em 9 a **16 Abril de 2009**, e será acompanhada pelo Padre Mário Pais. Destina-se à consolidação das equipas existentes sobretudo através do reforço da sua pilotagem.

## DA IGREJA



## BENTO XVI QUER VISITAR PORTUGAL

O próprio Papa comunicou-o ao actual Núncio Apostólico em Portugal, D. Rino Passigatona na audiência que lhe concedeu antes de vir para Lisboa, afirmando querer estar na “terra de Santa Maria”, “num futuro não remoto”.

## FAMÍLIA - TESTEMUNHO DA ESPERANÇA

A Comissão Episcopal do Laicado e Família e o Departamento Nacional da Pastoral Familiar realizaram em Fátima, de 14 a 16 de Novembro passado, as XX Jornadas Nacionais da Pastoral Familiar, que foram um momento alto de reflexão e partilha. As Jornadas nacionais, este ano com o tema «Família - Testemunho da Esperança», são uma actividade anual que pretende promover a reflexão e orientar actuações pastorais nas dioceses. A organização cabe à Comissão Episcopal para o Laicado e Família, actualmente presidida por D. António Carrilho.

Mais uma vez é com alegria que constatamos a presença de muitos casais das ENS que participaram por estarem ao serviço da Pastoral Familiar das suas dioceses ou paróquias.

### X COLÓQUIO NACIONAL DE PARÓQUIAS – FÁTIMA FEVEREIRO 2009

A consciência de que é necessário encontrar novas abordagens para a transmissão dos valores e da fé cristã, face às alterações na sociedade, que diminuíram a importância das formas tradicionais de evangelização e catequese, é uma conclusão do encontro. Também se conclui que proporcionar o encontro pessoal com Deus é o desafio mais importante que se coloca aos cristãos, em vez de uma vivência mais baseada numa prática tradicional de raiz social e numa catequese demasiado escolarizante.

### CELEBRAÇÃO NACIONAL DO ANO PAULINO

A Conferência Episcopal Portuguesa organizou a celebração nacional do Ano Paulino, no Santuário de Fátima que recebeu participantes vindos das dioceses, paróquias, movimentos e outros grupos e comunidades cristãs, para dois dias de celebração que tiveram o momento alto na Eucaristia de Domingo, 25 de Fevereiro.

A celebração teve início na noite de Sábado com o Rosário na Capelinha das Aparições, seguido de Procissão de Velas e da Vigília Paulina.

Domingo, dia 25, foi o dia da grande celebração. Pelas 10 horas teve início o Rosário na Capelinha das Aparições, seguida da Eucaristia no Recinto do Santuário.

Pelas 14h 30 teve início a Festa Paulina, na Igreja da Santíssima Trindade, composta por um momento audiovisual com a evocação de São Paulo e a actuação da *Schola Cantorum* Pastorinhos de Fátima e do Coro da Sé do Porto

### SÍNODO AFRICANO

O tema do Sínodo, o segundo dos bispos deste continente, que será realizado em Outubro deste ano em Roma, será «A Igreja na África, ao serviço da reconciliação, da justiça e da paz. 'Vós sois o sal da terra ... Vós sois a luz do mundo (Mt 5, 13-14)».

### CÁRITAS PORTUGUESA ALERTA PARA A CRISE

A Caritas Portuguesa pediu que a classe política do país esteja atenta às famílias e ao emprego neste contexto de crise, em comunicado da Comissão Permanente, divulgado a 7 de Fevereiro, afirmando que, além dos trabalhos de revitalização da economia, «não se podem esquecer as preocupações concretas e quotidianas das famílias atingidas pela crise» e «o apoio às pequenas e médias empresas, pois nelas reside o verdadeiro fortalecimento do tecido económico». Além disso, «é ainda da mais elementar justiça apoiar todos aqueles e aquelas que por perda de emprego

ou por endividamento excessivo vivem no desespero, muitos deles e delas vítimas de uma cultura consumista desregulada que promove o ter em detrimento do ser». Outro motivo de preocupação e mais um indicador da gravidade desta crise, segundo a Cáritas, «é a falência da classe média que contribuiu para o recrudescimento da designada “pobreza envergonhada”». «São cada vez mais as famílias desta classe social que recorrem à ajuda fraterna das comunidades cristãs e de outras instituições, encontrando aí as respostas possíveis às suas mais elementares necessidades». «É preciso que todos nos mantenhamos vigilantes e empenhados na superação da crise. A própria Democracia o exige. Mas porque os tempos são tão preocupantes, é preciso que haja uma resposta solidária e invulgarmente forte. É nos momentos mais difíceis que se vê a verdadeira alma de um Povo», afirma o organismo.

### PRIMEIRA VIAGEM A ÁFRICA DE BENTO XVI

O Papa visitará os Camarões e Angola (de 17 a 23 de Março). Estará nos Camarões dia 17 e a 20 de Janeiro, viajará de Laundé a Luanda, onde chegará às 12h45 e, após ser recebido pelas autoridades locais no aeroporto, visitará o presidente da república no palácio presidencial de Luanda, onde mais tarde, às 17h45, pronunciará um discurso às autoridades políticas e ao corpo diplomático. Às 19h encontrar-se-á com os bispos de Angola e São Tomé na capela da nunciatura apostólica de Luanda. No sábado, 21 de Janeiro, celebrará a Santa Missa na igreja São Paulo, de Luanda, e encontrar-se-á com os jovens no Estádio dos Coqueiros.

No domingo, 22, celebrará a Santa Missa com os bispos do IMBISA (*Inter-regional Meeting of Bishops of Southern Africa*) na esplanada de Cimangola. À tarde, na paróquia Santo António de Luanda, encontrar-se-á com os Movimentos Católicos para a Promoção da Mulher.

### VI ENCONTRO MUNDIAL DAS FAMÍLIAS

Realizou-se em Janeiro de 2009 no México sob o tema “A família formadora dos valores humanos e cristãos” terminou com a reafirmação da família e sua função social essencial. Por vídeo-conferência Bento XVI afirmou “A família tem direito a ser reconhecida na sua própria identidade e a não ser confundida com outras formas de convivência”, pediu também “ cultura e uma politica de família” que disse ser o lugar “para viver e cultivar o amor, o respeito e a justiça, a lealdade e a colaboração, o serviço e a disponibilidade para com os outros”.

### CINQUENTENÁRIO DA INAUGURAÇÃO DO SANTUÁRIO A CRISTO REI

A propósito deste acontecimento que ocorre a 17 de Maio de 2009, a Conferência Episcopal emitiu uma nota pastoral “para lembra o contexto deste empreendimento, focar os eixos da espiritualidade que o ergueram e aprofundar a mensagem deste santuário para as comunidades cristãs”  
([www.agencia.ecclesia.pt/](http://www.agencia.ecclesia.pt/))

# VISITA A TROUSSURES

TÓ E ZÉ



Ficámos todos com uma certa expectativa e uma grande emoção quando naquela manhã de Outubro, em que a ERI já estava reunida há dois dias, os nossos responsáveis Maria Carla e Carlo Volpini nos fizeram uma grande surpresa, dizendo-nos:

“Já somos equipa há dois anos! É uma felicidade, mas é também a altura de começarmos a pensar com mais atenção na orientação que devemos dar aos nossos trabalhos nos próximos três anos e qual o Caminho a seguir até ao próximo Encontro Internacional.

Queremos propor-vos uma ida a Troussures para ali marcar um novo ponto de partida para os nossos trabalhos. “

Foi assim que a Maria Carla e o Carlo nos propuseram uma visita a Troussures.

Ficámos todos radiantes de alegria porque ninguém, excepto eles, conhecia o local onde o padre Caffarel passou os seus últimos dias.

A pouco e pouco a emoção foi tomando conta de nós e crescia a expectativa!

No dia seguinte, saímos muito cedo de Paris, a manhã estava linda e fria, e no mini-bus, que nos conduzia pouco a pouco a Troussures, vivia-se já um ambiente de um certo silêncio, de escuta e oração.

Depois de uma hora e pouco de viagem, chegámos ao cemitério onde está sepultado o Padre Caffarel, numa simplicidade arrepiante, com três datas apenas marcadas na pedra do seu túmulo: Baptismo, Ordenação e Partida para o Pai.

As palavras não conseguem traduzir a emoção que todos sentíamos.

O silêncio que enchia o ar levou-nos a esquecer o tempo que ali estivemos em oração. Experimentámos a força da oração, feita no silêncio, ou talvez fosse mesmo o silêncio que nos conduzia à oração ...

Não sabemos o que aconteceu ... apenas que nos esquecemos todos do tempo que ali passámos e nos obrigou a fazer uma alteração ao programa.

**“OH TU que habitas o meu coração,  
quero conhecer-Te no fundo do meu coração”**

Partimos então para a casa de Oração, onde o nosso fundador viveu, trabalhou, mas, sobretudo, passou os seus últimos anos de vida a ensinar como se pode conhecer melhor o Amor de Deus, através da oração.

Andámos pelos parques, visitámos a Cripta, e entrámos no seu quarto ...

Dizer-vos o que sentimos, talvez não seja possível. As emoções fortes não se conseguem transmitir. No entanto, não podemos deixar de vos contar, que naquele quarto, onde a luz entrava coada e se viam nas estantes os seus livros e alguns objectos pessoais, sentimo-vos a todos presentes e renovámos a experiência de vida de equipa.

**“OH TU que habitas o meu coração,  
quero conhecer-Te no fundo do meu coração”**

Não podemos deixar de vos contar que todos vivíamos um dia único nas nossas vidas. Partilhámo-lo, depois, entre nós, na viagem de regresso a Paris.

Havia qualquer coisa de muito forte naquele quarto que nos transportava aos tempos do seu morador. Nos armários de parede, os seus livros, aqueles que nos deixou e que continuam a ser a mina de ouro do nosso Movimento.

Havia também uma mesa muito simples, onde ele trabalhava e que tinha em cima um crucifixo, a sua estola e uma imagem de Nossa Senhora.

Esta, sim, era já nossa conhecida! A sua brancura, beleza e simplicidade dos seus traços era-nos familiar.

É verdade, era uma imagem de Nossa Senhora, da Vista Alegre!

Ao partilhar com a Ana e o Vasco todas estas emoções, sentimos que viviam connosco também um pouco deste dia que nos transportou ao passado.

Passado que está cada vez mais presente na vida de tantos casais espalhados pelo mundo e que, graças a este homem que foi o profeta do sacramento do matrimónio, conseguem que as suas vidas se transformem num caminho de esperança que os poderá levar à santidade.

Temos a sensação ou mesmo a certeza que nada ou muito pouco foi dito do que sentimos e vivemos, em todo o caso, aqui fica para todos a partilha, que a Ana e o Vasco nos pediram, deste dia tão especial da nossa vida.

*Magnificat.*

# ENCONTRO DE PILOTAGEM

## AO SERVIÇO DO AMOR

MARIA DO ROSÁRIO E ALBERTO  
(GUIMARÃES 5)

Participar num Encontro das ENS não é só ou nem é certamente aprender coisas novas. É seguramente viver coisas novas, vivenciar experiências novas, dar testemunhos e acolhê-los, para voltar mais cheios de Cristo e desejosos de O comunicar aos outros.

Os casais Responsáveis Supra Regionais, os casais Responsáveis Provinciais, os casais Responsáveis de Região e os casais Responsáveis de Sector estão bem cientes de que a formação é para todos e por isso a fomentam e incentivam.

O Encontro de Pilotagem organizado pela Província Norte, no Seminário do Verbo Divino em Guimarães, no dia 08 de Novembro passado, destinava-se a Casais Pilotos, Responsáveis de Sector, ECIPs e RIPs.

Estiveram presentes 36 casais e o Rev. Padre José de Castro, CE da Província, que participou no painel e presidiu à Eucaristia.

Estavam representados os sectores Alijó/Vila Real, Braga, Famalicão, Guimarães, Lamego, Póvoa de Varzim, Porto 1- sector H, Maia, Trofa, Porto 2 – sector A e sector I.

Objectivos propostos:

- Reflectir e debater conceitos da pilotagem na fidelidade ao espírito e carisma das ENS;



- Actualizar conhecimentos e aferir modos de actuação;
- Partilhar experiências e vivências;
- Desenvolver o espírito de unidade do Movimento.

Os trabalhos iniciaram-se com a oração de Laudes a que se seguiram breves palavras de boas vindas e a apresentação do Encontro pelo casal Eira, RP.

As actividades da manhã prosseguiram com um painel sobre o tema VIVER E TESTEMUNHAR, com cinco intervenções:

- *Casal piloto – Rosto do Movimento* – pelo casal Donzília e Felisberto Eira.
- *Pilotagem – Acto de amor exigente* – pelo casal Sónia e Manuel Martins.
- *A pilotagem – Percurso na fidelidade* – pelo casal Fernanda e António Felgueiras.
- *A pilotagem e os EEN* – pelo casal Maria João e Alberto Ranhada.

- O CE – *Presença dinâmica de fé* – pelo Rev. Padre José de Castro.

A pilotagem assenta em três pilares fundamentais:

- Oração;
- Amor;
- Fidelidade (aos princípios).

A pilotagem foi-nos apresentada como fundada em primeiro lugar na oração.

Os pilotos e toda a sua equipa de base e todo o Sector *rezam* pela equipa que se vai formar: por todos os casais, pelo CE. É Cristo que vai falar àqueles casais e àquele sacerdote, Conselheiro Espiritual. Todos rezam para pedir a luz do Espírito Santo sobre o casal piloto e sobre todos os elementos da nova equipa. Faz-se uma corrente de solidariedade na oração, por esta mesma intenção.

O casal piloto disponibiliza-se para trabalhar de um modo especial na vinha do Senhor. Ele vai pastorear aquele pequeno rebanho e desde o princípio o faz, com o *coração aberto* ao Senhor e aos casais para O ouvir quando lhe fala pela Sua palavra, pelas inquietações, pelos problemas e pelas dúvidas dos membros da nova equipa, pela palavra do CE.

O *amor* do piloto pelos casais da equipa nova manifesta-se também pelas palavras que ele dirige aos elementos da equipa, pelas suas vivências, pelas suas atitudes e pelos seus gestos que não-de ser todos orientados pela *fidelidade* aos princípios orientadores das ENS introduzindo, em cada reunião de preparação e em cada reu-

não de equipa, os casais nos princípios orientadores do movimento, tornando-os claros, simples e mostrando que eles são exequíveis.

Afinal nada mais é que mostrar, pelo testemunho, a boa nova do Evangelho que é a vida a viver, em pleno, sob o olhar terno de Deus.

Depois do almoço, momento de convívio e troca de experiências, foi a vez das reuniões mistas, sempre muito proveitosas nos encontros do Movimento, pelo enriquecimento que proporciona através da troca de experiências e vivências.

Os casais foram convidados a refletir sobre:

- Como, em cada Sector, se processa a expansão do Movimento,
- Como é feita a ligação às equipas em pilotagem,
- Dada a importância do encontro das equipas novas, parte integrante da pilotagem, que dúvidas têm surgido sobre a intervenção dos vários agentes: CP, RS, CL.
- Como tem sido acolhida e posta em prática a proposta do Movimento sobre os temas de estudo para os três primeiros anos após a pilotagem.

Seguiu-se um plenário em que foram esclarecidas as questões postas.

A Eucaristia foi o epílogo, o ponto alto do encontro em que apresentamos ao Senhor toda a nossa boa vontade e Lhe pedimos luz e força para realizar o trabalho na sua vinha.

Guimarães, 8 de Novembro de 2008.

## “VEM E SEGUE-ME...”

Foi este o lema da **Formação de Casais Piloto** que se realizou em Fátima, 14 e 15 de Fevereiro de 2009, onde

estiveram presentes cerca de 40 casais que partilharam durante este fim de semana as suas dúvidas e



inquietações que este novo serviço ao Movimento lhes levanta.

“Vem e segue-Me”, para, como Cristo nos desafia, o seguirmos com abertura de coração e entrega ao serviço que ele colocou nas nossas mãos.

Para o seguirmos levando outros connosco, ajudando-os a constituir equipa, comunidade de vida e de partilha para melhor podermos responder ao Seu apelo.

Foi um tempo de paragem e de reflexão que percorreu o caminho da pilotagem, caderno a caderno alertando

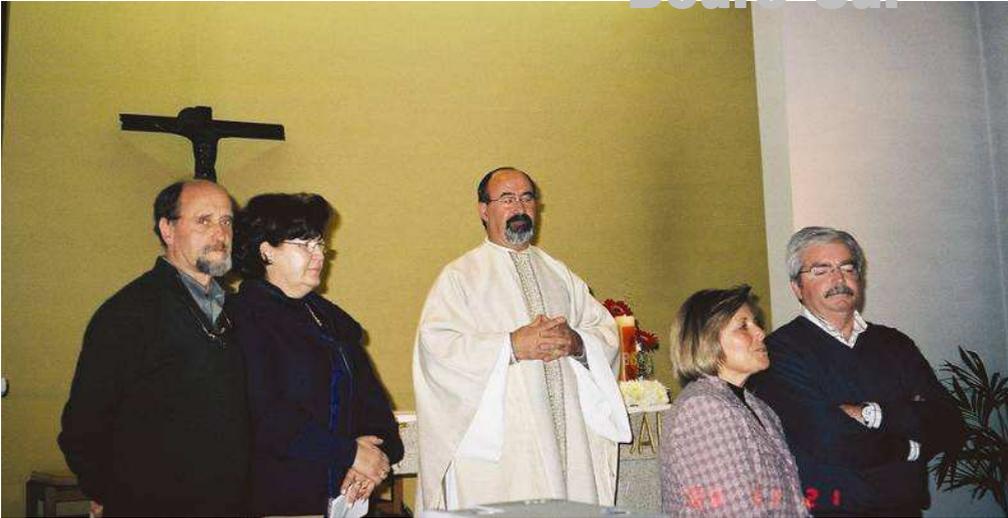
para aspectos fundamentais e realçando que esta missão é **Ajudar** um conjunto de **casais** a formar **equipa**, compreendendo, vivendo, o projecto de vida em comum, assente no **método** de uma ENS, integrada no **Movimento** e na **Igreja**.

Rezem por todos os casais piloto porque são o rosto do Movimento na formação de uma nova equipa e a pilotagem vai marcar para sempre a sua vitalidade e a sua integração no Movimento. Tem que se ter sempre presente que a equipa é a sua célula mais importante do Movimento.

# RETIRO

MARGARIDA E PEDRO CAPUCHO

## Região Douro Sul



Como podemos ler num dos cadernos da nossa Supra-Região sobre o método da ENS, *o retiro anual é um tempo de distanciamento da nossa vida sobrecarregada e agitada, que nos permite olhá-la de outro ângulo e pormo-nos questões essenciais sobre ela. O retiro em casal é particularmente importante porque permite aproximarmo-nos mais de Deus e um do outro.* Por isso, um dos pontos concretos de esforço propostos a todos os casais das ENS é precisamente fazer um retiro *de pelo menos 48 horas.*

Este ano, um dos primeiros retiros (senão o primeiro) da nossa Supra-Região foi organizado pela Região Douro Sul, no dia 22 de Novembro, na Casa de São Paulo, em Cortegaça. Numa concessão à nossa falta de disponibilidade de tempo para o mais importante, as 48 horas propostas pelo Movimento foram reduzidas

a 9 ... Mas foram 9 horas de paragem, de reflexão, de escuta, de “diálogo a três”, que alimentaram espiritualmente os 23 casais que quiseram aproveitar esta oportunidade.

Conduzido pelo Padre José Manuel da Costa Lima, da Sociedade Missionária da Boa Nova, o retiro teve como tema o Ano Litúrgico – Espiritualidade (estávamos precisamente na véspera da Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, que encerra o ano litúrgico e que celebrámos na Eucaristia).

No início dos trabalhos, o Orientador soube criar um ambiente de serenidade, propício à reflexão: com música apropriada e todos os casais dispostos em círculo, começamos por fazer uma oração de invocação ao Espírito Santo.

Indo ao encontro da necessidade tantas vezes manifestada pelos casais das nossas equipas, este foi um retiro marcado por um forte cariz formativo. Dele saímos um pouco menos ignorantes sobre a forma como, ao longo do ano, está organizada a liturgia, os seus tempos fortes e a centralidade concedida a Cristo e à memória sempre renovada da sua Paixão, Morte e Ressurreição.

Houve também espaço para aprender e reflectir sobre São Paulo, neste ano que lhe é especialmente dedicado. A partilha em grupo, a partir das palavras do Apóstolo dos Gentios, foi

intensamente vivida por todos e sabiamente conduzida pelo Padre José Manuel.

Na serena recitação do Terço, com uma breve meditação sobre cada mistério e tempo para uma reflexão pessoal, sentimo-nos mais próximos de Nossa Senhora, protectora do Movimento.

A todos deixamos o desafio que nos foi lançado pelo Padre José Manuel, como ponto de partida para um dos momentos de reflexão em casal: procurar, entre as palavras que nos foram deixadas por São Paulo, um lema para a nossa vida.

# INÍCIO DO ANO APOSTÓLICO

## Sectores A e B, Aveiro Sector Águeda

Vivendo conscientemente o sentido de Igreja em comunhão, as Equipas de Nossa Senhora – Sectores A e B de Aveiro e Sector de Águeda – reuniram-se, no dia 11 de Outubro, no Seminário de Aveiro, na sessão de Início das suas Actividades Apostólicas para 2008/2009.

Foi evidenciado o desejo de desenvolver as actividades do Movimento das ENS com observação das directrizes pastorais da Diocese. Assim, foi convidado o Padre João Gonçalves que, com clareza e convicção, procedeu à apresentação do Plano Diocesano para o Quinquénio 2008/2013. Foi

depois, apresentado, pelos casais responsáveis dos sectores, o Plano das Actividades para 2008/2009.

O casal responsável pela província Centro teceu importantes considerações sobre as responsabilidades do Movimento na conjuntura actual e deixou algumas linhas de orientação.

Com a singela eloquência, o clarividente sentido pastoral e o profundo conhecimento que o caracterizam e o fazem merecedor do respeito e admiração dos seus diocesanos, o Bispo de Aveiro, D. António Francisco, enquadrou a importância das Equipas de

Nossa Senhora, que tão bem conhece, no desenvolvimento do Plano Pastoral Diocesano para o próximo Quinquénio.

Depois de um esclarecedor diálogo com a assembleia, celebrou-se a Eu-

caristia, presidida pelo Padre José Manuel, conselheiro espiritual do Sector A de Aveiro.

Neste encontro do movimento das ENS houve festa, porque se viveu e testemunhou a Igreja em Comunhão.

## UM ANO A CAMINHAR

### COM S. PAULO EM IGREJA E EM ENS

HELENA E CHICO CORREIA (RIO DE MOURO 2)

Foi com uma peregrinação a um santuário dedicado a S. Paulo, Igreja Matriz de Salvaterra de Magos, que nós, equipa de Rio de Mouro 2, Sector Sintra A, Região Sintra, iniciamos as nossas actividades em ENS neste ano pastoral 2008/2009.

Após um caloroso acolhimento pelo prior, Sr. Padre José Carlos, celebramos a Eucaristia presidida pelo nosso Conselheiro Espiritual, Sr. Padre Saturino. Vivemos a intimidade com o Pai, a memória de S. Vicente de Paulo, que se recordava no dia, o exemplo de S. Paulo, a acção de graças pelas bodas de prata sacerdotais do nosso CE e ainda a petição da força divina para o bom desempenho das tarefas apostólicas assumidas pelos casais no âmbito do nosso movimento.

De seguida degustamos um almoço ribatejano na aldeia piscatória Escarpupim.

Pela tarde prosseguimos com a reunião de equipa. S. Paulo será objecto do nosso estudo juntamente com o



tema proposto pelo movimento para o ano equipista 2008/09. Aceitamos o duplo desafio, do nosso Santo Padre Bento XVI, reforçado pelo do nosso Movimento, em aprofundar Cristo através deste Grande apóstolo.

Regressamos fortalecidos na unidade, alegres e com ânimo para enfrentar o novo ano.

Outubro de 2008.

# ENCONTRO DE EQUIPAS NOVAS

*CASA DIOCESANA, ALBERGARIA-A-VELHA*

*Equipa animadora:*

Padre Francisco Martins  
Letinha e Martinho Pereira  
Sónia e Paulo Morgado  
Maria Luz e José Couto  
Alda e Albino Vieira



Realizou-se no fim-de-semana de 25 e 26 de Outubro, um “Encontro de Equipas Novas”, na Casa Diocesana de Nossa Senhora do Socorro, em Albergaria-a-Velha, no qual casais organizados em equipa, após um ano de ensino e “aprendizagem” (Pilota-gem) quiseram assumir o seu compromisso de pertença ao Movimento de Equipas de Nossa Senhora.

Foi num clima de alegria, disponibilidade, responsabilidade assumida que casais de oito equipas (Aveiro 28, Bairrada 2, Braga 24, Coimbra 44,

Corteça 3, Famalicão 15, Leiria 32, Viseu 9), animadas pelo Padre Francisco Martins coadjuvado por mais quatro casais, se reuniram para melhor preparar este importante passo nas suas vidas enquanto casal e enquanto equipa. Deste encontro fizeram parte momentos fortes como as comunicações que incidiram sobre o que significa pertencer ao Movimento de Espiritualidade conjugal das Equipas de Nossa Senhora; com quem caminhamos; em que se traduz a missão de um casal cristão na família, na equipa base, no movimento,

na Igreja e no mundo; o que levamos na mochila para apoiar e dar sentido à caminhada a como a Palavra e o Espírito de amor de Cristo-Esposo anima o amor esponsal ao longo de uma vida de partilha e construção da imagem de Deus Amor.

Apesar de ser um programa muito preenchido, os momentos de pausas para café permitiam ginastificar corpos e mentes, principalmente depois da realização da 1.<sup>a</sup> reunião de Equipas mistas. Nestas, se inicialmente se verificava um certo sentimento de perda pelo abandono do aconchego da Equipa Base, rapidamente se transforma numa mais-valia para o Encontro entre todos os presentes. De facto, a possibilidade de trocar experiências de como se vive no seio do Movimento, como decorrem as reuniões mensais, como se ultrapassam problemas em conjunto, no fundo, de como cada casal e/ou cada equipa apreende e se apropria da metodologia proposta pelas Equipas de Nossa Senhora, e com ela torna a sua experiência diária de ser casal mais enriquecedora, abriu as portas e os corações a um maior sentimento de grupo, de comunidade aqui reunida com um propósito concreto: realizar o seu compromisso de equipa e assumir que, após a Pilotagem, esta é uma experiência a manter, porque conduz a uma vivência mais plena do ser Casal, ser Família.

Após o tempo concedido ao Dever de Se Sentar, e á Oração Mariana, o jantar foi momento de preparar um momento lúdico sobre vários aspectos intrínsecos na vida do Movimento:

Pontos Concretos de Esforço, Conselheiro Espiritual, Casal Piloto, Equipa Responsável Internacional ..., foi com enorme satisfação e alegria que pudemos comprovar que sobre tudo é possível brincar com sabedoria! E como nos divertimos com as apresentações da cada Equipa Mista!

O Domingo, Dia do Senhor, foi ocupado com a escuta da Sua Palavra: primeiro pela comunicação do Conselheiro Espiritual, depois com a preparação da Oração de Compromisso, seguida da celebração da “Eucaristia do Compromisso e acolhimento das novas equipas”, onde os presentes puderam contar com o aconchego da presença dos seus Casais Piloto e Conselheiros Espirituais, o que tornou a Celebração Eucarística um pouco mais longa do que habitual, mas plena de significado. Esta celebração foi presidida pelo Rev.<sup>mo</sup> Bispo Emérito de Aveiro, D. António Marcelino, e concelebrada por todos os Conselheiros Espirituais presentes.

Finalizou este encontro, que marca o início de uma nova caminhada para estes casais das oito equipas participantes, com um animado almoço de confraternização e partilha das alegrias sentidas, testemunhado por mais de 150 pessoas.

Regozija-se o Movimento das Equipas de Nossa Senhora com a chegada de mais casais ao seu seio, e a Igreja em geral, pelo testemunho activo e solidário que a vida diária destes casais certamente permitirá realizar.

## VISEU 9

*“Os dois primeiros dias do resto das nossas vidas”*

Nos passados dias 26 e 27 de Outubro de 2008 a nossa equipa (Viseu 9), que é composta por seis casais jovens, acrescentou mais uma etapa ao percurso que iniciou no final de 2007 no Movimento das Equipas de Nossa Senhora (ENS). Após a pilotagem fomos convidados a participar no Encontro de Equipas Novas das ENS e aí, aproveitando o clima de oração e de partilha proporcionado, assumimos o compromisso de pertencer às ENS e de aceitar e respeitar o seu método, o qual, queremos partilhar com todas as Equipas do Movimento para que, com a vossa oração, nos continuem a ajudar a Caminhar:

*“Obrigado (a) Senhor por esta caminhada. Uma caminhada recheada de um espírito de alegria, fraternidade, sinceridade.*

*Uma caminhada que nos permitiu comunicar de alegrias e tristezas.*

*Uma caminhada onde o dom recíproco do Amor ganhou muitas forças.*

*Obrigado (a) Senhor pela família que nos destes!*

*Hoje, queremos dar o nosso SIM e comprometemo-nos a ser fiéis ao espírito das Equipas de Nossa Senhora.*

*Pedimos a graça de Maria e de Jesus para que nos continuem a acompanhar nesta etapa que não começa aqui, mas antes que é renovada na presença do amor do nosso Deus.”*

O Encontro foi intenso e recheado de emoções principalmente quando fomos confrontados com o testemunho de vida conjugal do casal Mar-

tinho e Letinha (as lágrimas não enganam ...).

Realçamos, igualmente, as reuniões de equipas mistas que contribuíram para trocar experiências e vivências relacionadas com o método do Movimento tendo aqui ficado demonstrado que este resulta, dada a facilidade com que casais desconhecidos, em poucos minutos, conseguiram uma “estranha” cumplicidade. A prova desta união transpareceu também nas brincadeiras apresentadas pelas diversas equipas mistas no sábado à noite, no momento de convívio que, em pouco tempo e sem grandes meios, conseguiram desenvolver actividades simples mas muito divertidas a avaliar pelas gargalhadas de um público “exigente”, demonstrando que, também no lado artístico, o Movimento denota muita vitalidade.

Por último, mas como os últimos são os primeiros, queremos transmitir aqui um grande reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pela equipa organizadora que esteve sempre presente com um enorme sentido de serviço e de partilha e, de organização, e agradecer ao nosso casal piloto, Luís e Mariana, que sempre nos ajudaram a dar os primeiros passos nesta vida em equipa e ao nosso Conselheiro Espiritual, Padre Miguel, pelos seus bons ensinamentos e amizade.

Em Maria, a Viseu 9 saúda todo o Movimento das ENS.

# ANIVERSÁRIO DOS 40 ANOS

1968-2008



A história do que me lembro:

“Sábado há reunião de equipa. E é cá em casa!”, diziam os meus pais. Essa semana era de grande azáfama para a minha mãe. Ementa: arroz de frango (pelo menos durante um certo período foi assim). Para mim e para a minha irmã era uma festa. Havia sempre miminhos, beijinhos e abraços. “Como vai a nossa jovem?”, dizia o Padre Arménio. Depois, durante a reunião, não podíamos fazer barulho para que os papás e os amigos pudessem falar lá das coisas deles. Para mim era simplesmente um encontro de amigos, de bons amigos dos meus pais. Se os meus pais estão na equipa há 37 anos eu cresci neste ambiente desde os meus 10 anos.

A Equipa nos meus pais:

Não sei como seriam os meus pais se não tivessem pertencido à Equipa.

Tudo o que poderia dizer seria divagação pura. Mas posso falar da minha experiência de ter uns pais como estes. Eu não tenho uns pais vulgares. Os meus pais não são pais comuns. São mais sábios! De uma sabedoria que se ouve, se sente e se toca. Dizem que a sabedoria vem com a idade. Bem, eu tenho 47 anos e não sei se alguma vez vou ter um pouco da sabedoria deles. E sinto que o que eles me têm ensinado é cada vez mais intenso e profundo. Continuo a aprender muito com eles hoje. E, o que mais me espanta é que, depois de eu andar a ser filha deles há quase cinco décadas, ainda há tanta coisa que eles me ensinam. Eu acho que isto é obra. E das grandes!

Um dos últimos exemplos da sua sabedoria aconteceu nos anos da minha filha Rita. A Rita fez 18 anos este mês. E na prenda dos meus pais, estava escrito:

**“Que procure a Felicidade, considerando que:**

- **Nasce quando se coloca o nosso coração no trabalho e na vida, com alegria e entusiasmo;** (Eu costumo dizer aos meus filhos que se apaixonem por aquilo que fazem. Quer seja na escola, na música ou num jogo de basket).

**“Que procure a Felicidade, considerando que:**

- **Não tem receitas ... cada um a cozinha com o tempero da sua preferência ...** (Dito assim pelos meus pais, parece fácil. Depois, quando eu quero aplicar à prática, fico muitas vezes perdida na profusão de caminhos que posso escolher. Para os meus pais, mesmo o que me parece difícil, para eles tem sempre um caminho mais justo).

**“Que procure a Felicidade, considerando que:**

- **A felicidade não é uma pousada no caminho mas uma forma de caminhar durante a vida;** (Tenho observado isto desde sempre nos meus pais. Mais uma memória: quando a mãe da minha mãe morreu eu fiquei muito triste e preocupada com a minha mãe. Esperava encontrá-la devastada e chorosa. Mas o que eu vi foi uma fé imensa em que ela estava bem e que a vida era mesmo assim. E ainda foram os meus pais que me apoiaram nesse momento. Como era possível este tipo de atitude? pensava eu. Não era que a dor que eles sentiam estivesse minimizada, era a forma como a mesma era vivida, era a esperança de quem tem fé!)

**“Que procure a Felicidade, considerando que:**

**Para viver feliz é preciso muito pouco:**

- **um olhar carinhoso ...**

- **um sorriso ...**

- **um beijo ...**

- **a presença de alguém ...**

- **estar de acordo com a consciência.**

(Não acho natural as pessoas exprimirem-se assim. Às vezes lemos este tipo de poesia em certos livros ou nos inúmeros emails que nos enviam. Mas, da boca de alguém, quantas vezes ouvimos estas palavras?)

Assim, acredito que muito, mesmo muito do que os meus pais são, são-no porque viveram a experiência da Equipa durante várias décadas. Penso que a Equipa lhes limou a fé e o sentido da vida com uma forma de Mestre. Com a forma do Amor, da Paz e da Atenção aos Outros. E o que ainda é melhor, os meus pais conseguiram aprender isto e transmitir-me o melhor que tinham.

Obrigada pai, pelo teu exemplo!

Obrigada mãe, pelo teu exemplo!

Não sei se esta é uma carta para um momento como este. Mas a minha irmã, que é quem tem o dom da escrita e de dar atenção a todos, fez o favor de me lembrar que seria importante marcar esta data. E assim aqui estou eu. Feliz por ter estes pais! Orgulhosa por ser sua filha! Continuem sempre iguais ao que me têm mostrado nos meus últimos 47 anos. Fiquem comigo muito mais tempo ainda. Amo-vos!

Um beijinho, Guidinha.

*Parabéns a vocês (à Equipa!...) (27/11/08)*

# ENCONTRO NACIONAL DE RESPONSÁVEIS

HORTÊNCIA E FRANCLIM NETO (PÓVOA 2)

\* Família \*  
\* Igreja \*  
\* Frutos \*



Nos dias 6 e 7 de Dezembro de 2008, realizou-se, em Fátima, o Encontro Nacional de Responsáveis, estando presentes casais oriundos de Portugal Continental e das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, bem como casais de Angola, Moçambique, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe. Registou-se adesão significativa do sector da Póvoa, que contou com a presença de cerca de 12 casais.

A saudação inicial coube ao casal Supra-Regional, Ana e Vasco, que afirmou não bastar o exercício de um cargo de responsabilidade no Movimento; é preciso ser responsável com

espírito de missão e ao serviço de Cristo, pois Ele chamou-nos para dar muito fruto.

De seguida, foi apresentada a estrutura do Encontro, dividido em três painéis: **Família, Igreja, Frutos**.

No painel alusivo à Família, o casal Teresa e Francisco Ribeiro falou convictamente das vicissitudes, dificuldades e mudanças que, nos tempos modernos, se operaram na Família: diminuição do número de casamentos católicos, aumento das uniões de facto e de nascimentos fora do casamento, aumento das situações de monoparentalidade, da taxa de di-



No segundo painel, entrevistaram o Padre Ildo, em representação do Bispo de Mindelo, Cabo Verde, o Bispo de Inhambane (Moçambique), D. Adriano Langa, o Bispo de S. Tomé e Príncipe, D. Manuel António Santos, o Bispo de Beja, D. António Vitalino Dantas e o Bispo emérito de Luanda, D. Guido Scarpa, tendo como principal objectivo

vórcio, diminuição da taxa de natalidade para valores críticos ... Afirmaram sentir-se uma crescente dificuldade na comunicação, na educação dos filhos, enfim, uma suprema dificuldade de viver em família como família. Concluíram que é necessário tomarmos consciência de que o casal cristão é uma grande obra de Deus, sendo sinal do Seu amor e da Sua presença, devendo cada casal comprometer-se a viver Cristo no Casamento.

Neste painel, houve, ainda, a intervenção dos jovens Maria Ferreira e Francisco Mateos (responsável internacional da EJNS), que deram um testemunho vivo e apaixonado da sua pertença ao Movimento, tendo salientado o importante papel desempenhado pelos casais que acompanham as equipas jovens, na medida em que testemunham o amor, a oração e a presença de Cristo nas suas vidas.

dar a conhecer as diferentes realidades da Igreja e do Movimento na Supra-Região.

O Padre Ildo afirmou que há falta de Sacerdotes em Cabo Verde e que o Bispo se assume como um pastor itinerante, próximo das pessoas, tendo como principais preocupações a família e a juventude. Quanto ao Movimento, disse que a equipa inicial fez o compromisso há aproximadamente um ano, havendo mais três equipas em pilotagem. Sentem que devem caminhar lentamente, mas com segurança. Apontou, como principais dificuldades, a dispersão geográfica das comunidades e a quase ausência de meios de comunicação. No entanto, há portas abertas, pessoas motivadas ...

O Bispo de S. Tomé e Príncipe caracterizou a sociedade local, afirmando que há fortes influências da tradição africana que se reflectem na própria

família: poligamia, espiritismo, animismo ... A família é uma realidade complexa, havendo constante mudança de mulher e de marido, surgindo, assim, homens com filhos de várias mulheres. A Igreja insiste na catequese constante sobre a família, sobre a realidade do matrimónio cristão. Os Movimentos da Pastoral Familiar, afirmou, podem contribuir para afastar medos. Há já Equipas de Nossa Senhora.

O Bispo de Inhambane disse que, na sua diocese, o trabalho de evangelização reclama a promoção humana (Inhambane é a diocese mais pobre de Moçambique). A Igreja está envolvida na educação, na saúde e na promoção global das pessoas, através de projectos de desenvolvimento sócio-económico e humano, assistência social ... Trabalha-se insistentemente na preparação de noivos para o matrimónio, na Pastoral da Juventude, na inculturação e no diálogo entre o Evangelho e a cultura local. As ENS são uma nova realidade que entrou já na diocese.

O Bispo de Beja afirmou que a sua diocese era, também, uma terra de missão, pois poucas são as famílias cristãs que aí residem, sendo o homem avesso à Igreja. Há bastantes uniões de facto estáveis. O plano Pastoral trienal tem-se debruçado sobre a família. Têm-se desenvolvido esforços consideráveis para implementar as ENS no litoral alentejano.

Finalmente o Bispo emérito de Luan-da referiu-se às comemorações dos 500 anos de evangelização e à visita

que, por essa altura, o Papa Bento XVI fará a Angola. Historiou, depois, a actual presença da Igreja no ensino, nos hospitais, nas leprosas, nos orfanatos ... Há, ainda, o recurso ao testemunho e acção pastoral dos casais cristãos, verdadeiros casais missionários. Afirmou haver já um número considerável de Equipas de Nossa Senhora que são acompanhadas por 48 conselheiros espirituais.

No último painel, **Frutos**, interveio o Padre Carlos Carneiro. Começou por afirmar que, hoje, vivemos num mundo e numa Igreja não feitos e que a fé não é resposta, doutrina, mas antes uma pergunta constante sobre o mistério de Deus. E questionou: como poderíamos pensar em frutos sem conhecer a árvore? No entanto, afirmou, a árvore avalia-se pela raiz, pois pode não dar frutos, mas estará viva se a raiz a alimentar.

A Igreja convida-nos a reviver a vida a partir de um Deus novo, um Deus que não é uma relação de necessidade, uma relação comercial em que se reza para pedir ... Deus é fruto de uma opção amorosa. É pobre e gratuito, revelando-nos uma surpresa: Deus é uma família, porque, se assim não fosse, nunca o casamento poderia ser matrimónio, sinal ... É preciso viver Deus numa relação de *liberdade* e não de *dever*. A missão da família é a de Cristo. Já não sou só homem ou mulher, sou marido ou esposa, pai ou mãe, filho... Como é que Deus quer que eu seja pai, marido? ... Testemunho-Encontro Nacional Responsáveis 2008? A resposta não está em

cada um de nós. Está no outro. Isto obriga a um constante diálogo interior: que tipo de família queres que seja a nossa, como é que a minha família se pode definir como família cristã, sem excluir os outros, qual é a nossa missão?

A família deve transfigurar-se para que as outras famílias se encontrem. As nossas crises de fé não podem ser crises de esperança, de medo ... A missão da fé é gerar esperança, é perceber que a concretização dos meus anseios depende de mim. Deus

nunca anda longe. Nós é que temos de O encontrar. A missão dos cristãos é também uma missão de caridade e a sua alegria depende do bom **tempo** interior.

Definiu, por último, que é em S. José que temos de encontrar o cimento para a estabilidade.

O Encontro terminou com o envio e com a certeza adquirida de que Cristo nos chama permanentemente para a acção, não sendo permitido ficar inactivo.

## BISPOS DE 5 PAÍSES

### NO ENCONTRO DAS EQUIPAS

ANA E VASCO



O que queremos realçar hoje é um acontecimento muito especial e único que seria notícia em qualquer jornal, mesmo nos de maior circulação: sete representantes máximos de uma organização, vindos de cinco países diferentes, para se reunirem num lugar para partilhar as suas experiências com membros da sua organização. É um acontecimento que, sobretudo sendo a primeira vez que ocorre, não passaria concerteza despercebido.

No entanto passou mesmo despercebido nos jornais. Porquê? Será porque a organização a que nos referimos é a Igreja Católica e por estarmos no século XXI?

Pois bem, é este mesmo o facto que queremos destacar pelo simbolismo que representa para o Movimento e para todos os Equipistas não só de Portugal, mas também de Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe e Cabo Verde: termos tido o privilégio de ter connosco no Encontro Nacional de Responsáveis de 2008 (Dezembro), participando num painel e demonstrando a sua solidariedade e apoio pessoal e institucional o Senhor Bispo de Beja, D. António Vitalino Dantas, o Senhor Bispo Emérito de Luanda (Angola), D. Guido Scarpa, o Senhor Bispo de Inhambane (Moçambique), D. Adriano Langa e o Senhor Bispo de S. Tomé e Príncipe,

D. Manuel António Santos. O Senhor Bispo de Mindelo (Cabo Verde), D. Arlindo Gomes Furtado, fez-se representar pelo Senhor Padre Ildo Fortes.

Esteve ainda presente o, sempre presente, Senhor D. Serafim, Bispo Emérito de Leiria-Fátima, em representação da Comissão Episcopal Lai-

cado e Família. O presidente desta comissão, o Senhor Bispo do Funchal, D. António Carrilho, fez questão de nos enviar uma mensagem de estímulo manifestando o seu apoio. A sua mensagem foi comunicada a todos logo no início do Encontro.

Para darmos muito fruto, que era o tema geral do Encontro, também



temos de saber onde estamos, temos de conhecer o terreno. Por isso no Pannel II do Encontro – IGREJA – em que os oradores foram os senhores bispos e em que tivemos uma moderação de peso, o nosso Conselheiro Espiritual, Senhor Cónego António

Janela, acompanhado pelo Casal Responsável pela Província África, Lai e Fernando Marques, ficámos a conhecer melhor as diferentes realidades da Igreja nos diferentes países que compõem a Supra-Região. As comunicações dos Senhores Bispos apre-

sentaram-nos o caminho percorrido nas suas dioceses e a forma como o Movimento os tem ajudado e pode continuar a ajudar na sua acção pastoral, mostrando muito especialmente como as ENS podem ser impulsionadoras da pastoral familiar e da promoção do matrimónio.

O Movimento, ou seja os casais, também ficou mais rico com este apoio efectivo dos Bispos. Com o apoio da Igreja o Movimento cresce mais e este crescimento traduz-se no acolhimento de mais casais, que passam a beneficiar com a sua integração.

Por tudo isto não podemos deixar passar sem uma referência este momento único agradecendo em nome de todos os casais do Movimento este grande sinal de apoio, que inclui um desafio de entreatajuda e de expansão, que as Igrejas destes países unidos pela língua e pela ligação à SR Portugal nos trouxeram.

MUITO OBRIGADO Senhores Bispos D. António Vitalino Dantas, D. Guido Scarpa, D. Adriano Langa, D. Manuel António Santos, D. Arlindo Gomes Furtado, D. Serafim, D. António Carrilho e Sr. Padre Ildo.



## SAUDAÇÕES

BISPO DE MOÇAMBIQUE

Saudações e votos de todo o Bem no Senhor.

Agradeço e acuso a recepção da sua mensagem electrónica e as fotos!

A minha viagem de regresso para Moçambique correu bastante bem e retomei o ritmo normal da vida. Ainda não o vi, mas sei que o casal Rangel também viajou e chegou bem.

Quero em meu nome pessoal, do casal Rangel e de todos os casais das Equipas de Nossa Senhora da nossa Diocese, exprimir um sincero agradecimento pela experiência que nos proporcionastes e que, certamente, muito vai contar para o desenvolvimento do Movimento das Equipas de casais na nossa Diocese.

Sem mais assuntos, peço para serdes o intérprete das nossas saudações a todos os irmãos daí desse lado. Termino renovando os votos iniciais de Paz e todo o Bem no Senhor.

Em Cristo: +*Adriano Langa*



# CASAL RESPONSÁVEL DE EQUIPA

CASAL NEVES

## O QUE É SER RESPONSÁVEL?

Em primeiro lugar é interiorizar que a responsabilidade é dos dois, agindo sempre em conformidade com a metodologia que o Movimento propõe.

As responsabilidades do casal são:

- Animação;
- Ligação;
- Organização.

**Animação** é dar alma à equipa, ou seja, “*o casal do leme*”, “*o farol da equipa*”.

**Ligação** – o Casal Responsável tem a obrigação de manter a sua equipa em contacto com o Movimento, através do casal de sector que liga a equipa. É importante porque é o elo de comunicação entre a Equipa e o Movimento, fazendo circular a informação nos dois sentidos.

Deve ter em atenção o seguinte:

- Assumirem a responsabilidade quando solicitada.
- Participarem nas actividades propostas.
- Rezarem diariamente o Magnificat (oração das Equipas)
- Contribuírem pontualmente com a quotização. Esta é pedida pelo Movimento e é equivalente a um dia de rendimento do casal. Serve para as-

segurar a vida material do Movimento e a expandir-se pelo Mundo.

**Organização** – o casal responsável de equipa tem a seu cargo o seguinte:

- Organizar a vida da equipa no decurso do ano. Marcação e preparação das reuniões, contactos durante o mês, etc. “Estar alerta para servir”.
- Transmitir aos outros casais da equipa convites, solicitações do Sector da Região, tendo presente o calendário das Actividades do Ano (recomendamos que este esteja na vossa mesinha de cabeceira).
- Regularmente informar o sector e Secretariado do Movimento as informações administrativas e especialmente manter actualizada a ficha da sua equipa.
- Reunir as quotizações dos casais da equipa e envia-las para o Sector.
- Cumprir os momentos da reunião.
- Ter atenção ao tempo que demora a reunião.

## COMO AGIR?

Em espírito de missão, respondendo ao apelo do Senhor.

Colocando-se ao serviço dos seus irmãos e conseqüentemente da Igreja.

Isto implica:

- Muito amor – cumprindo o 1.º mandamento da Lei de Deus
- Humildade e total disponibilidade para que o Senhor possa agir por Ele e através Dele (como São Paulo nos recorda).
- Disponibilidade Ficando assim, em segundo plano algumas das nossas prioridades, para nos dedicar em tempo à equipa e algumas despesas.
- Reuniões, Retiros, Formação e outras Actividades.

## CONCLUSÃO

Ser Casal Responsável de Equipa não deve ser encarado como uma tarefa,

mas, como uma missão que deve passar por todos os casais de forma a fazermos crescer e avançar sem medos.

Façamos hoje pela equipa, o que outros já outrora fizeram por nós.

O casal responsável deve usar a sua autoridade fraterna.

Não podemos terminar sem sublinhar que não poderá haver equipa sem lealdade ao responsável da equipa, uma vez escolhido é preciso dar-lhe oportunidades, aceitar as suas autoridades e suas directivas.

É preciso termos o sentido de equipa, orgulho de lhe pertencer e um espírito de entreajuda, contribuindo para o bem comum na comunidade em que estamos inseridos, cumprindo a Vontade de Deus.

# REGIÃO CASCAIS-OEIRAS

Jornadas 2008

CATARINA E FERNANDO GUEDES (CARCAVELOS 12)

Realizaram-se no passado dia 22 de Junho as Jornadas da Região Cascais-Oeiras, um encontro de convívio e de acção de graças pelo ano de actividades que agora termina, que reuniu cerca de 180 pessoas (das quais perto de 50 eram crianças).

Para estas Jornadas foi proposto irmos em Região conhecer um Santuário Mariano dos primórdios da Nacionalidade, o Mosteiro de Alcobaça e começaram a ser preparadas em Março quer pela organização que esteve a cargo do nosso Casal Regional e dos Sectores Cascais B e Oeiras

Bem como por todos os casais da Região que foram recebendo através dos Boletins dos Sectores textos sobre “A Igreja faz-se Peregrina”, “S. Bernardo e os Monjes Brancos” e “Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça”.

O dia iniciou-se bem cedo com a partida (em autocarros e carros particulares) rumo a Alcobaça. Pelo caminho rezámos o Terço e fomos confraternizando.

Ao chegarmos a Alcobaça dirigimo-nos ao Mosteiro onde nos esperavam várias guias turísticas que nos

acompanharam na visita a este monumento tão bonito e imponente.

Ficámos assim a conhecer alguns pormenores da história de D. Pedro e de D. Inês de Castro e através da visita das diferentes salas do Mosteiro pudemos aprender um pouco mais sobre os hábitos dos Monges Beneditinos que aqui habitavam.

No final da visita fomos brindados com um pequeno concerto de canto lírico que nos encheu a alma.

Seguimos para o local do almoço, onde depois de um repasto maravilhoso, cada sector da região fez uma

Os sectores estão todos de parabéns pois demonstraram enorme empenho e criatividade. Houve música, teatro, jogos cénicos. Foi sem dúvida um momento alto do nosso encontro.

Para terminarmos da melhor forma as nossas Jornadas realizou-se novamente no Mosteiro de Alcobaça uma celebração Eucarística, presidida pelo Conselheiro Regional Padre Armindo Vaz, que nos acompanhou, incansavelmente, ao longo de todo o dia.

Não poderíamos ter encerrado melhor o nosso dia. A celebração foi um momento privilegiado de comunhão de todos os casais da Região, de Acção de Graças por mais um ano de caminhada em Casal, Equipa, Sector e Região. Foi também um novo fôlego para nos acompanhar durante os meses de férias até nos reencontrarmos para um novo ano.

No regresso, já nos autocarros houve oportunidade para testar a atenção que as famílias prestaram às informações disponibilizadas pelas guias, através do preenchimento de um questionário. O

prémio para o maior número de respostas certas era a organização integral das próximas jornadas!!!

Com a graça de Maria, Nossa Mãe terminámos este dia maravilhoso, que irá de certeza ficar nas nossas memórias.

breve apresentação, a partir de temas previamente distribuídos.

Os temas escolhidos para as apresentações foram: as quatro virtudes cardinais: Fortaleza, Temperança, Justiça e Prudência, São Bernardo de Claraval e S. Bento.





MARIA CUNHA FERREIRA

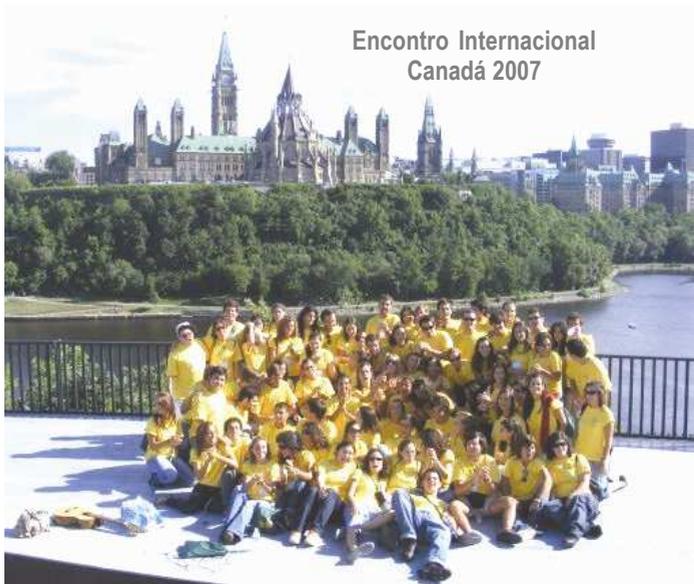
Encontro Internacional  
Canadá 2007

### **Caros casais,**

As Equipas de Jovens de Nossa Senhora celebram, de dois em dois anos, o seu Encontro Internacional, o qual reúne jovens de todos os países onde existem equipas: Portugal, Espanha, França, Itália, Síria, Líbano, Angola, Moçambique, Brasil, Costa Rica, Canadá e Estados Unidos. Este ano o Encontro será em Roma, de 24 a 31 de Julho.

Porque os casais fazem parte integrante do nosso Movimento, vimos dar a conhecer este importante acontecimento e ao mesmo tempo convidar todos os casais assistentes das E.J.N.S. a estarem presentes! Geralmente, além do casal assistente do secretariado nacional – que tivemos o privilégio de ser português nos últimos anos, é frequente estarem presentes casais de vários países, que aproveitam para partilhar e trocar experiências entre si, para conhecer a realidade dos jovens de outros países e, sobretudo, para acompanhar os seus jovens!

Aproveitamos também para dar a conhecer a nossa vontade de expandir o Movimento: neste momento, para além dos sectores de Lisboa,



Cascais, Santarém, Porto e Madeira, há equipas a funcionarem nos Açores (Angra), no Fundão, em Viana do Castelo e em Almeirim. Muitas vezes não conseguimos dar todo o apoio que gostaríamos às equipas das regiões em expansão e sabemos o papel fundamental que o casal tem ao longo de todo o percurso da equipa no exemplo, na motivação, na exigência, no incentivo, no acolhimento, na disponibilidade, no 'fazer família em Cristo'! Por tudo isto, mais uma vez lembramos às ENS, que tanto nos têm ajudado e com quem tanto temos aprendido e crescido, que os casais que gostassem de formar uma equipa, ou que já acompanhem um grupo de jovens, ou que saibam que na sua região (Continente e Ilhas!) há grupos de jovens interessados em formar uma equipa nos ajudem a ir ao seu encontro, entrando em contacto connosco.

Termino como começaremos o nosso Encontro, celebrando a canonização do Beato Nuno de Santa Maria, com um lema de S. Paulo a Timóteo (2 Tim 4, 7): ‘combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a minha fé’. Contamos convosco para

crescer na fé, combatendo o bom combate!

**CONTACTOS:**

**www.ejns.net**  
**www.ejns.blogspot.com**  
**responsavelnacional@ejns.net**

Gostavam de acompanhar uma Equipa de Jovens? Têm um grupo de jovens ou conhecem jovens que gostassem de iniciar uma equipa? Contactem-nos através do e-mail: **responsavelnacional@ejns.net**

## MENSAGEM DE FIM DE ANO



É com alegria, fé e confiança que saudamos as equipas de jovens de distintas regiões, que com amor, carinho e força de orações têm expandido e unindo este carismático movimento.

Vemos neste carismático movimento jovens, casais e assistentes espirituais que abraçam as ENS como sua grande família, e decidiram responder positivamente aos seus objectivos e metodologia.

Na criação das ENS, Padre Henri Caffarel, desejava realizar reuniões que, com inteligência reflectissem e avaliassem as principais preocupações nas vidas dos casais e posteriormente as dos jovens, e que fizessem o seu enquadramento no âmbito da igreja e na sociedade de uma forma a encontrar possíveis soluções na vida conjugal.

Queríamos também que as EJNS fossem um veículo defensor incon-

tornável na luta contra o HIV-SIDA, Drogas, e Delinquência Juvenil.

Temos estado a passar por situações difíceis, mais, jamais perdemos de vista os valores fundamentais e os objectivos do movimento que a Igreja recomenda.

A nossa experiência em reunir e caminhar com os casais é gratificante. Os resultados estão aí, e encorajam-nos a prosseguir.

As exigências têm estado a crescer consideravelmente e as tarefas irão duplicar.

Brindemos, caros equipistas o final de ano, à prosperidade do nosso carismático movimento e que se mantenha aceso o espírito de união e solidariedade por todos demonstrado.

Paz e bem, e que a esperança se mantenha acesa nos nossos corações

*Luanda, 30 de Dezembro de 2008.*

# MÁRIO JOSÉ TEIXEIRA PEREIRA

---

*Cabeceiras de Basto 24-11-1963*

*Covilhã 9-11-2008*

---

Partiu para o Pai, no passado dia 9-11-2008, dia dedicado á Igreja Universal, o nosso querido amigo Mário.

Foi com consternação que recebemos a notícia no domingo á noite, embora de certa forma, ela já fosse aguardada, dado o impiedoso avançar da doença.

Todos ficámos mais pobres com a sua partida, já que ele foi sempre um exemplo por onde passou.

Deixou a sua marca indelével como professor na Universidade da Beira Interior (Covilhã), como bombeiro em Cabeceiras de Basto, na Direcção da Casa do Menino Jesus, na Pastoral Paroquial (catequese e grupo de jovens), Pastoral Universitária e Banco Alimentar.

Tendo-se radicado na Covilhã por motivos profissionais, o Mário e a Né entraram para as ENS, através da Covilhã 8 em 1992.

Desempenharam vários serviços tais como Casal Responsável de Equipa, Casal Piloto e Casal de Ligação e do Sector da Covilhã.

O funeral do Mário realizado na terça-feira, dia de S. Martinho, traduziu-se numa manifestação de profundo pesar por parte de todos os familiares e amigos.

Tendo-se dedicado desde muito novo a grandes causas sociais e humanitárias, verificou-se uma grande diversidade nas pessoas e instituições que lhe quiseram prestar uma última homenagem.

O Mário deixou sem dúvida a sua marca assente numa personalidade sólida, baseada em elevados princípios éticos e morais e sobretudo familiares.

Até Sempre.

# Encontro Internacional

## RESPONSÁVEIS REGIONAIS

*Restor do Movimento*

DONZÍLIA E FELISBERTO EIRA NETO (RP NORTE)

24 a 29-JAN-2009

Decorreu em Roma, de 24 a 29 de Janeiro, no Instituto Madonna del Carmine il "CARMELO", o 2.º Encontro Internacional de Responsáveis Regionais, o qual registou a participação de cerca de 150 casais e alguns CE provenientes dos 5 Continentes. Da Supra-Região de Portugal participaram: o Casal Responsável da SR, o CE da SR, os RP Norte, Centro e Sul e Ilhas, e os RR Norte, Douro Sul, Centro Litoral, Centro Interior, Oeste, Cascais-Oeiras, Tejo Sul, Algarve, Açores, Madeira, Angola e Moçambique.

Este Encontro realiza-se de seis em seis anos, tendo o anterior decorrido também em Roma de 18 a 23 de Janeiro de 2003.

Embarcámos no dia 24, uns no Porto e outros em Lisboa, e encontrámo-nos no aeroporto de Fiumicino. Éramos aguardados por uns simpáticos equipistas que nos conduziram ao autocarro em que seguimos para a Casa de Acolhimento. Ali fomos acolhidos com muita simplicidade e familiaridade. Unidos pelo mesmo espírito, sentimo-nos todos membros

de uma grande família: as ENS. Parecíamos todos conhecidos de longa data. A Ana e Vasco Varela e a Isabel e Paulo Amaral, que ali estavam há



já alguns dias a participar no Colégio da ERI, orientaram-nos nos primeiros passos, facilitando a ambientação.

Tendo por almoço algumas bolachas com que quase todos se tinham precavido, tratámos de nos instalar e preparar para a abertura do Encontro que estava prestes a processar-se.

Por uma análise rápida do programa logo nos demos conta da sua exigência: tempo muito preenchido com pequenos intervalos. Nem nos dáva-

mos conta do mau tempo que se fazia sentir no exterior.

Os sorrisos entre os participantes eram muitas vezes a forma de comunicação, dada a divergência de línguas, mas a mensagem era captada mesmo sem palavras

Foram quatro dias de “clausura”, de muita vivência espiritual e humana. A reflexão e recolhimento proporcionados pelas Orações da Manhã, a vida transmitida pelas Eucaristias, a riqueza de conteúdo das Comunicações (facilitada pela tradução simultânea nas diversas línguas), a partilha e participação nos Carrefours (reuniões mistas), a relação humana entre todos, o insubstituível prato de “massa” em todas as refeições, proporcionavam um ambiente de bem-estar atenuando o cansaço que às vezes era evidente.

Mesmo sem referirmos o seu conteúdo, damos nota do tema das conferências:

“Eu cuidarei sempre de ti” e “Página Branca” por Carla e Carlo Volpini, “O Serviço nas ENS” – por Tó e Zé Moura Soares, Silvia e Chico Pontes, Maru e Paco Nemésio, Jan e Peter Ralton, “O Movimento nos últimos anos, segundo suas orientações” por Constanza e Alberto Albarado, “Viver como cristãos num mundo islâmico” por Mons. M. Michael Fitzgerald, “Para onde vão as ENS” por Padre Angelo Epis, “A presença do Padre Caffarel” por Padre Marcovits, “Chamados a construir a Civilização do Amor” por Bartolomeo Sorge SJ.

O dia 28 foi de “arejamento”. Valeu o “bom comportamento” nos dias anteriores para sermos compensados por um dia de sol. Na parte da manhã, participámos na audiência do Papa Bento XVI ao elevado número de grupos de peregrinos, provenientes dos mais variados países, que enchiam por completo o espaço a isso destinado. Viviam-se simultaneamente um ambiente de festa e de espiritualidade. Todos munidos de lenços brancos, cantamos em coro o Ecce Fiat e o Magnificat quando o Santo Padre se dirigiu às ENS.

No final, o Papa Bento XVI aproximou-se dos peregrinos e contactou com os que estavam mais próximos, tendo saudado pessoalmente o Casal Responsável da ERI, Carla e Carlo Volpini.

Em 2003 o Papa João Paulo II recebeu os equipistas na sua residência privada tendo dirigido palavras de muito apreço às ENS, deixando uma mensagem-apelo que teve, e continua a ter, uma forte repercussão no Movimento.

No dia 29, depois do programa normal da manhã, foi celebrada a Eucaristia de Encerramento, presidida pelo Padre Federico Lombardi, podendo dizer-se que o Encontro fechou com chave de ouro.

O Tema do Encontro foi: **“Eu estou no meio de vós como aquele que serve”** (Lc 22, 27).

Foi essa a mensagem que se procurou transmitir logo na Eucaristia do 1.º dia, presidida pelo Cardeal Tarcis-

sio Bertone, Secretário de Estado de Sua Santidade, através da comovente cerimónia do lava-pés pelo CR da ERI, Carla e Carlo Volpini, ao casal mais novo ali presente, Isabel e Paulo Amaral. Foi um gesto pleno de significado.

Estava, assim, dada a tónica do Encontro e definido o sentido de “serviço” e “missão”: «O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão.» (Mt 20, 28); “Meu filho, se entrares para o serviço de Deus, prepara a tua alma para a provação.” (Ben Sira 2, 1)

Foi com este espírito, e sem nos afastarmos do carisma fundador, que procurámos, ao longo destes dias, **reflectir o passado, analisar o presente e apresentar propostas de futuro**, em ordem à preparação do Encontro Internacional de 2012.

Foi uma auscultação “às bases” para se conhecerem as vivências, as perspectivas e os anseios do Movimento nas diversas zonas.

O Padre Caffarel foi uma figura presente em todos os momentos. Era a preocupação de saciar a sede na água da fonte, redescobrir os projectos do fundador, fazer a sua leitura segundo os sinais e as exigências do nosso tempo, e nele procurar inspiração.

Dizia o Padre Caffarel num dos últimos editoriais, citado por Jean Allemand, e já em vésperas de deixar de ser CE: “Ainda falta levar a cabo um grande esforço de oração, de reflexão e de transformação com uma vontade indomável de descobrir a vontade

de Deus para o Movimento e a sua missão, **na fidelidade à graça das origens** e a inteligência das necessidades dos tempos”.

Igual sentido tinham as palavras extraídas de um discurso por ele proferido em 05 de Maio de 1970, mas plenamente actuais ao fim de 39 anos: “O que é necessário para as pessoas e para os casais é-o também para as instituições. Estas devem também reflectir sobre a sua “vocação”, a fim de saberem o que é necessário corrigir ou renovar. [...] A sua vocação deve ser definida não só em relação às necessidades dos casais mas também em função das grandes exigências do mundo contemporâneo”.

As ENS têm seguido “um processo de elaboração dinâmico e progressivo”. Os seus Responsáveis, conscientes de terem sido enviados por Cristo, têm sabido escutar a Sua voz, tornando-se atentos às evolutivas necessidades das famílias e às alterações no ambiente e cultura sociais.

Durante muitos anos o Movimento esteve voltado para si mesmo, para os seus membros, ajudando-os no seu percurso de santidade através do Sacramento do Matrimónio. O testemunho era uma consequência natural dessa vivência. Mas gradualmente foi-se abrindo aos outros, à Igreja, ao mundo. “A vida cristã integral não é apenas adoração, louvor, ascese, esforço de vida interior. É também serviço de Deus no lugar que Ele indicou: família, profissão ...” (Padre Caffarel – Junho de 1950). “As Equipas têm um objectivo específico directo: ajudarem os casais a vive-

rem plenamente o seu Sacramento do Matrimónio. Têm – simultaneamente - um objectivo missionário: anunciar ao mundo, pela Palavra e pelo Testemunho de vida, os valores do Matrimónio cristão” (O Segundo Fôlego, 1987).

E podemos ler ainda no Segundo Fôlego, no ponto 4.2: “Diz-se muitas vezes que as ENS constituem um Movimento de casais activos e não de acção ...” – “cada casal será missionário no sítio onde se encontra e segundo as suas escolhas pessoais”.

Cristo precisa de nós e pede a nossa colaboração nos mais variados campos, especialmente da Pastoral Familiar. É imperioso testemunhar a felicidade do nosso casamento e a força do amor em casal e em família.

Porque havemos de andar a reboque da sociedade em vez de nos demarcarmos pela discriminação positiva? Porque é que não conseguimos passar a nossa mensagem de casais cris-

tãos? Onde está a dificuldade: em nós ou na sociedade?

Temos um vasto campo de acção sem nos afastarmos da fidelidade aos princípios fundadores

Tal como em 1987, também hoje podemos deixar a pergunta: “Em que domínios vamos fazer incidir os nossos esforços nos próximos anos???”.

Depois destes dias de intenso trabalho, mas de muita vivência interior e de formação, resta-nos rezar para que o Senhor ilumine a todos, e em especial aqueles que mais directamente têm a responsabilidade de traçar linhas de orientação, para que, o muito que foi vivido e reflectido, possa vir a dar frutos abundantes neste mundo tão carente de Deus.

Que o Padre Caffarel, em cuja canonização estamos todos empenhados, e os casais que com ele iniciaram a caminhada de santificação do amor do casal, intercedam pelo Movimento que fundaram.

## 2.º Encontro RESPONSÁVEIS REGIONAIS

MARIA VALENTINA E ANTÓNIO NASCIMENTO

Será impossível descrever com exactidão o que foi e o que representou para cada um dos cerca de trezentos participantes e para o Movimento das Equipas de Nossa Senhora, este EIRR ...

Quer a organização, quer o conteúdo das diversas conferências, quer a es-



piritualidade experimentada por todos e cada de nós, foi algo de indizível ... Ultrapassou no entender dos

mais experimentados todas as previsões no que respeita a número, interesse dos participantes e resultados imediatos e cremos que futuros ...

A EUCARISTIA DE ABERTURA no dia 24/JAN, sábado, foi presidida pelo Cardeal Tarcísio Bertone, Secretário de Estado do Vaticano ... Cada casal foi junto do altar afixar num grande “placard” ali colocado para o efeito, um postal da cidade onde residia ... Também, todos nós, tínhamos levado um pequeno saco com terra da sua Região, que foram levados ao altar, por ocasião do ofertório, pelo nosso casal SR Ana e Vasco Varela ...

À noite, depois do jantar, tivemos a abertura e a apresentação do Encontro ...

Começando pela designação atribuída ao Encontro, a frase evangélica, **“EU ESTOU NO MEIO DE VÓS COMO AQUELE QUE SERVE”** - **Lc.22.27** - foi este, de facto, o mote e o espírito que se viveu estes dias - que foi muito bem simbolizado pelo casal RI, Maria Carla e Carlo Volpini, que lavou os pés ao casal mais novo, no caso a Isabel e o Paulo Amaral, os RR Cascais-Oeiras ...

Um pormenor inovador e muito interessante quanto a nós ... Na sequência do que acima referimos, foi colocado em lugar de destaque um grande painel branco ... onde os diversos casais SR colocaram um auto-colante de pequenas dimensões que, completado este “puzzle” apareceu a “Última Ceia”, naquele momento em que Jesus lava os pés aos seus discípulos ...

As actividades diárias começavam com a oração da manhã, sempre muito profundas e bem estruturadas e tivemos todos os dias a Celebração Eucarística. Ao fim do dia de trabalho, 23H00, tínhamos a oração da noite encerrando com o “MAGNIFICAT” ... E cafezinho ou cházinho para ajudar a conciliar o sono ...

Ao longo do dia decorriam as conferências/comunicações todas elas de muita qualidade e actualidade, algumas voltadas para o momento difícil que a generalidade dos países atravessa e que se reflecte, negativamente, no dia a dia dos cidadãos e qual a resposta que as ENS podem e devem dar para resolver ou pelo menos atenuar os seus múltiplos problemas...

De referir que tivemos sempre a tradução simultânea de todas as conferências e comunicações, em quatro línguas ... Português, Francês, Inglês e Italiano ... De salientar ainda a eficiente organização e o cumprimento rigoroso dos tempos e horários...

Os assuntos tratados nas conferências e comunicações eram levados para as encruzilhadas e aí debatidos pelos casais...

O nosso grupo de encruzilhada era muito heterogéneo ... Constituído por sete casais de idades e proveniências muito diversas ... Dois espanhóis, um colombiano, dois portugueses, um açor-brasileiro - ele oriundo da Terceira, mas nascido no Brasil ela natural da Fajã de Cima que vivem na Califórnia - e dois brasileiros um dos quais o SR do Brasil, que com a cola-

boração de um espanhol ia compilando as ideias, opiniões e testemunhos transmitidas pelo grupo para mais tarde as fazer chegar à ERI ... É de referir o óptimo entendimento entre todos e que as dificuldades linguísticas quase se não notaram, uma vez que no grupo havia pessoas que falavam o português e o espanhol e resolviam um ou outro problema de entendimento... Eram todos de uma grande simpatia e acolhimento fraterno ... O casal coordenador - SR do Brasil - Graça e Roberto Rocha, era de uma simplicidade, humildade e eficiência impressionantes ...

A primeira conferência - domingo - foi do CRI, os Volpini - *"Eu cuidarei sempre de ti"* - (IS 49,15)... Excelente comunicação, muito bem estruturada e fundamentada ...

Da parte da tarde o casal português - Tó e Zé Moura Soares, responsável pelas EQUIPAS SATÉLITE - apresentou e desenvolveu o tema *"O serviço das ENS"* - **FORMAÇÃO e SERVIÇO...**

Este mesmo tema foi complementado com intervenções dos quatro casais da ERI- que falaram sobre *"Papel e Tarefas do Casal Responsável Regional"* - *"O exercício da Responsabilidade e da Colegialidade"* - *"Os Conselheiros Espirituais e nós"* e *"Servir é Escutar e Amar"* ... Belíssimos trabalhos ...

Na 2.<sup>a</sup> feira tivemos a conferência do casal colombiano Constanza e Alberto Alvarado, da anterior ERI que dissertaram sobre a *"História e Orientações do Movimento nos Últimos Anos"* ...

Uma comunicação notável com um pormenor relevante... A Constanza tinha sido recentemente submetida a uma melindrosa intervenção cirúrgica e ainda não lhe tinham sido retirados os pontos, tendo viajado da Colômbia para apresentarem o seu trabalho, regressando de imediato ...

De tarde dois testemunhos ... Um de Monsenhor Michael Fitzgerald - *"Viver como Cristãos no meio de muçulmanos"*, e outro do casal Sónia e Michel Jeangey - *"Testemunho de uma vida quotidiana"* ... Experiências extremamente interessantes ...

Ao fim da tarde da tarde apresentação da ERI, das ZONAS e das EQUIPAS SATÉLITES...

Na 3.<sup>a</sup> feira, intervenção do Padre Ângelo Epis, CE da ERI sobre o tema *"Para onde vão as Equipas de Nossa Senhora"* ... Uma comunicação absolutamente do outro mundo ... Incrível, o que disse e a forma com que o fez ... Colocou todos os casais a fazer o "dever de se sentar", mas de pé e os CEs a cantar, tudo isto num minuto ... Temos de rezar muito por ele pois o seu estado de saúde é bastante preocupante ... Pensamos que deste facto não é dado um conhecimento mais alargado ao Movimento, por vontade expressa dele ...

A seguir tivemos uma outra comunicação dos Volpini a *"Página Branca do Encontro Internacional das ENS 2012"*, em que todos esperavam alguma revelação sobre o seu *"como, onde e quando"* ... Página mesmo em branco ... Ficamos todos na mesma expectativa ... Só a partir de agora e

nos próximos meses, na sequência e em consequência dos temas apresentados e das ideias e sugestões apuradas neste Encontro é que a ERI, ouvindo o Colégio Internacional - composto por todos os SR do Mundo - vai tomar as decisões, sobre os TEMAS, DATAS e LOCAL do tão esperado EIENS de 2012 ...

Parece que grande parte dos RR, P e SR opina para que seja no Brasil, sugerindo-se, para o efeito, o mês de Julho.

Tivemos ainda, nessa tarde, uma intervenção do Padre Paul-Dominique Marcovits que nos falou da “Presença do Padre Caffarel” ... Ele próprio é o Postulador da Causa do Padre Henri Caffarel com vista à sua Beatificação e, se Deus quiser, à sua canonização ... Pediu muita oração e o seguimento dos seus ensinamentos ...

Na 4.<sup>a</sup> feira, dia passado fora dos “muros dos conventuais”, tivemos a audiência geral com SS Bento XVI ... Foi realmente um momento alto para todos e cada um de nós ... Estavam presentes muitos outros grupos de diferentes países, na Sala Paulo VI, ... O Papa referiu-se a todos os grupos ali representados e quando chegou a nossa vez cantamos o “Magnificat”, acenando com um lenço branco com o logótipo das ENS que nos fora distribuído ... Foi muito comovente e marcante ... No fim da audiência o Papa desceu a escadaria e veio cumprimentar algumas pessoas, entre as quais o casal Volpini e os Padres Ângelo Epis e Paul Marcovits em representação das ENS ...

A seguir tivemos um almoço aligeirado, a que alcunharam de “pic-nic”, distribuído pela organização... Durante toda a tarde passeamos por Roma uma vez de autocarro, outras a pé, sempre acompanhados por uma guia que falava correctamente o português, tendo-se visitado vários Palácios, Museus, Catedrais e algumas ruínas da Roma Antiga ... No fim do dia tivemos o jantar “self-service” que, segundo afirmaram, terá sido oferecido pelo Presidente da Câmara de Roma, excelentemente servido quer em quantidade quer em qualidade, acompanhado com bons vinhos italianos ...

A seguir, obsequiaram-nos com um concerto de música clássica na Basílica dos Doze Apóstolos, terminando com a oração da noite e o regresso ao “Convento” que dista cerca de 25 Kms de Roma ...

Na 5.<sup>a</sup> feira, último dia do Encontro, tivemos a última comunicação pelo Padre Jesuíta Bartolomeo Sorge, numa extraordinária intervenção cujo tema foi “*Chamados a Construir a CIVILIZAÇÃO DO AMOR*” ... Lindíssimo ... Foi entusiasticamente aplaudido de pé por longos minutos ... E ele na sua humildade e simplicidade quase “desaparecia” ... Um documento a fixar ...

Logo depois tivemos o “FORUM” onde foram colocadas e respondidas questões de muito interesse para o Movimento das Equipas de Nossa Senhora ...

Por fim tivemos a EUCARISTIA DE ENCERRAMENTO, presidida pelo Padre Federico Lombardi ...

Depois do almoço foi a despedida e partida ...

Deixamos para o fim para falarmos da logística ... O edifício, enorme de vários pisos, construção não muito recente, muito simples e sóbrio mas funcional... Os quartos modestíssimos, mas muito limpos ... Os intermináveis corredores e imensas escadarias obrigavam-nos a fazer um exercício físico diário, muito considerável ... Construído num enorme espaço de terrenos cultivados - pinheiros, árvores de fruta diversa - entre as quais a vinha ... O vinho que se bebia - disseram - era ali produzido ... Um ambiente que convidava à reflexão e à interiorização ... Uma proximidade, quase palpável, da transcendência ... E era para esse encontro com DEUS e com os irmãos que ali estávamos ...

Quanto à alimentação para quem gostava de “pasta”- tínhamos de gostar não havia outra escolha - safa-se bem ... Quem não apreciava, aprendeu a comer os manjares italianos ... Mesmo comendo muita “pasta” não deu para engordar ... Mas não nos podemos queixar ... O vinho era muito razoável ... A fruta, muito fresquinha, era abundante e as pessoas que serviam bastante simpáticas ... Estavam sempre a insistir/sugerir com “pasta” e mais “pasta” ... E havia que comer tudo, pois não se podia fugir ao regime, não que nos fosse vedado, mas porque não se conhecia nas imediações, quem servisse um bom prato de bacalhau, ou um bife com ovo a “cavalão” e batatas fritas ...

Havia duas pausas durante o dia ... Uma a meio da manhã e outra a meio da tarde, onde tínhamos sempre café bolos e bolachas que iam aconchegando o estômago...

Este Centro de Congressos, podemos assim classificá-lo, denomina-se «*Instituto Madona del Carmine el “CARMELO” - Padri Carmelitani*» ... Parece-nos que é pertença dos Padres Irmãos Carmelitas, mas a verdade é que não “avistamos” nenhum por ali ...

Ficamos mais três dias em Roma, com outros nove casais portugueses e o Senhor Cónego António Janela - tarde de 5.<sup>a</sup> feira a domingo de manhã ... Ficamos alojados no Pontifício Colégio Português - onde estão alguns Padres Açorianos, entre os quais o Adriano, irmão do Paulo e José Borges ... É muito próximo do Vaticano ... Dá para ir e vir a pé, sem grande esforço ... Dividimo-nos em subgrupos, para uma melhor gestão das forças, consoante o conhecimento que alguns já tinham de Roma e a resistência que cada um ainda dispunha, seguindo, mais ou menos, o itinerário que nos dera um casal RP que vivera em Roma e que à última hora não pode acompanhar-nos ... À noite reuníamo-nos para jantar, partilhar o dia e rezar um “pouquinho” porque as forças já não era muitas ...

Fomos também - todos os vinte um - à Basílica de S. Paulo - extra muros - onde participamos na Eucaristia do sábado, dia 31, presidida por um Bispo que era um “pauliano” em toda a acepção da palavra ... Apeleu, sobretudo ao “testemunho” de

vida, no mundo actual, em que o ser cristão é posto à prova como no tempo das perseguições dos primeiros anos da era cristã ... Não importa o que se “foi” mas o que se “é” depois da “conversão”, da “metanóia” como ele referiu ... Foi um “passo” muito importante a nossa “peregrinação” aos lugares do Apóstolo S. Paulo” ... É igualmente um Monumento lindíssimo, embora mais sóbrio do que a Basílica de S. Pedro ... Mas vive-se ali um “clima espiritual” diferente, mais “terreno” ...

E chegamos do domingo ... Pelas 08H30, tomamos o autocarro para o Aeroporto de Fiumicino ... E, às 11H55, embarcamos rumo a Lisboa onde chegamos 13H55 ...

E é tudo ... Tudo ainda não, mais um pormenor que nos parece relevante ... No meio de cerca de 150 casais vindos de todo o mundo equipista é de salientar a presença de três casais com raízes açoreanas ... Nós, Valentina e António, RR dos Açores, o casal que já referimos, que fazia parte da nossa equipa mista, a Ana e Luís Nunes, RR da Califórnia e o casal Inês e José Varão, ela natural do Livramento e ele da Lagoa, que emigraram para os USA nos anos 1969/1970, os RR da Nova Inglaterra ...

Não resta dúvida que uma terra tão pequena e esquecida como a nossa, teve neste EIRR uma representação muito significativa ... Pelo menos, em termos percentuais ninguém nos suplantaria ...

E não será mesmo uma “mensagem lá de cima” para que aqui, no “berço” das nossas origens, nos esforcemos ainda mais, para que as ENS cresçam, floresçam e dêem muito fruto? ... Como descodificar este “alerta”? ... Dá que pensar ... Temos de pensar juntos, no seio dos nossos Sectores e na intimidade das equipas de base ... Há muito caminho ainda a percorrer ... Tenhamos força, ânimo e coragem para vencer os obstáculos que vamos, naturalmente, sempre encontrar ... Não estamos sós ... ELE disse e não falha: **“EU ESTAREI SEMPRE CONVOSCO”** ... Rezemos e confie-mos, agindo com dinamismo e perseverança, pondo em prática os ensinamentos do Padre Caffarel ... **«PROCUREMOS JUNTOS»!**...A resposta virá a seu tempo ...

Se estiverem interessados nos temas que foram tratados no Encontro, bem como no “guia litúrgico”, fotocopiá-los-emos para vos enviar ...

*Um abraço muito amigo ...*

## PRÓXIMAS VISITAS DO SR

• Maio, Junho e Outubro 2009.



RITA E JOAQUIM CARVALHO

# ORAÇÃO

Passaram-se 50 anos desde que o Padre Caffarel lançou mais este desafio de ajuda às dificuldades vividas por casais no seu matrimónio cristão. Crente do extraordinário valor da oração, o Padre Caffarel (ele próprio um orante persistente e convicto) não vacilou perante os perigos e sacrifícios que corriam (e correm) os casais cristãos.

Assim, por inspiração divina (mais uma) do Padre Caffarel, nasceu a família dos intercessores. Em 1960 fez um apelo para que se oferecessem voluntários como “Veladores” para rezarem juntos pelos casais cristãos. Em 1967 esse apelo chegou a Portugal e foi ouvido por um grupo de casais das ENS que através da sua prece se juntaram a esta rede de oração. Embora timidamente o grupo português tem vindo a crescer com a ajuda do Senhor, também Ele um intercessor por todos nós junto do Pai; ao todo existem cerca de 2000 pessoas em 30 países e em Portugal somos actualmente 131 os comprometidos com este pedido do Padre Caffarel. Com a ajuda do Senhor e a disponibilidade e entrega dos equipistas esperamos que este número cresça

***“Venho fazer-vos uma proposta: proponho-vos que rezem por cada casal e muito especialmente por aqueles que, particularmente, convosco contam.***

***Ela encontrará bom acolhimento junto de alguns de vós, a julgar pela adesão de alguns a quem tive ocasião de a submeter de viva voz”***

Padre Henri Caffarel – Maio 1959

para assim conseguirmos uma corrente de entreatura contínua, sem “elos” partidos. Jesus conta com todos para que este apelo do Padre Caffarel tenha também resposta sentida e profunda nas ENS de Portugal.

## **QUEM SOMOS NÓS, HOJE, OS INTERCESSORES?**

Somos uma família de cristãos, que acreditam na força da oração como veículo importantíssimo para obter as dádivas de Cristo. Se Ele próprio nos disse que tudo o que pedirmos ao Pai em seu nome nos será dado, quanto mais eficaz não será a nossa súplica para obtermos o que pedimos se soubermos que ela é feita em cadeia de oração.

O que distingue os intercessores de outros grupos de oração é exacta-

mente a sua especificidade de oração pelos casais cristãos em dificuldades. E sabemos como, nos dias de hoje, é necessária essa entreajuda.

Em Portugal, os intercessores estão distribuídos por todo o país e são constituídos por pessoas pertencentes ou não às ENS interessadas em ajudar através da oração, do jejum ou da oferta da sua vida quotidiana, todos aqueles que necessitam dessa ajuda e de serem acompanhadas nas suas privações, conseguindo uma rede de oração a nível mundial intercedendo junto de Deus; a força da sua oração será então muito mais intensa e poderosa.

Nos intercessores além dos orantes (os que rezam 1 hora por mês, pelo menos, em horário pré-determinado de acordo com as disponibilidades), há os oferentes - os que oferecem as suas "cruzes" diárias por uma intenção - e os jejuadores - os que jejuam 1 vez por mês.

A oração, o jejum e a oferta diária são as três possibilidades propostas aos intercessores:

- O compromisso de uma hora de oração mensal (com hora do dia e data do mês pré-determinado), fixa e se possível durante a noite, ou
- O compromisso de um dia de jejum por mês, igualmente em data fixa, ou
- Oferta da sua vida diária, das suas privações, das suas alegrias ou da sua oração; isto para aqueles que não podem assegurar um compromisso regular.

*... Se verdadeiramente amamos a Deus e ao próximo, nenhum obstáculo impedirá a nossa boa vontade. Quando os anjos cantaram: "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade", proclamavam bem-aventurados, não só pela virtude da benevolência mas também pelo dom da paz, todos aqueles que, por amor, se compadecem do sofrimento alheio.*

(do Sermão de S. Leão Magno, Papa)

Somos o casal Rita e Joaquim Castro Carvalho; somos membros das ENS desde Maio 1985. Pertencemos à equipa Nova Oeiras 2, Sector Oeiras A (Região Cascais/Oeiras). Durante estes anos a nossa caminhada como equipistas, têm-nos dado imensas alegrias e uma riqueza espiritual e conjugal que muito dificilmente conseguiríamos alcançar se não pertencêssemos às ENS. Fomos RE, CL, CR Sector e pertencemos à equipa fundadora dos Encontros de Equipas Novas. Agora somos o casal responsável pelos intercessores.

Vimos pedir para que entrem para esta família. Ser Intercessor é, como nos foi dito, tomar na nossa oração, no nosso jejum ou na nossa oferta, todas as necessidades humanas, necessidades espirituais e necessidades materiais, para as apresentar a Deus, não só mas em união com Cristo, sempre vivo e presente para interceder por nós.

*Unidos em Cristo.*



"Não fostes vós que me escolhestes  
fui Eu que vos escolhi a vós e vos destinei a ir  
e a dar fruto, e fruto que permaneça; e assim,  
tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome  
Ele vo-lo concederá."

## ENS – INTERCESSORES

Felicitemo-la(o) pela dedicação à causa dos intercessores e esperamos (nós e o Senhor) poder continuar a contar com as suas orações. Por favor inscreva-se indicando os seguintes elementos:

- Qual a hora do dia e o dia do mês em que se compromete à oração;
- Qual o seu contacto telefónico e se possível e-mail;
- Contacto de pessoa conhecida (não é obrigatório pertencer às ENS) que, des-  
pertada para o valor e a importância da oração, esteja disponível para este  
compromisso.

### FICHA DE ADESÃO

Apelido \_\_\_\_\_ Nome próprio \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

Contactos: Telefone \_\_\_\_\_ Endereço Electrónico \_\_\_\_\_

Pertence às Equipas de Nossa Senhora? Se sim refira qual \_\_\_\_\_

#### **Inscreva-se para:**

- Oração mensal: Dia do mês \_\_\_\_\_ Hora: das \_\_\_\_\_ às \_\_\_\_\_

- Dia de jejum \_\_\_\_\_

- Oferta da vida diária \_\_\_\_\_

#### **Envie para:**

**Rita Castro e Joaquim Carvalho**

Rua Bartolomeu Dias, 1

2780-311 OEIRAS

Telefone 21 442 8881 - Telemóvel 96 942 6736

**ritacastro@netcabo.pt**

# ANO SANTO PAULINO

Já temos 60 inscrições ... mas podem ainda inscrever-se

## PEREGRINAÇÃO DAS ENS AOS PASSOS DE S. PAULO 8 A 15 DE JUNHO DE 2009

(Acompanhada pelo Senhor Padre Joaquim Garrido)

### PROGRAMA PRELIMINAR DE VIAGEM

DIA 8 (Seg.) – LISBOA / ISTAMBUL

DIA 9 (Ter.) - ISTAMBUL

DIA 10 (Qua.) – ISTAMBUL / ADANA / ANTIOQUIA (Antioquia da Siria) / ADANA

DIA 11 (Qui.) – ANTIOQUIA / TARSO / CAPADÓCIA

DIA 12 (Sex.) - CAPADÓCIA

DIA 13 (Sáb.) – CAPADÓCIA / KONYA / PAMUKKALE

DIA 14 (Dom.) – PAMUKKALE / ÉFESO / KUSADASI

DIA 15 (Seg.) – KUSADASI / IZMIR / LISBOA

PREÇO POR PESSOA (Mínimo de 40 participantes):

**Quarto duplo: 1.250,00 euros – Suplemento quarto individual: 220,00 euros**

## BOLETIM DE INSCRIÇÃO

1. Nome Completo (conforme Bilhete de Identidade)

Data de Nascimento \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_ Telefone / Telemóvel: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Morada: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_ Código Postal \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

Equipa \_\_\_\_\_ Sector \_\_\_\_\_ Região \_\_\_\_\_

2. Nome completo (conforme Bilhete de identidade)

Data de Nascimento \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_ Telefone / Telemóvel: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Morada: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_ Código Postal \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

Equipa \_\_\_\_\_ Sector \_\_\_\_\_ Região \_\_\_\_\_

3. Nome completo (conforme Bilhete de Identidade)

Data de Nascimento \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_ Telefone / Telemóvel: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Morada: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_ Código Postal \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

Equipa \_\_\_\_\_ Sector \_\_\_\_\_ Região \_\_\_\_\_

**Tipo de Quarto** Single \_\_\_ Duplo \_\_\_ Triplo \_\_\_

## INSCRIÇÕES

Favor enviar esta ficha de inscrição para o secretariado, até **15 de Abril de 2009**, por correio, fax ou e-mail e aguardar a recepção das indicações que vos serão enviadas. O pagamento só deverá ser efectuado posteriormente. Secretariado das ENS: Avenida de Roma, 96 – 4.º esquerdo. 1700 – 352 Lisboa  
Tel: 21 842 93 40/1/2; Fax: 21 842 93 45; E-mail: ens@ens.pt; internet www.ens.pt

# PARTIRAM PARA O PAI

*“Felizes aqueles servos  
que o Senhor, quando vier,  
encontrar vigilantes”*

*Lc 12, 37*

**Teresa Abreu Silva**

Equipa ECL 2, Madeira

**Manuel Carvalho**

Equipa Porto 70

**Maria Emília Caldeira**

Equipa Porto 121

**João Nuno Marinho Fernandes**

Equipa Porto 19

**Victor José Marinho Fernandes**

Equipa Porto 57

**Mário José Teixeira Pereira**

Equipa Covilhã 8

**Babette Miranda Avillez**

Equipa Lisboa 3

**José António Rebelo Fernandes**

Equipa Lamego 2

**Cónego Carlos da Silva**